

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

ANTÔNIO GILBERTO BALBINO
RA 002200600470

UMA CIDADE, UMA ESCOLA, MUITAS HISTÓRIAS: O INSTITUTO SANTA
DOROTÉIA DE POUSO ALEGRE - MG (1911-1976)

ITATIBA
2008

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

ANTÔNIO GILBERTO BALBINO
RA 002200600470

UMA CIDADE, UMA ESCOLA, MUITAS HISTÓRIAS: O INSTITUTO SANTA
DOROTÉIA DE POUSO ALEGRE - MG (1911-1976)

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Educação na Linha de Pesquisa: História, Historiografia e Idéias Educacionais da
Universidade São Francisco, sob orientação da Professora Doutora Maria Ângela Borges
Salvadori.

ITATIBA
2008

37(81)(091)
B145c

Balbino, Antônio Gilberto.

Uma cidade, uma escola, muitas histórias: o Instituto Santa Dorotéia de Pouso Alegre – MG (1911-1976) / Antônio Gilberto Balbino. – Itatiba, 2008.
108 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.

Orientação: Maria Ângela Borges Salvadori.

1. História da educação. 3. Pouso Alegre (MG).
3. Memória. I. Salvadori, Maria Ângela Borges. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

DEDICATÓRIA

Para José Arlindo Balbino (*in memorian*), meu pai.
Incansável na busca da felicidade dos seus filhos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Dra. Maria Ângela Borges Salvadori, pela orientação acadêmica, ensinamentos, sugestões, paciência e incentivos dados durante esta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco, Professor Dr. Moysés Kuhlmann Júnior e Professora Dra. Rosário Silvana Genta Lugli, pelo muito que aprendi em suas aulas.

Às Professoras, Dra. Mara Regina Martins Jacomelli e Dra. Vivian Batista da Silva, pelas valiosas contribuições oferecidas no exame de qualificação.

Às ex-alunas do ISD, que me concederam entrevistas, pela atenção e partilha de suas vivências.

À Irmã Maria do Carmo Albuquerque, Madre Provincial da Congregação de Santa Dorotéia e Frassinetti – Província Brasil-Sul, pela abertura dos arquivos da Congregação.

Aos funcionários do *Museu Histórico Municipal Tuany Toledo* de Pouso Alegre – MG, pela atenção e disponibilidade.

Aos funcionários do *Arquivo da SRE* de Pouso Alegre – MG, pela prontidão no atendimento.

Ao Padre José Dimas de Lima, Chanceler da Cúria Metropolitana, pela generosa recepção no arquivo da Cúria.

À minha mãe, Almerin Faria, e demais familiares, pelo constante apoio.

À minha esposa, Andréia, pelo carinho, incentivo e orações realizadas durante a execução deste projeto.

Aos meus filhos, Izadora e Lênin, pelo afeto e compreensão nos momentos difíceis das minhas ausências.

A CAPES, pelo apoio financeiro no último ano deste projeto.

RESUMO

Este trabalho faz um estudo, na perspectiva da história da educação, da história e memória do Instituto Santa Dorotéia de Pouso Alegre – MG (1911-1976). O estudo tenta compreender a trajetória do Instituto, evidenciando como a escola foi se constituindo em um lugar de consagração de uma determinada visão de cidade, das moças da cidade e de um tipo de comportamento construído através de práticas pedagógicas. Para tanto, são utilizados documentos variados como: textos escritos, de natureza endógena, produzidos no interior da instituição, imagens fotográficas, periódicos locais e regionais. O trabalho comporta, também, as análises de fragmentos da memória oral de ex-alunas internas e externas, possibilitando uma discussão acerca das práticas vividas no colégio e das representações dessas práticas, por aqueles que as vivenciaram no período investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Educação – História – Memória

ABSTRACT

This work makes a study about the history and memory of Instituto Santa Dorotéia in Pouso Alegre – MG (1911-1976) following a perspective of the history of education. The study tries to comprise the trajectory of the institute, evidencing how the school was constituting itself in an acclaimed position in such a view oh the city, of the young women of the city and of a kind of behavior constructed through pedagogic practices. To achieve the objective, various documents are used, such as: texts written of an endogenous nature produced in the interior of the institution, photographic images, local and regional periodicals. The work also contains the analyses of fragments of oral memory given by the former internal and external students allowing a discussion about the practices experienced inside the school and about the meaning of these practices for the ones that lived in the período that was investigated.

KEYWORDS: Education – History - Memory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fachada do Instituto Santa Dorotéia.....	9
Figura 2: Dormitório das alunas internas.....	9
Figura 3: Auditório – Ano de 1942.....	14
Figura 4: Sala do ISD – 1934.....	14
Figura 5: Formandas de 1942.....	15
Figura 6: Interior da capela do Instituto.....	21
Figura 7: Formandas de 1965.....	27
Figura 8: Ensaio do coral do Instituto.....	40
Figura 9: Sala de Trabalhos manuais.....	42
Figura 10: Exposição de trabalhos manuais.....	42
Figura 11: Aula de gymnastica no pátio do Instituto.....	43
Figura 12: Aula de gymnastica no pátio.....	44
Figura 13: Jogos de vôlei – inter-classes.....	45
Figura 14: Jogos de vôlei no pátio do colégio.....	46
Figura 15: Sala de aula do ISD.....	52
Figura 16: A escola no jornal O Linguarudo – Ano XXVI – 1967.....	56
Figura 17: Diploma da Escola Normal da Visitação.....	61
Figura 18: Recepção às autoridades.....	71
Figura 19: Página do jornal Semana Religiosa – aniversário do ISD.....	74
Figura 20: Suplemento – Jornal Semana Religiosa.....	75
Figura 21: Poema dedicado ao Instituto – Jornal Semana Religiosa.....	78

Figura 22: Formandas de 1965.....	82
Figura 23: As Cruzadinhas.....	93

SUMÁRIO

Introdução	
.....	1
Capítulo 1 – Instrução religiosa e educação para a vida urbana	15
Significados do ser professora.....	16
No cotidiano do Instituto: educação e devoção.....	20
As Associações Religiosas.....	23
Formas de conduta e moral católica no Instituto.....	26
Currículo, disciplina e cultura escolar.....	30
Capítulo 2 – A escola e a cidade nos periódicos de Pouso Alegre	52
Símbolos de modernidade no Sul de Minas.....	53
Marcos identitários de Pouso Alegre: religião e imprensa.....	57
O lugar da escola na construção da identidade local.....	59
Capítulo 3 – Lembranças que dão significado ao Instituto	82
A reconstrução do passado: memórias de escola.....	83
Considerações	
Finais	99
Arquivos	
Consultados	101
Documentos	101
.....	101
Jornais e Revistas	102
Dissertações e Teses	103
Referências Bibliográficas	103

INTRODUÇÃO

“A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”.

Ecléa Bosi

A grande admiração que a sociedade pousoalegrense sempre nutriu pelo Instituto Santa Dorotéia motiva a realização deste projeto, que objetiva compreender o cotidiano deste colégio e os significados de sua presença na cidade de Pouso Alegre. Para tanto, parte-se de uma pergunta inicial: qual o lugar da escola na memória das ex-alunas e ex-professoras? Desde a criação da instituição em fevereiro de 1911 até o fechar de suas portas em 1976, o Instituto foi responsável pela formação de muitas professoras da cidade e região e se constituiu em um lugar de consagração de uma determinada visão de cidade, das moças da cidade e da difusão de comportamentos considerados adequados às mulheres. Sua clientela, composta em geral por filhas de fazendeiros, buscava uma educação humanística clássica, herdada do *modus parisiensis* difundido no Brasil, cuja proposta centrava-se no caráter enciclopédico com predomínio dos estudos clássicos. Filhas de fazendeiros e de ricos comerciantes almejavam uma cultura geral letrada. Ainda que separada do poder civil, a Igreja nas primeiras décadas do período republicano, através das congregações religiosas, oferecia uma educação dentro dos padrões europeus, adequada aos anseios de uma burguesia que, nesta região de Minas Gerais, era sustentada pelas atividades agrárias, que começava a se abrir para as atividades industriais, principalmente aquelas trazidas pelos imigrantes italianos, conforme destaca Octávio Miranda Gouvêa (1998, p.137): “A corrente imigratória italiana foi a mais numerosa. A partir de 1880 começaram a chegar os primeiros imigrantes: João e Pedro Scapulatempo (comerciante e caldeireiro); Antônio Rigotti (fábrica de cerveja e mercearia); Pedro Chiarini (agricultor e comerciante); Girolamo Pagliarini (hotel e barbearia); Ângelo Guersoni (olaria e cerâmica); Nicola Laraia (sapataria); Francisco Campanela (relojoaria e casa de bicicletas); Francisco Matragrano (fábrica de calçados); Rizziere Butti (fábrica de bebidas e cerveja); Isidoro Tiburcio (fábrica de móveis); Artur Carletti (casa de móveis); Victor Laraia (curtume) ...”.

Em Minas Gerais, apesar de algumas mudanças anteriores, foi com a *Lei n.º. 439*, de 28 de setembro de 1906, no governo de João Pinheiro, inspirada nas mudanças ocorridas em São Paulo por ocasião da implantação da Reforma Caetano de Campos, que a instrução pública mineira recebe uma nova organização. Expandem-se para o interior do Estado as escolas normais, principalmente aquelas voltadas para a formação das moças que seriam futuras professoras.

O Sul de Minas recebeu ainda no final do século XIX várias instituições voltadas para a educação de meninas, nas quais eram “educadas” e “adaptadas” aos valores norteadores da época. Institutos em regime de internato, comandados por religiosas, estruturavam-se com a pretensão de preparar as moças para que, em sociedade, pudessem cumprir bem o papel destinado a elas. Neste processo, Pouso Alegre foi uma das cidades pioneiras ao receber um Instituto de educação para mulheres, iniciativa ligada à grande influência do clero na cidade. Àquela época, o bispo local viajara à Itália com a missão de convidar as religiosas da Congregação de Santa Dorotéia para assumir a direção da futura Escola Normal para meninas.

A história desta escola está diretamente relacionada à trajetória das irmãs de Santa Dorotéia. Esta santa, virgem e mártir em Cesaréia da Capadócia, no século IV, tomada como protetora da juventude feminina por, de acordo com a tradição religiosa, ter convertido na prisão duas jovens que tentavam pervertê-la. A Beata Paula Frassinetti, fundando em 1834 na cidade de Gênova o seu Instituto, deu-lhe inicialmente o nome de Instituto das Filhas da Santa Fé e, pouco depois, aceitou a responsabilidade da “Pia Obra de Santa Dorotéia”, fundada em Bergamo na Itália, no ano de 1815, por D.Luca Passi, para a preservação da juventude pela correção fraterna, substituindo o nome primeiro por “Instituto de Santa Dorotéia”.

Escondida entre as tranqüilas montanhas do Sul de Minas, Pouso Alegre se isolava dos grandes centros devido à precariedade dos meios de comunicação e transportes. Porém, com a inauguração dos trilhos da Rede Sul-Mineira em 1895, todo o Sul de Minas teve acesso às cidades maiores. A região caminhava a passos largos para o crescimento urbano. A nova sociedade urbana emergente, sob a hegemonia das elites dirigentes, impulsionada pelos imigrantes europeus que trouxeram a sua experiência em atividades agrícolas, artesanais, comerciais e industriais, buscava uma educação mais abrangente para suas filhas. Estas famílias pertencentes às oligarquias rurais ainda exerciam um forte controle das relações sociais nas cidades do interior de Minas. Neste momento de transição, em que

o mundo rural vivido na pequena Pouso Alegre vai sendo substituído por ideais da burguesia de tradição rural, que vê na educação papel imprescindível para execução de seus projetos centrados na ideologia positivista. Instituições católicas escolares, como o Instituto Santa Dorotéia, estavam a serviço das elites brasileiras, apesar da tendência dos reformadores voltados para a laicização do ensino. A Igreja, neste sentido, ainda exercia seu poder sobre os mineiros. As filhas dos membros da classe trabalhadora (rural como também operárias urbanas) ficavam à margem deste processo.

O Instituto foi criado na segunda década do período republicano, momento em que se constata a ausência de mudanças nas estruturas sociais no interior do Estado, consequência das tradicionais estruturas existentes em Minas. O tradicional comportamento herdado do período colonial português tornava-se incompatível com a incessante busca da cultura moderna por parte das famílias ricas da região. Além de saber dirigir a casa, exigia-se também saber ler, escrever, conversar, conhecer etiqueta, línguas estrangeiras, trabalhos manuais, música e pintura. As tradicionais famílias desejavam inserir suas filhas no campo das letras, porém não abriam mão da moralidade e da religiosidade. As dificuldades de comunicação e transportes fizeram com que os pais procurassem os internatos, onde as mestras fariam papel de mães, já que as meninas a elas eram confiadas.

Sendo assim, o projeto educativo das Dorotéias correspondia aos anseios destas famílias que priorizavam a formação cristã, através dos ensinamentos religiosos e morais e, em segundo plano, a instrução cultural e artística centrada nos princípios humanistas, conforme ressalta Riolando Azzi:

As Dorotéias, por sua vez, foram fundadas em meados do século XIX, quando a sociedade burguesa estava em afirmação progressiva na Europa, enaltecendo os novos valores da cultura letrada, do trabalho, bem como apregoando a abolição dos privilégios dinásticos. Esse contexto social tornava as irmãs italianas mais sensíveis aos valores da modernidade, tanto mais em se tratando de uma fundação originária do norte da Itália. (AZZI, 2000, p.168).

Dentre as congregações religiosas femininas dedicadas exclusivamente à educação, as Dorotéias foram as primeiras a chegarem ao Brasil. A vinda das religiosas foi ao encontro do projeto da igreja católica, o ultramontanismo. O pensamento ultramontano, surgido na França no século XIX, liderado pelos pensadores Joseph Marie de Maistre,

Hughes Felicité Robert de Lamennais, Louis Veuillot, dentre outros, refere-se à doutrina e política que busca em Roma a sua principal referência, reforçando e defendendo o poder e as prerrogativas do Papa em relação à disciplina e à fé. O discurso ultramontano inspirado nas Encíclicas *Mirarivos* (Gregório XVI), *Qui Pluribus* (Pio IX) e *Quanta Cura* (Pio IX), apregoava um ensino que correspondesse ao ideário da Igreja e das elites.

As freiras dessa ordem consideram que sua identidade fundamental – o que é designado em termos religiosos como “carisma” – é dada pela preocupação com a educação desde os primórdios de sua origem. A Madre Maria Benedita Souza em seu artigo , *Um ideal apostólico*, publicado na revista da escola, destaca:

Propôs-lhe o irmão sacerdote abrir uma escola para as crianças pobres da localidade e o coração de Paula se rejubilou! Era o que pretendia na vida: fazer da educação seu meio de apostolado. O binômio, educação-instrução, seria o valor, que manejaria, para levar as almas a Deus, santificando-se, aperfeiçoando-se e levantando-se a si e aos outros a altura do Divino Amor! Ei-la, pois no que seria o noviciado de sua grande vida de Santa Apóstola da educação. Abre-se a Escola e a jovem mestra se dá ao ensino das técnicas fundamentais da cultura: ler, escrever e contar, ao mesmo tempo em que adestra as pequeninas mãos nas artes aplicadas e lhes forma o coração e o caráter pela doutrina cristã. (SOUZA, 1957, p.12).

As Dorotéias difundiam seu trabalho no Brasil desde o ano de 1866 quando em Pernambuco fundaram um colégio. Colaboravam com os bispos, promovendo entre as alunas e suas famílias os princípios religiosos dentro do modelo ultramontano. Vieram de Portugal para Pouso Alegre devido à situação política criada pela Revolução Republicana Portuguesa, em fins de 1910, cujo governo expulsou violentamente de suas casas e colégios todas as religiosas, deixando o país e, aproveitando o convite de Dom Antônio Augusto de Assis, estabeleceram-se na cidade para dirigir a Escola Normal. Uma das irmãs, responsável pela ata do dia da casa, assim relata o momento vivido:

No quarto dia da Revolução, 3 de outubro de 1910, durante a manhã, apareceram na quinta das irmãs, tendo escalado, os muros, uns homens esquisitos e mal encarados, uns com armas, outros sem elas, mas que se via tinham estado a combater... A madre superiora, juntando todas as irmãs, levou-as para a portaria, lugar da casa onde as balas não podiam atingir,

porque as paredes eram interiores [...] No entanto, os tiros não cessavam, e as irmãs também não cessavam de rezar. Passava das onze horas da noite! Assim se esteve até a 1 hora e tanto. Então, de repente, começaram os tiros, ouviram-se vozes de homens à porta, e de novo os gritos: Fogo! Fogo! A madre superiora, depois de ter feito, em voz alta, umas súplicas muito bonitas a Nosso Senhor, implorando proteção para suas filhas, assegurou, mais uma vez, que ninguém as tocaria.

- Temos de abrir a porta antes que deitem fogo à casa.

- Irmãs, venham comigo, e não tenham medo; já estamos fortes com a força de Jesus. Encaminhou-se, então, para a porta de vidro, que a irmã abriu, e dizendo as irmãs que formassem alas para deixar passarem os homens, se eles entrassem, mandou abrir a grande porta que dava para o jardim da entrada. A rua estava tão cheia de fumo, que não se podia distinguir nada; mas, pelo rumor de vozes, percebia-se que deviam lá estar muitos homens. Sem abrir o portão de ferro, a madre superiora perguntou em voz alta – Os senhores que querem? - Abra em nome da República! Disseram, gritando da rua. ... Os revolucionários postaram-se em diferentes lugares da casa, uns com espingardas, outros sem arma nenhuma, como sentinelas. (1910, p. 2).

E assim, as irmãs foram desocupando suas casas, e fugindo às pressas do país em fase de implantação do novo regime, que não via com bons olhos a atuação dos religiosos, considerados defensores da monarquia.

Uma vez no Brasil, as Dorotéias fundaram, em 11 de fevereiro de 1911, a Escola Normal Santa Dorotéia, por meio da Madre Antonieta Montani Leoni - provincial da Congregação de Santa Dorotéia. Foi equiparada à Escola Normal do Estado pelo *Decreto de nº. 3.256* de 25, de julho do mesmo ano.

As aulas do Curso Normal iniciaram-se em março de 1911 ainda no Convento da Visitação, pois os reparos no sobrado onde funcionaria o colégio estavam atrasados. As idas e vindas das irmãs até o convento e as limitações da casa alugada, contrastavam com a realidade deixada na Europa, conforme destacou a cronista da casa, ao lamentar os desgastes físicos, principalmente das irmãs idosas como também a simplicidade da nova moradia. Os desafios seriam superados no dia 7 de abril com a mudança para o sobrado cedido por uma família no Largo da Catedral. Porém, já no início de 1912, o prédio

mostrou-se pequeno para atender a procura dos pais de toda a região do Sul de Minas, e mais alguns cômodos foram construídos, conforme relata a cronista da casa:

No começo do ano letivo de 1912 de toda a parte pediam programas para as internas, sendo estas agora em novembro já 46, quase todas da cidade e povoações distantes, e algumas saídas de outros colégios religiosos e seculares, dos principais do Sul de Minas, não vindo mais por constar que a casa é pequena. As externas chegaram a 90 este ano de 1912. (Carta Anual, redigida em 14 de dezembro de 1912).

O trabalho das irmãs popularizava-se na região e o número de alunas era crescente, forçando-as em janeiro de 1914 a mudarem para o palácio episcopal. A cronista registra:

Tendo o Sr. Bispo oferecido à Revda. Madre Superiora o Palácio Episcopal para ali se estabelecerem as irmãs, por se ter tornado insuficiente o sobrado para o crescido número de alunas internas. S. Reverência telegrafou à Revda. Madre Provincial perguntando se podia aceitar a proposta. A 22 chegou a licença da Revda. Madre Provincial, e em vista disso começou-se a mudança. No dia 30, às 6 e 30 da manhã o nosso capelão celebrou pela última vez na capela do sobrado, e consumiu o Santíssimo Sacramento. Deixamos então a primeira casa em que funcionou o nosso Colégio, e fomos para o Palácio Episcopal... Crescendo o número de alunas, de modo que já não cabiam nos dormitórios do palácio, fomos obrigadas a mandar diversas alunas a dormirem na Casa chamada de D.Nery. (História da casa de Pouso Alegre, livro 1, 1914, p.15).

A transferência das Irmãs da Visitação para São Paulo em 1915 e a eleição do novo bispo de Pouso Alegre forçaram a saída das irmãs do Palácio e, em dezembro do mesmo ano, após o término das aulas, a mudança foi realizada para o Convento, funcionando os cursos, primário e normal. Neste, as atividades pedagógicas foram intensificadas em razão do aumento extraordinário das matrículas. A permanência das irmãs no convento foi curta, em razão da solicitação do Governo Federal pedindo o espaço para instalação do 8º *Regimento de Artilharia Montada*. A revista “*A cultura*”, em edição comemorativa do centenário da cidade, destaca esse momento:

No ano de 1918 surgiu uma anormalidade para a vida plácida da Escola Normal. Procurando o Governo Federal um prédio no Sul de Minas, para a localização de um regimento de artilharia, e, sendo lembrada a cidade de Pouso Alegre, para atender aos desejos da população, o Exm^o. Sr. Bispo Diocesano achou conveniente propor-se ao Governo Federal a venda dos edifícios do Colégio Diocesano e do Convento da Visitação. Depois de muitas negociações, a venda foi efetuada, recebendo as Irmãs Dorotéias uma indenização de Cr\$ 35.000,00 para auxiliar a construção de um novo edifício, que é o atual, construído a Rua Adalberto Ferraz, sob a inspeção da diocese e a direção técnica do construtor Mario Gissoni. Feitos os preparativos mais urgentes, no dia 27 de junho, festa nesse ano da SSm^o. Coração de Jesus, orago da nova Capela, foi celebrada a primeira Missa pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Otavio Chagas de Miranda, realizando-se, em seguida, a bênção de todo o prédio. Este ato foi acompanhado, com distinção pelas autoridades locais, pelos oficiais do regimento, e pelas famílias das alunas e ex-alunas. A satisfação foi geral. (folha especial – “A Cultura” em revista – edição comemorativa do centenário, 1948, p.3).

Em 29 de junho de 1919, inaugura-se o imponente edifício, terminando, assim, a prolongada fase de transferências do colégio, agora confortavelmente instalado no centro da cidade. O projeto arquitetônico sofrera influência do modelo de construção de escolas normais, difundido nas capitais e cidades próximas. Uma arquitetura voltada para a educação que se preocupará com a organização do espaço escolar, contribuindo, assim, para a composição de uma paisagem urbana que expressava o requinte dos materiais, como também dos estilos arquitetônicos importados, principalmente da Europa, conforme Ester Buffa e Gelson de Almeida Pinto destacam:

Impossível não distinguir, com clareza, na paisagem da cidade, um edifício imponente onde funcionava um Grupo Escolar construído nas primeiras décadas do período republicano. Situados em regiões nobres, esses edifícios marcam, definitivamente, pela imponência e localização, seu significado no tecido urbano. Não se trata de mero acaso. Os terrenos foram estrategicamente escolhidos e os projetos judiciosamente desenvolvidos. A localização privilegiada, ao lado de importantes edifícios públicos, no centro da cidade, garantia sempre que os alunos

percorressem e reconhecessem a cidade e suas instituições antes mesmo de chegarem à escola. (2005, p.43)

A preocupação com luminosidade e ventilação se materializava nas sacadas e nas amplas janelas espalhadas por todo o prédio. Afinal, era necessário implantar os princípios norteadores da higiene, difundidos pelos pedagogos e higienistas no início do período republicano, preocupados em inculcar uma nova consciência sanitária no povo brasileiro, respaldada pela ciência.

As construções escolares sofrerão fortes influências dos engenheiros e médicos sanitários, empenhados em introduzir na nação brasileira, novos hábitos compatíveis com uma sociedade que procurava ser mais civilizada, conforme ressalta Cynthia Greive Veiga (2007): “entre os eugenistas e higienistas, havia os que interpretavam a possibilidade de resolver o problema da degenerescência da raça por meio de políticas sanitárias e da educação”.

Funcionando em prédio apropriado para aquela finalidade, o colégio passou a denominar-se Instituto Santa Dorotéia, registrando um elevado número de alunas, cerca de 300, em média anual, conforme quadro demonstrativo anexado no *relatório da inspeção prévia*, elaborado pelo inspetor federal, Dr. José Garcia Coutinho, em 1944.

Era destinado somente às moças que ainda adolescentes, em regime de internato, externato e semi-internato, lá ingressavam buscando prestígio, conhecimentos, preceitos morais e religiosos em conformidade com os princípios da época. O saber formal e as práticas das virtudes legitimavam a valorização do Instituto perante as famílias das alunas.

A foto, datada de 1940, destaca a imponência do prédio, construído no centro da cidade, lugar de destaque para facilitar o acesso e a visibilidade desejada por seus idealizadores.



Figura 1 – Fachada do ISD, construído em 1919. (Fonte: arquivo da Congregação – SP)

A preocupação com a ordem é vista na organização dos dormitórios das internas, com predomínio da cor branca, expressando a preocupação com a disciplina, higiene e limpeza das alunas. A foto, de 1940, mostra o interior do Instituto, construído para acolher meninas de cidades da região.



Figura 2 – Dormitório das alunas internas (Fonte: arquivo da congregação – São Paulo).

Ao eleger a questão da memória, este projeto procurou compartilhar um caminho de investigação que, atualmente, é adotado por outros historiadores da educação, preocupados em superar uma tradição que limitava a história da educação ao estudo de idéias pedagógicas ou normatizações de caráter mais oficial. Um novo olhar, sim, conforme destaca Marta Maria Chagas Carvalho:

A ênfase da nova historiografia na materialidade das práticas, dos objetos e de seus usos produz um novo modo de olhar e interrogar as fontes disponíveis.
(CARVALHO, 2004, p.63)

Olhar compromissado, que busca ultrapassar o “senso comum”, focalizando aspectos do cotidiano escolar lá vivenciado. Compreender assim, o passado num diálogo constante com o presente. Não basta “descrever o passado”, mas ir além, inquirindo experiências educativas e escolares, traçar paralelos, ampliando nosso olhar sobre a realidade educativa e pedagógica.

No trato com os documentos oficiais do Instituto Santa Dorotéia, tomando como exemplo o processo inquisitorial sofrido por Menocchio, conforme relata Ginzburg em *O Queijo e os Vermes* (2005), buscam-se indícios que as aparências ocultam e a valorização de vestígios por vezes secundarizados. Busca-se ainda, a partir da perspectiva da micro-história, as particularidades que a oralidade poderá resgatar, tendo em vista a produção do conhecimento histórico.

Recorremos a Edward Paul Thompson como parte de nosso referencial teórico nesta busca de compreensão do passado humano. O passado, ressalta Thompson, não é “revelado”, mas sim “construído” (1981, p.50) a partir de experiências que, às vezes, podem estar fragmentadas e até mesmo ofuscadas pelo desgaste dos anos vivenciados. Logo, fragmentos de um tempo que deixou marcas serão retomados em constante diálogo com os sujeitos, aos quais procuramos dar visibilidade através deste estudo.

Neste processo de reconstrução das memórias, o estudo apóia-se em Walter Benjamin, que reafirma o retorno da memória imaginativa ao passado para buscar nele os vestígios que o tempo sufocou, com o propósito de tentar juntar estes fragmentos e dar-lhes sentidos. Este filósofo alerta-nos que, grupos de poder podem ter abafado pela força e violência este passado. Todavia, é possível recuperá-lo não de forma linear, mas reconstruí-lo a partir de novas experiências. Estas forças, como também parte da

historiografia burguesa apontada por Benjamin, têm nos apresentado uma análise do passado desfigurada e descontextualizada, que se apóia numa concepção de tempo cronológico, conforme destaca Benjamin (1985, p. 229): “*A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”*”.

Regimes autoritários, semelhantes aos vivenciados por W. Benjamin (1892 – 1940), constroem dispositivos de poder que abafam a memória coletiva, desprezando experiências, através de uma reflexão histórica extremamente tendenciosa. Neste processo, em que se dá o abafar da memória, faz-se uso de ações violentas como meios para a dominação subjacente. Vale ressaltar que, a própria trajetória de vida de Benjamin suscitou a valorização da experiência (*Erfahrung*), não no sentido romântico e nostálgico, mas como vivência coletiva, que dá sentido à existência de um indivíduo ou de uma comunidade. Portanto, a reconstrução da experiência permitirá aproximar da memória, fornecendo um conhecimento atualizado do passado. Neste sentido, as experiências das ex-alunas e ex-professoras do Instituto Santa Dorotéia, aparentemente ofuscadas pela longevidade da vida, são reconstruídas à medida que se aproximam da memória.

Este projeto possibilita aproximar-se deste passado vivido e verbalizado por senhoras dispostas a partilhar suas experiências. A história oral, enquanto método de pesquisa, permite recuperar a experiência conforme concebida por quem a viveu. Trata-se de um método privilegiado de investigação que amplia as possibilidades de devolver voz àqueles que, em meio a diferentes conflitos, muitas vezes, foram silenciados, esquecidos ou rejeitados na história registrada pelos grupos dominantes. Este método não é recente; na antiguidade, os historiadores Heródoto e Tucídides fizeram uso deste para construir narrativas históricas sobre o passado. Porém, somente no século XX a história oral adquire reconhecimento entre os historiadores como metodologia de produção de fontes documentais. Portanto, as entrevistas passaram a ter *status* de documento, estabelecendo uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história. Na origem, os estudos relativos à história oral enfatizavam suas riquezas enquanto lugar de retomada da chamada “história dos vencidos”. Daí que, nos primeiros tempos, os trabalhos com história oral estivessem mais ligados ao movimento operário e ao universo dos não-letrados. Hoje, contudo, esta metodologia vem sendo utilizada de modo mais amplo. No campo particular desta pesquisa, foram entrevistadas senhoras que ocuparam diferentes lugares sociais, ora fortalecendo o ideário da escola, ora contrapondo-se a ela.

Muitas das entrevistadas acreditavam inicialmente que suas palavras pouco podiam contribuir para este trabalho. Portanto, a primeira preocupação foi ressaltar a importância e valor da partilha de suas experiências como fonte para produção de conhecimento histórico, conforme alerta-nos Benjamin na *tese 3, Sobre o conceito de história*:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. (BENJAMIN, 1985, p. 223).

A postura adotada foi de sensibilizar as entrevistadas através de conversas informais, esforçando-se para evitar que o passado se perca no esquecimento, mas pelo contrário, salvá-lo no presente, criando motivações que permitam a recordação, evidenciando aquilo que a história insiste em esquecer. Ao mesmo tempo, valoriza-se este mesmo presente, que oferece condições para a reconstrução do passado, resgatando o sentido daquelas histórias relegadas pelo tempo, e desenvolvendo assim nossas potencialidades, como sujeitos da história.

Um aspecto deste trabalho a ser ressaltado, e inclusive é refletido por Halbwachs, ao nos advertir que o passado pode passar pelo processo de “desfiguração” ao ser colocado no presente, pois os modelos, padrões e valores do presente modelam o passado, principalmente quando se trabalha com uma instituição comandada por religiosas. As lembranças das ex-professoras e ex-alunas, por vários momentos, emergiram apoiando-se nas práticas religiosas de hoje. Portanto, constata-se a ingerência do cotidiano no momento das lembranças da experiência vivida.

Na busca de reconstrução do passado, a pesquisa utiliza-se, prioritária, mas não exclusivamente, de fontes orais, a partir de depoimentos de ex-alunas internas e externas, ex-professoras e religiosas que passaram pelo colégio. Espaços serão oferecidos para que as lembranças possam ser trabalhadas. Recordações, lembranças, saudades, reconstruídas através das entrevistas, serão analisadas numa perspectiva histórica, cuidando-se para construir com as entrevistadas, uma relação de sensibilidade e ao mesmo tempo de rigor, recuperando aquilo que dificilmente é encontrado em documentos de outra natureza. Assim

sendo, muitas destas experiências foram recuperadas, partilhadas voluntariamente e seriamente estudadas.

No primeiro capítulo, inicialmente, o estudo tenta reconstruir a história do Instituto e, para isto, além das memórias, faz uso de documentos oficiais, como atas, livros de matrículas, históricos escolares, relatórios, regimento interno, livros e revistas comemorativas e outros documentos pertinentes, cuja unidade se dá por um caráter endógeno, ou seja, todos esses documentos escritos foram produzidos pela instituição. Prioriza-se a reconstituição da história da instituição, analisando também as entrevistas com as ex-alunas. Dar-se-á enfoque especial ao período de 1911 a 1944, época fecunda de formação e difusão de comportamentos, através da oferta dos cursos primário, adaptação e normal. Apesar das dificuldades de ordem estrutural na primeira década, a escola projeta-se como espaço de uma identidade específica consolidada ao longo deste período.

O segundo capítulo busca uma análise de como a escola aparece em outros suportes de memória da cidade, especialmente em jornais e revistas da época de caráter local ou regional. Trata-se, neste sentido, de dialogar com os periódicos na tentativa de compreender os sujeitos envolvidos e suas práticas no Instituto que, porventura, outros documentos tenham deixado de lado. A análise dos jornais e revistas permite o exercício de um diálogo, em que diferentes suportes de memória são evidenciados, oferecendo maior possibilidade de dar visibilidade aos sujeitos envolvidos no dia a dia do Instituto Santa Dorotéia. Busca-se, nestes periódicos, entender o espaço ocupado pelo Instituto na imprensa da cidade, e conseqüentemente, compreender o lugar da escola na construção da identidade urbana local.

A pesquisa considera, ainda, um conjunto documental de natureza iconográfica constituído por fotografias pertencentes ao acervo da própria instituição, veiculadas pela imprensa e guardadas por particulares cujas vidas aparecem marcadas pela experiência – na docência e na condição de aluna – junto ao Instituto. Tais fotos podem compor uma narrativa iconográfica da instituição, além de contribuírem para o processo de recordação nos momentos de encontro e diálogo em que as memórias são construídas.

No terceiro capítulo, são registradas as entrevistas feitas com mulheres que passaram pelo Instituto. Um registro a partir da memória pessoal, ainda que seja também uma memória social, familiar e grupal. Suas memórias foram transcritas tais como colhidas e registradas pelo gravador, possibilitando o trabalho com os fragmentos de memória,

todavia outras passagens não chegaram a ser registradas, pois levaria muito tempo para escutar as lembranças que podem construir outras lembranças.



Foto 3 – Auditório do ISD. Ano 1942. (Fonte: Arquivo da Congregação – São Paulo – SP).



Foto 4 – Sala do ISD. Ano 1934. (Arquivo da Congregação – São Paulo – SP).

CAPÍTULO I

INSTRUÇÃO RELIGIOSA E EDUCAÇÃO PARA A VIDA URBANA



Figura 5 – Formandas “externas” de 1942 (Arquivo SRE – Pouso Alegre- MG).

SIGNIFICADOS DO SER PROFESSORA

Com a implantação do regime republicano, após a separação entre Igreja e Estado, as relações entre estas instituições sofreram mudanças. O Estado ampliou o ensino leigo através das escolas públicas. Preocupados com a perda do monopólio, os bispos no Brasil reagiram contra, por considerar o modelo implantado exageradamente liberal. Conseqüentemente, o Estado republicano passou a exercer maior influência nos destinos da educação no país. A priori, dava-se maior importância à educação dos homens, porém na primeira década do século XX já se acentuava um olhar para as meninas, através da oferta do ensino primário. Estudo de Maria José Sílvia Bastos sobre *mulheres na sala de aula* ressalta:

A sociedade da Primeira República é uma sociedade extremamente conservadora. O fato das mulheres ingressarem numa escola cuja função era formar profissionais da educação é uma questão muito relevante, surge a necessidade de compreender o que essa nova conduta de algumas mulheres causa naquela sociedade. (BASTOS, 2006, p.15).

As transformações sociais exigiam dos pais uma formação que preparasse seus filhos para essa nova mentalidade urbana. Superar os hábitos rudes do interior, assimilar a urbanidade, motivava os pais a enviarem seus filhos aos colégios internos, preparando-os para o contexto da nova sociedade urbana em afirmação, na qual amplia-se a educação, cada vez mais, dirigida como meio para superação do atraso e ingresso na modernidade. Sistemas de ensino foram organizados, impondo um novo ritmo às elites, que foram forçadas a corresponderem aos desafios de seu tempo, conforme destaca Maria Luiza Marcílio:

Há que considerar que, ao longo do século XX, foi construída, gradativamente, a verdadeira Era da Escola no país, montando-se novos tipos e novos arranjos de escolas, erguendo-se os primeiros prédios escolares, estabelecendo-se uma nova concepção de ensino verticalizado, seriado, sucessivo, articulado, indo do jardim-de-infância até a universidade, e estendendo-se a escolarização no sentido horizontal – geográfico e sociológico. Foi no século XX que entraram

definitivamente na vida das famílias, dos costumes e da sociedade o ritmo, o tempo e a rotina da escola. Foi nesse século que foram montados gradativamente os sistemas de ensino articulados. (MARCÍLIO, 2005, p.128).

Assim, o magistério passa a ser encarado como uma atividade feminina, através da qual a mulher poderia ter um emprego e ao mesmo tempo exercer as funções domésticas, consideradas específicas deste sexo, e aos homens caberiam outras profissões que despontavam no contexto urbano, possibilitando melhores salários. Descrevendo sobre as abordagens teóricas acerca do magistério enquanto profissão, Betânia Leite Ramalho e Maria Eulina P. de Carvalho dizem que *“no contexto geral de evolução do trabalho feminino, tal feminização implicou também desqualificação, declínio de remuneração, de prestígio e de poder”*. E, analisando a feminização do magistério, Zeila de Brito Fabri Demartine e Fátima Ferreira Antunes destacam:

O que os relatos indicam é que, tão logo era possível, esses homens que assumiram o magistério como profissão iam tentando direcionar sua carreira para outros postos e abandonar o espaço “feminino” das salas de aulas. Deixam de ser professores para se tornarem diretores, supervisores, formadores de professores, delegados de ensino, chefes da instrução pública, etc, e, dessa maneira, continuar controlando a profissão já então maciçamente feminina. (DEMARTINE; ANTUNES, 2002, p. 86).

Escolas foram abertas para meninos e meninas, estudando separadamente, procurando atender às meninas, preferencialmente as vocacionadas para o magistério. Pouco a pouco os homens foram abandonando as salas de aula, contribuindo assim, para a feminização do magistério, apesar das críticas de opositores que não aprovavam entregar o magistério às mulheres. Guacira Lopes Louro afirma:

A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como “tipicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a idéia de que a docência deve ser percebida mais como um “sacerdócio do que como uma profissão”. (LOURO, 2006, p.450).

A possibilidade do trabalho não poderia “desviar” a mulher da vida familiar. Os afazeres domésticos preservariam sua pureza, pois o lar era visto como um lugar puro, onde a mulher exerceria sua autoridade moral. O espaço doméstico estava associado à mulher, fortalecendo a desigualdade ainda palpável na sociedade quanto à ocupação feminina. Discursos de religiosos, médicos, juristas e educadores destacavam sua fragilidade, justificando assim a proteção dada pela família, ao contrário da vida do homem, cuja prática da sexualidade era estimulada, evidenciando sua virilidade. Esta mentalidade persistirá até meados do século XX, conforme ressalta Carla Bassanezi (2006, p.613): “*a moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade*”. Estes discursos contribuíram para um processo de idealização das “professorinhas” a partir de sua vinculação à repressão de desejos e contenção da libido. Somam-se a esses argumentos os novos conceitos e idéias da psicologia que pregavam a necessidade da permanência dos cuidados maternos como pilastras essenciais na edificação do físico, da moral e estabilidade emocional das crianças. A mulher professora torna-se um “*capital simbólico*” (1999, p.184), ainda que o poder permaneça na mão do marido, cabe à mulher a missão civilizadora. Eram vistas como donas de casas e mães, porém o magistério provocará mudanças no status social feminino. Embora nem todas as moças fossem exercer a profissão ao se formarem, o diploma traria prestígio e agradaria aos rapazes. Portanto, as escolas normais vão se configurando como instituições importantes, recebendo moças socialmente privilegiadas, fortalecendo as representações acerca do magistério como uma profissão feminina, socialmente aceita, conforme comenta Guacira Lopes:

O magistério primário já era então claramente demarcado como um lugar de mulher e os cursos normais representavam, na maioria dos estados brasileiros, a meta mais alta dos estudos a que uma jovem poderia pretender. As normalistas nem sempre seriam professoras, mas o curso era, de qualquer modo, valorizado. Isso fazia com que, para muitas, ele fosse percebido como um curso de *espera marido*. (LOURO, 2006, p.471).

Este perfil norteará o dia-a-dia das escolas normais no período. O significado de ser professora está relacionado às próprias representações que destacavam o caráter de doação da mulher, em prejuízo da profissionalização desta atividade. Contudo, cabe observar que a

pouca valorização do magistério é um fenômeno que se constata desde o século XIX em vários países do Ocidente, conforme ressalta António Nóvoa (1991, p.126): “*A feminização do corpo docente primário – fenômeno que, apesar das especificidades de cada país, pode ser claramente percebido no conjunto das sociedades ocidentais a partir de meados do século XIX – contribui para uma desvalorização relativa da profissão docente*”.

Falando sobre as relações de classe e gênero, Michael W. Apple ressalta (1987, p.5): “*Em toda categoria ocupacional, as mulheres estão mais sujeitas a serem proletarizadas do que os homens. Isto pode ser devido a práticas sexistas de recrutamento e promoção, à tendência geral a se dar menor importância às condições de trabalho das mulheres, à forma pela qual o capital tem historicamente tirado proveito das relações patriarcais, e assim por diante*”. O magistério amplia-se como caminho mais curto para o casamento, no qual seu papel de esposa, e acima de tudo mãe consolidar-se-ia, realidade que compensaria os obstáculos que vedavam a atuação feminina na esfera pública. Os estabelecimentos católicos contrapunham-se ao ensino das escolas públicas e ao ensino dos colégios protestantes. A parceria entre bispos e religiosas possibilitava a ampliação da influência do catolicismo sobre a vida social. As congregações religiosas vindas da Europa para trabalharem essencialmente com a educação não terão dificuldades para se adequarem a este contexto, contribuindo para que o padrão de sociedade centrado no latifúndio fosse sendo substituído pelos padrões burgueses urbanos já consolidados nas cidades européias.

O mundo “civilizado chegaria pela educação”. A ciência e a técnica abririam os caminhos para o progressivo crescimento urbano, cabendo aos educadores a tarefa de criar princípios e normas de urbanidade, favorecendo aos letrados a conquista de posições de destaque. As propostas para a educação no período, tanto dos considerados tradicionalistas como também dos “renovadores”, estavam direcionadas para as elites, comprometidas com um projeto de sociedade essencialmente elitista. Jamil Cury, analisando o período ressalta que:

até 1930, as necessidades do país ainda comportavam, com a oligarquia no poder, um tipo de educação voltada para a satisfação dos interesses oligárquicos: ornamento cultural, preenchimentos dos quadros da burocracia do Estado e das profissões liberais. Neste sentido, ampliam-se as camadas do processo educativo escolar. A educação atende exclusivamente as elites. (CURY, 1978, p.18).

Estes anseios motivam, entre os anos de 1891 e 1930, a chegada ao país de várias instituições religiosas. Vale destacar que o poder de agregar da Igreja era superior ao do Estado. Coincidentemente neste período, final do Império e início da República, a economia capitalista impunha ao país a institucionalização escolar, conforme destaca Sérgio Castanho (2007, p.40): “*a educação torna-se progressivamente uma prática institucional-escolar, isto é, realizada na instituição que historicamente se especializou na tarefa educativa, a saber, a escola*”. Portanto, as Dorotéias desempenharão com competência as funções de educadoras exemplares, atuando na perspectiva da disciplina e manutenção da ordem, com um projeto conservador, adversário das idéias liberais e socialistas, e contando com o apoio dos bispos, preocupados com os destinos da fé e empenhados em afastar seus fiéis das idéias da sociedade em formação, consideradas mundanas.

NO COTIDIANO DO INSTITUTO: EDUCAÇÃO E DEVOÇÃO

A Congregação das Dorotéias surgiu num momento em que a Igreja procurava implantar a valorização dos sacramentos entre seus fiéis. As religiosas tornaram-se parceiras da igreja na implantação da freqüência aos sacramentos, principalmente da confissão e da comunhão. As Associações das Filhas de Maria ajudaram, desde o século passado, a popularizar as visitas ao Santíssimo Sacramento. Esta prática surge no final do século XVIII, incentivada por Santo Afonso Maria de Ligório, na qual a devota se colocava de joelhos diante do sacrário em adoração à hóstia consagrada. Esta devoção foi difundida pela fundadora da congregação em todos os seus colégios. Frassinetti cobrava, através das cartas que enviava às superiores, a devoção, por entender que esta vivência proporcionava grandes benefícios às formandas.

A ex-aluna, *Raquel Ribeiro Costa*, relembra, com saudades, do tradicional costume do Instituto em cobrar de todas as suas alunas a visita à capela para esta experiência no início ou no final das aulas:

Toda primeira sexta-feira do mês tinha a bênção do Santíssimo. Todas as alunas participavam como também da adoração ao Santíssimo Sacramento, ora antes das aulas, ora no final. Os cânticos eram lindos: “Tão sublime sacramento”, e outros.

Outra prática de devoção difundida pelas irmãs às suas alunas foi o culto ao Coração de Jesus, extremamente valorizado no Instituto por se tratar de uma devoção implantada pela Igreja ainda no período colonial. A valorização da idéia do sofrimento, materializada na constante meditação da paixão de Cristo, favorecia a identificação de Cristo como um homem sofredor, fruto de uma perspectiva teológica que acredita na “contaminação” humana pelo pecado, justificando assim, a vigilância e o controle dos atos das meninas. As irmãs reproduziam uma concepção fatalista da existência, encarando o sofrimento como consequência do pecado de Adão e Eva.



Figura 6 – Capela do colégio (Fonte: arquivo da congregação – São Paulo).

A foto de 1940 destaca o interior da capela onde as alunas do colégio participavam das missas, faziam as orações e praticavam as devoções difundidas pelas irmãs. Diante

deste altar, as alunas eram inseridas nessas associações comandadas pelas superiores do Instituto, que enfatizavam a responsabilidade pessoal do cristão em colaborar nas obras ditas reparadoras da igreja, como por exemplo, a luta contra o protestantismo, contra os princípios liberais e especialmente contra os maçons, que cresciam por toda parte. Reunidas na capela do colégio, as moças, de joelhos, rezavam a oração que Riolando Azzi registra:

Ó Coração Santíssimo de Jesus, fonte perene de graças, fornalha de amor, abrigo seguro, tesouro inexaurível de toda a santidade, templo vivo e soberano da Divindade, o Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia, prostrado diante dos vossos altares, junto do vosso Sacramento de Amor, faz neste dia que vos é dedicado a sua solene consagração. Para isso nós, suas filhas, declaramo-nos de modo mais particular, servas e escravas vossas, ó dulcíssimo Jesus, e queremos que como tal nos olhe, e como tais disponhais de todas nós, e de tudo o que nos pertence, segundo o vosso beneplácito. (AZZI, 2000, p.181).

A devoção à mãe de Jesus fazia parte do cotidiano do colégio. Esta devoção tinha profundo significado para a formação das moças, pois contribuía para o fortalecimento do perfil de mulher que se desejava formar para a sociedade. Todas as alunas eram envolvidas nesta devoção. Os mais variados títulos de Nossa Senhora no Brasil mostram como esta devoção desde os tempos coloniais tornou-se parte do nosso patrimônio cultural. Alunas internas e externas celebravam o mês de maio com orações, cânticos, procissões e coroações a Nossa Senhora. A Professora Raquel Ribeiro Costa, ex-aluna, fala com emoção do mês mariano:

O mês de maio era maravilhoso, pois à tarde levávamos flores a Nossa Senhora e participávamos da missa. Lembro-me até da música: “vinde povos acolher, cantar hinos de louvor...”. Era lindo. (ex-aluna).

As irmãs implantaram esta devoção desde o começo do colégio. Uma prática considerada como instrumento educativo eficaz, promotor do bem, e fortalecedor da disciplina e da própria obediência das moças.

Outra devoção significativa, incrementada a partir do século XIX, foi a devoção a São José. No significativo avanço da sociedade moderna com a consolidação dos ideais

burgueses, o tradicional modelo de família entra em crise, favorecendo assim, por parte da Igreja, a devoção a este santo como referência para a família. Desde o século XIX já se difundia esta espiritualidade, tendo o Papa Leão XIII escrito (1889):

Em São José têm os pais de família um perfeito exemplar de solícitude e vigilância paternais; os casados, um verdadeiro espelho de amor, concórdia e fidelidade conjugais. (Encíclica *Quamquam Pluries*).

Ainda que o Instituto fosse exclusivo para meninas, nada impedia a devoção a São José, considerado modelo de pai e base da família cristã. O santo era invocado no início das aulas todos os dias, e sua festa celebrada no colégio com a presença dos padres que reforçavam a devoção nas pregações durante as celebrações.

AS ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

As irmãs organizaram entre as alunas a Associação das Filhas de Maria, entendida como suporte para a vivência da vida cristã. Em todos os colégios da congregação era organizada esta associação que trabalhava a vivência das virtudes, especialmente a “guarda” da virgindade até o casamento, a exemplo de Maria. O ingresso era sempre feito através de um ritual específico, pois dava status especial às meninas. As medalhas e roupas próprias tinham grande sentido simbólico, pelas quais as associadas externavam sua pertença.

A Associação dos Santos Anjos agrupava as alunas menores, classificadas como médias, a maioria matriculada no Curso de Adaptação. As participantes faziam “*festinhas*” de encerramento e convidavam as crianças órfãs para participar e receber presentes. O trabalho pastoral das irmãs não tinha comprometimento com a transformação da realidade, pelo contrário, reproduzia alguns mecanismos de exploração comuns na sociedade local. Filhas dos proprietários eram acolhidas no luxuoso prédio, onde se oferecia um ensino direcionado às elites, enquanto as meninas pobres vindas da zona rural eram educadas à parte, nas classes anexas, servindo de laboratório às normalistas em fase de formação. A organização e distribuição dos espaços do colégio fortaleciam a divisão de classes existentes entre as Dorotéias. As moças socialmente bem-nascidas, que pagavam as

mensalidades, moravam no prédio principal e dormiam nos dormitórios que ficavam no 2º. pavimento. As salas de aula ficavam confortavelmente instaladas no 1º. pavimento com amplas janelas de frente para o centro; porém, as meninas de famílias sem poder aquisitivo dormiam em dormitórios instalados nos porões da capela e freqüentavam as “salas anexas” em salas de aula separadas num espaço denominado “*Escola das pobres*”, conforme *planta de situação do Instituto Santa Dorotéia*, anexada no relatório de inspeção prévia do 2º. ciclo de 1959. O relato da professora e ex-aluna, Marli Figueiredo Simões, evidencia a divisão de classes existente dentro do colégio:

Causava tristeza saber que as meninas carentes moravam nos porões. Estudavam na própria escola, porém em locais separados. Lembro-me dos dormitórios dessas meninas que faziam a limpeza do colégio.

O trabalho que elas realizavam no colégio era visto como uma forma de pagamento pela estada no Instituto. Provenientes de famílias carentes, permutavam a educação que recebiam, atuando na limpeza do prédio. Muitas destas meninas seriam futuros membros da congregação, com formação primária, responsáveis, após professar os votos, pela coordenação dos serviços gerais das casas da congregação. Vale destacar que, as ações filantrópicas das irmãs centravam-se na subserviência, conforme registra a cronista:

A 2 de outubro, festa dos Santos Anjos, e a primeira sexta-feira do mês, fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento, revezando-se, de meia em meia hora, nove associadas dos Santos Anjos, trajando vestes alvas e faixas vermelhas, tendo na mão uma vela acesa. À 1 hora foi dada a bênção solene do Santíssimo Sacramento, seguindo-se a recepção de novas associadas à Congregação dos Santos Anjos. No dia 12 elas fizeram uma pequena festa, constando de drama, quadros vivos, etc. (História da casa de Pouso Alegre, livro 2, p.4).

Para as alunas denominadas *pequenas* existia a *Associação das Amiguinhas do Menino Jesus*, conforme destaca a cronista:

A 12 de setembro houve recepção da fita de Amiguinhas do Menino Jesus. As pequenas fizeram à sua custa, umas barracas em benefício do sacrário para a

nova capela, rendendo um conto de réis. (História da casa de Pouso Alegre, livro 2, p.4).

Os livros da História da casa de Pouso Alegre registram também a *Associação do Apostolado da Oração*, introduzida em junho de 1920. No livro 2 a cronista relata:

A 19 de abril, cinco das nossas alunas receberam as insígnias de zeladoras do apostolado da oração, e o Revm^o. Superior dos Missionários do Coração de Maria, Padre José Domingo, diretor do apostolado, fez uma conferência sobre a origem desta piedosa associação, terminando o ato com a bênção do Santíssimo Sacramento. (Livro 2, p.3, verso 18,23).

Visando preparar as mulheres para o exercício das atividades caritativas, estas associações auxiliavam a *Pia Obra de Santa Dorotéia*, agrupando pessoas consideradas “piedosas” que, junto às crianças carentes, desempenhavam ações voltadas para a instrução. Este trabalho dava-se nas *paróquias* da cidade, como também num espaço próximo ao Instituto alugado pelas irmãs. Tinha a missão de dar amparo à juventude carente e meninas provenientes da zona rural. Voluntárias faziam parte desta, comandada pela Madre Pontual, conforme conta a Sra. Henriqueta Fernandes, ex-aluna do colégio:

As irmãs alugavam uma casa do Joaquim Reis, onde hoje existe uma gruta. Lá elas cuidavam das meninas pobres, função desempenhada pela Madre Maltês, onde dávamos aulas práticas. Meninas vindas da roça eram preparadas para serem religiosas e responsáveis pelos afazeres domésticos dentro do colégio.

As associações eram consideradas eficientes meios para o fortalecimento da fé e prática das normas de conduta. Eram decorrentes de uma teologia que privilegiava o caráter sobrenatural da existência humana. A obediência era vista como um princípio eficiente para se chegar às realizações pessoais. As mestras faziam uso da autoridade para disciplinar, mantendo assim, os padrões norteadores adotados pela instituição.

FORMAS DE CONDUTA E MORAL CATÓLICA NO INSTITUTO

As atividades educacionais do colégio também visavam compatibilizar a conduta de suas alunas com a moral católica. Os princípios norteadores da vida das alunas, principalmente das internas, eram centrados no cotidiano do lar, deixando de lado a participação nas atividades sociais, consideradas perigosas e sedutoras. As irmãs privavam as internas de qualquer forma de lazer externo, e reprovavam os divertimentos sociais das externas. Os manuais usados pelas Filhas de Maria condenavam os prazeres vistos como mundanos e levavam suas associadas a renunciarem a grande parte das diversões da época. Martha Hermelinda Toledo ressalta:

Quem pertencia ao Movimento Pia Obra União das Filhas de Maria, coordenado pelas irmãs, não podia pular carnaval. Portanto, pertenci ao Movimento Coração de Jesus, que não nos impedia de ir ao carnaval. (ex-aluna e ex-professora).

As normas implantadas pelas irmãs que compunham parte do universo escolar, atendiam às exigências da tradição local. O depoimento da ex-aluna Marta explicita uma das práticas do colégio que atendia às diretrizes da ação católica orientadas pelo bispo local, conforme o jornal *Semana Religiosa* registra:

Orientação geral:

O carnaval, instituição pagã, não é, sem dúvida, um tempo propício à prática das virtudes cristãs. É sempre uma ocasião mais ou menos perigosa, pela promiscuidade e pelas liberdades costumadas, como se verifica, por exemplo, nas chamadas batalhas de confettis. As pessoas sinceramente religiosas e tementes a Deus, principalmente as que pertencem a associações religiosas, não deviam tomar parte activa nessas diversões. (SEMANA RELIGIOSA, Pouso Alegre, 15 de janeiro de 1938. Anno: XXII, nº. 1065).

A vaidade também era condenada. O uso obrigatório do uniforme das internas e externas desfazia possíveis preocupações com a vaidade nas vestes. Modéstia no vestir e simplicidade na maneira de ser faziam parte da orientação diária das irmãs. Todavia, paradoxalmente, o mesmo uniforme proporcionava status às alunas. Inclusive o uniforme de gala reforçava esta pertença, distinguindo-as das demais moças da cidade nos eventos

sociais e nos passeios mensais. A entrevistada Raquel Ribeiro Costa explicita em seu depoimento a expectativa da sociedade nos dias de aparição pública das alunas do colégio e nos desfiles cívicos, competindo com o exército nos tradicionais quesitos, ordem, harmonia e elegância das vestes.



Figura 7 – Formandas de 1965 (Fonte: Álbum da Sra. Raquel Ribeiro Costa).

Esta foto, tirada em 1965, das formandas daquele ano, registra as futuras professoras na entrada do colégio, ainda uniformizadas. Era uma tradição de o colégio tirar a última foto das moças que lá receberam o diploma como passaporte para o trabalho como professoras na cidade ou região, ou possíveis candidatas ao casamento.

Buscava-se proibir o uso de batom e penteados sofisticados. Aparentemente, importava mais a preocupação com o espírito do que com o corpo. A ex-aluna, Anna de Oliveira, ressalta em seu depoimento a ação intransigente do colégio não permitindo sua entrada por apresentar-se ainda com os cabelos enrolados, após passar a noite dançando no Clube Literário:

Várias vezes fui impedida no portão do colégio por ter feito cachos nos cabelos. As freiras não permitiam a minha entrada, o meu penteado era considerado muito avançado. No momento de receber a advertência havia discussões, pois sempre fui insubordinada.

As religiosas procuravam impedir que as jovens trouxessem para o colégio os imperativos da moda, porém muitas não obedeciam. A exigência da virgindade e da sobriedade de conduta impedia as irmãs de discutirem com as alunas temas considerados polêmicos, como por exemplo, sexualidade. O próprio casamento ficava à margem nas reflexões do colégio, por ter relação próxima com a prática sexual. Os parâmetros morais tradicionais privilegiavam a instituição família, o que não impedia que muitas moças ignorassem os padrões estabelecidos, tanto em casa como no colégio. As internas, apesar da vigilância, enviavam cartas e recados aos moços da cidade através das externas, como também se constatava que os olhares se entrelaçavam durante os passeios mensais das internas, principalmente nas proximidades da estação ferroviária, nos momentos de chegada dos trens. Maria Adelaide de Moraes, ex-aluna, relembra em seu depoimento que marcava encontro nos banheiros com suas amigas internas para passar os recados dos moços. Carla Bassanezi afirma:

Não que as moças não tivessem meios de obter informações sobre sexo. Podiam sempre colecionar uma informação aqui, outra ali, com as mães, as tias, as colegas, os filmes, o namoro ou alguma leitura permitida ou escondida, somadas à curiosidade e às experiências pessoais ou compartilhadas. (BASSANEZI, 2006, p.620).

Os avanços técnicos da modernidade no Sul de Minas não foram suficientes para provocar o rompimento da mentalidade conservadora e machista em relação à sexualidade. Casar virgem ainda era um imperativo, e viver de forma simples e obediente ao marido era o padrão nas quatro primeiras décadas do século XX.

As mestras não separavam a formação intelectual da formação religiosa. O estatuto do colégio impunha estas práticas religiosas como se fossem ações pedagógicas, normais nos meios escolares de instituições comandadas por congregações neste período. O *regimento interno* do colégio, datado de 1942 explicitava:

Para dar à Igreja uma resposta pronta, consciente e de plena adesão na educação da juventude, procura-se trabalhar em simplicidade e alegria no coração, criando-se um ambiente educativo de tipo familiar, aberto a todas as classes sociais em ordem à renovação total do homem, segundo o plano divino da salvação. (Art. 2º. Parágrafo 1º).

Desde o catecismo até as missas diárias, tudo visava a formação religiosa. Predominava a oferta de uma educação de caráter extremamente conservador. Todas as devoções difundidas pelas irmãs mantinham estreita relação com a figura da Virgem Maria, símbolo que reforçava o modelo de família, reprodutora dos valores cristãos. Maria José Rosado Nunes (2006, p.495) destaca que *“mulher piedosa, ela é valorizada na medida em que se torna uma peça importante da reforma institucional... sua imagem, tradicionalmente auxiliar, é reforçada pelas organizações femininas de caráter piedoso”*. Eram também um estímulo àquelas que porventura se sentissem chamadas à vida religiosa. As irmãs mantinham-se firmes diante desta proposta até nos últimos momentos de convivência com suas alunas, entregando-as aos seus pais após jurarem publicamente, conforme ata de colação de grau das formandas de 1915:

Juro por Deus desempenhar leal e honradamente o cargo de preceptora da mocidade, promovendo quanto em mim couber o engrandecimento do ensino na gloriosa terra de Minas Geraes. (Ata de colação de grau de 25/11/1915).

A aluna do 2º. Ano de Formação, Djanira Silveira, em seu artigo na revista do colégio, ressalta:

Se quisermos, portanto, levar, para a vida, os ensinamentos, que os círculos de formação nos dão, devemos levá-los como um patrimônio incorporado à nossa vida e teremos uma base sólida como a casa construída sobre a rocha. Assim fazendo, em que nos amaremos mais, porque ouvimos e guardamos, com sabedoria, as palavras de vida eterna, ouvidas na aurora querida da nossa juventude. (SILVEIRA, 1959, p.21).

A preocupação das irmãs centrava-se na preparação das alunas para o cotidiano do lar. Todas as internas e muitas das externas participavam anualmente dos exercícios espirituais, nos quais os sacerdotes pregavam enfatizando o bom comportamento, exaltando a importância da vocação consagrada, para as que se sentissem chamadas à vida religiosa. A idéia da religião como amparo diante das fraquezas do ser humano era reproduzido no colégio para que as futuras mães estendessem essa crença nos seus lares.

CURRÍCULO, DISCIPLINA E CULTURA ESCOLAR

No Brasil, os investimentos do Estado voltados para a educação popular atenderam uma parcela muito restrita da sociedade, justificando as ações dos bispos voltadas para a educação, através de construção de colégios. O Instituto Santa Dorotéia foi construído pela diocese que se sentia responsável e interessada pela educação das moças da região.

Produções na área da historiografia educacional permitem-nos compreender o processo de expansão das instituições de ensino. Estas instituições foram consolidando-se como escolas, que deveriam ser práticas e funcionais, reproduzindo um sistema de ensino específico. Foram atribuídas às escolas funções objetivas que oportunizassem o exercício de princípios voltados para a ordem, disciplina e a regularidade. A opção pelo Ensino Mútuo, difundido no Brasil desde o século XIX, justifica a crença na disciplina que era o fio norteador deste. Este método, atribuído a Joseph Lancaster, já era conhecido na Europa desde o século XVI, no entanto, sua difusão deu-se a partir de 1814, na França, Suíça, Rússia e Estados Unidos. O método, porém, seria sistematizado separadamente por A. Bell (1753-1832) e por J. Lancaster (1778-1838), que reivindicaram a paternidade do mesmo.

O processo educativo será assumido pelas mulheres, principalmente religiosas, na perspectiva da disciplina e da docilidade. Michel Foucault descreve como as instituições fazem uso de certos dispositivos para disciplinar os indivíduos que cometem infrações:

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações[...].

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. (FOUCAULT, 2003, p.118).

O medo das sanções fazia com que os educandos e educandas assimilassem as formas impostas, mas sempre houve resistência. Estas práticas influíam na formação do caráter. O regimento interno do Instituto Santa Dorotéia destacava:

Art. 92 – A aluna procurará se conformar com os preceitos gerais da boa educação, os seus hábitos, gestos, atitudes, palavras, tendo especial

cuidado em obedecer às regras abaixo indicadas, que visam à ordem e à disciplina.

Desejos eram inibidos. As atitudes de submissão generalizavam-se no interior das instituições, principalmente nos institutos internos. O regimento determinava:

Art. 104 – São as seguintes as penas disciplinares que podem ser aplicadas às alunas:

- A) Advertência em aula.
- B) Exclusão da aula de que estiver procedendo mal, feita pelo professor.
- C) Advertência simples pela vice-diretora.
- D) Advertência pela diretora.
- E) Privação de algum divertimento no internato e retenção no externato.
- F) Privação da saída no internato.
- G) Suspensão de aula até oito dias.
- H) Expulsão do Estabelecimento.

& Único – O professor restringirá o mais que for possível à imposição de pena da letra “b”, usando de preferência a da letra “a”, acompanha oportunamente de argüição rigorosa, com atribuição de nota.

É importante destacar que a ação sobre os corpos não é simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer. Esse entendimento começou a mudar a partir do século XVIII, quando a disciplina começou a “fabricar corpos” submissos. Os internatos colocaram em prática técnicas disciplinares que cercearam o cotidiano dos educandos, quando se implantaram colégios seguindo modelos de conventos.

Os internatos ocuparam um espaço oportuno e eficaz no exercício do poder que é individualizante e massificante ao mesmo tempo. Não é exercido contra o indivíduo, pelo contrário, produz indivíduo. Inclusive, afirmou Foucault, que no Ocidente o poder é exercido muito em função do saber. O próprio exercício do poder disciplinar é que vai marcar a individualidade, fazendo do indivíduo um efeito do poder, onde ele se constitui. Os sistemas disciplinares, através das instituições, agiam como um pequeno mecanismo penal. Portanto, a noção de disciplina escolar estava diretamente relacionada à vigilância e repressão, desde o controle do tempo, dos movimentos, dos olhares e até da sexualidade. O Instituto fez uso destes mecanismos no processo de efetivação dos comportamentos por ele

repassados. O regimento interno anexado no *relatório da inspecção prévia do Ginásio “Sagrada Família”* de 1944 ressalta:

A disciplina será preventiva e por isso as alunas estarão sob a vigilância das mestras. Os meios disciplinares serão baseados no respeito à autoridade e compreensão do dever que serão desenvolvidos por meio da educação moral e religiosa, unidas à socialização das educandas. Haverá notas de procedimento e aplicação que servirão de estímulo e premio do esforço das alunas. Será medida repressiva por ex., a perda do direito à saída mensal, etc. Em casos extraordinários, quando for notória a reincidência da aluna ou se tratar de defeitos prejudiciais à educação das demais, recorrer-se-á à autoridade da Diretora que tomará as providências que o caso exigir. Em caso de grave desrespeito às autoridades ou aos estatutos, poderá ser aplicada a pena de suspensão por 8 ou mais dias e mesmo de exclusão. (Regimento Interno, pág. 2, 1944).

O termo disciplina, enquanto conteúdo do ensino, tomará outro sentido a partir do início do século XX. A designação “matérias de ensino” pelo saber escolar é uma abordagem recente. Algumas investigações voltaram-se para a origem das disciplinas, o que podemos denominar como História das Disciplinas Escolares. André Chervel destaca:

[...] essa nova acepção da palavra é trazida por uma larga corrente de pensamento pedagógico que se manifesta, na segunda metade do século XIX, em estreita ligação com a renovação das finalidades do ensino secundário e do ensino primário. Ela faz par com o verbo disciplinar, e se propaga primeiro como um sinônimo de ginástica intelectual, novo conceito recentemente introduzido no debate. (CHERVEL, 1990, p.179)

Após a I Guerra Mundial, o termo “disciplina” vai perder o sentido que o caracterizava até então, ainda que, fazendo sempre correlação com o disciplinar o espírito, conforme destaca Chervel. Portanto, a pedagogia esforçar-se-á para oferecer métodos que serão apropriados pelos alunos no sentido de assimilar com eficiência as ciências.

Este novo entendimento proporcionará uma conflituosa disputa por legitimidade das disciplinas. Algumas disciplinas vão se sobrepor às outras. As consideradas de “menor” valor pedagógico procurarão um novo espaço nos currículos, o que justifica a

inclusão e exclusão de algumas. Nesse sentido é notável a influência que a cultura exerce, norteando o processo que leva a introdução e como também a eliminação de algumas disciplinas. Inclusive deparam-se choques entre o preservar e o atualizar. Muitos saberes serão incorporados ao indivíduo, valendo-se dos imperativos institucionais. Papel importante, neste processo, ocupará a didática, intermediando a reprodução dos saberes. O desenvolvimento de algumas disciplinas estará diretamente ligado à organização dos próprios profissionais da área, gerando inclusive hierarquização entre docentes e alunos.

No Brasil, a história da educação ocupava-se em estudar a legislação e os sistemas de ensino, tomando como fontes as leis, regulamentos expressos nas reformas educacionais, evidenciando-se o pensamento de sujeitos porta-vozes do Estado. Analisando as raízes da produção historiográfica brasileira, Moysés Kuhlmann Júnior (2005) dirá que as publicações anunciavam “*o trilhar da nação rumo ao progresso, amparada pela ciência, pela indústria e pela técnica*”. Todavia, a partir da segunda metade do século XX, apareceram trabalhos distanciados dessa tradição, centrados na perspectiva da análise, superando o mero levantamento de documentos e dados oficiais. Novos referenciais teóricos deram suporte aos estudos interdisciplinares, favorecendo a investigação historiográfica com novos objetos de estudo, consolidando o processo de renovação, na área da história da educação, privilegiando a história das disciplinas.

Na pesquisa sobre a história das disciplinas escolares, os trabalhos de André Chervel têm, no Brasil, um impacto considerável. Para este autor, a escola é entendida como local de produção do conhecimento, e a disciplina escolar é entendida como parte da cultura escolar. A escola tem papel vital no processo de criação de saberes. O conhecimento pedagógico próprio da escola provém da postura autônoma das disciplinas escolares, tal como evidencia Chervel:

O estudo dessas leva a pôr em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, e portanto a classificar no estatuto dos acessórios a imagem de uma escola encerrada na passividade, de uma escola receptáculo dos sub-produtos culturais da sociedade. Porque são criações espontâneas e originais dos sistemas escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que

vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global. (CHERVEL, 1990, p.184).

A escola possui a competência de formar sujeitos que além de ler e escrever podem ordenar o mundo a partir da prática do professor. Inventam e reinventam no seu cotidiano, novos saberes que ocupam espaços nos currículos. Portanto, entende-se a disciplina como conteúdo do ensino nesta perspectiva. As disciplinas concentram saberes que o processo de escolarização da cultura transforma em saberes escolares. “A ligação entre “disciplina” e “aluno” é clara. As disciplinas são esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos”. Possibilita-se perceber como se dá a construção cultural do saber escolar, considerando as particularidades desses saberes em tempos e espaços diferentes. As várias instituições e múltiplos sujeitos intermedeiam este processo em que a constituição dos saberes escolares é atribuída à escola. O papel da escola vai além do exercício das disciplinas escolares, ou seja, supera os ensinamentos explícitos e programados. Para Ivor F. Goodson (2001): a história das disciplinas compõe a área da história do currículo, que deve considerar a escola como algo “*mais do que um simples instrumento de cultura da classe dominante*”, mas como um lugar onde o currículo acontece, superando o sentido de regras de conduta, abrangendo ainda os objetos, partes e matérias do ensino, englobando aquilo que se ensina e se aprende.

A história das disciplinas escolares desempenhará, assim, papel importante ao procurar entender a natureza dos conhecimentos, considerando a intervenção das disciplinas na história cultural da sociedade. O conhecimento escolar produzido por elas também tem enriquecido muitas pesquisas, buscando a compreensão do significado de cada uma delas nos currículos. Há uma articulação entre os objetivos da disciplina com os demais saberes. Portanto, a escola é o espaço e o tempo oportuno onde essa história acontece. Muitas normas e práticas constituem-se historicamente na escola.

A constituição de uma disciplina escolar dá-se a partir de processo no qual as práticas humanas são inculcadas. E muitas destas práticas recebem significado, como cultura. Portanto, o Instituto foi se firmando como um espaço de transmissão de saberes, símbolos e valores, um lugar de cultura. Conforme comenta José Mário Pires Azanha, falar da escola é falar de suas próprias práticas:

É inegável que ela é uma instituição que possui uma cultura específica com um certo grau de autonomia e, além do mais, essa cultura é um precipitado da história. (AZANHA, 1990-1991, p. 65-69).

Logo, a escola é uma construção, assim como a cultura como construção tem uma história, pois afinal ela está no tempo. Nesse sentido, não devemos analisar isoladamente as instituições, pois ao longo de suas vivências estabelecem “uma espécie de diálogo entre elas”. Compreender a cultura escolar requer o entendimento que evidencia a própria cultura escolar como objeto histórico.

Tratando de refletir sobre a reprodução cultural e reprodução social, Pierre Bourdieu afirma que:

[...] a produção do sistema de disposições que é o *habitus*, mediação entre as estruturas e a prática. Em temas mais precisos, é preciso conhecer as leis segundo as quais as estruturas tendem a se reproduzir produzindo agentes dotados do sistema de disposições capaz de engendrar práticas adaptadas às estruturas, e, portanto, em condições de reproduzir as estruturas. (BOURDIEU, 1999, p.296).

A estrutura produz um determinado “*habitus*” que funciona como uma força conservadora no interior da ordem social, reproduzindo valores, práticas, costumes, ainda que ele se manifeste de maneira diferente em indivíduos, pois os indivíduos estão em situações diferentes.

Neste sentido, vale ressaltar que o currículo do colégio buscava produzir identidades, através das disciplinas e métodos adotados, contribuindo para a construção social do conhecimento, conseqüentemente, a escola se firmava diante da sociedade local como um instrumento de reconstrução social.

Os recursos e instrumentos didáticos do Instituto exigiram das irmãs um grande esforço para organizarem o estabelecimento de acordo com as normas cobradas pelos inspetores federais que o vistoriavam. O colégio ofereceu, até o ano de 1944, os cursos, primário, adaptação e normal. Através das disciplinas oferecidas, tinha por finalidade nestas primeiras décadas, a educação e a instrução feminina, conforme o regulamento:

Tendo em vista dar às suas alunas uma educação integral, que faça do ser humano um valor positivo da sociedade, e o torne digno do seu destino sobrenatural, visa formar a alma, a inteligência e o coração de suas alunas.

(Art. 1º. Regulamento do Instituto Santa Dorotéia).

O movimento denominado Escola Nova, de tendência liberal, influenciou os rumos da educação no país nas décadas de 1920 e 1930, fazendo uso da *Associação Brasileira de Educação (ABE)*, criada em 1924, para divulgar suas idéias em defesa da escola pública, gratuita e universal. A preocupação dos representantes deste movimento era que os novos grupos sociais emergentes também fossem atendidos através da instrução pública, orientada pelos significativos avanços da ciência. Duas tradições influenciaram a formação das futuras professoras: de um lado a ciência, e de outro a história, atribuindo aos educadores uma missão: salvar a criança. Neste período em que as elites procuravam superar a imagem de um povo degenerado (figura do *Jeca-tatu*), para um povo que caminha a passos largos para o progresso, suscitam-se várias reformas educacionais, justificando o grande entusiasmo pela educação. Maria Christina S. Souza Campos destaca:

As transformações políticas e econômicas traduziam-se pela difusão de idéias liberais no campo educacional, visando integrar a população ao desenvolvimento do país, idéias essas que conduziram a tentativas de difusão da alfabetização e do ensino primário a camadas mais amplas da população. Surgiram assim diversas reformas em diferentes unidades da federação no âmbito do ensino primário e normal, que refletiam, pelo menos parte, as novas idéias e os princípios da escola renovada. (CAMPOS, 1990, P.13).

As reformas chegavam ao colégio através das constantes visitas feitas pelos inspetores federais, que fiscalizavam o cumprimento da carga horária, distribuição das disciplinas, contratação de professoras e exigências em relação ao espaço físico, conforme registros em atas. Todavia, a instituição procurava acompanhar ao seu modo as inovações, mantendo seus tradicionais princípios norteadores existentes desde a fundação. As orientações da Escola Nova eram adotadas de forma moderada, evitando assim, mudanças de caráter liberal presentes no ideário escolanovista. No relatório de revisão do Ginásio e

Escola Normal Santa Dorotéia de 1949, assinado por três inspetores, o *regimento interno* em anexo destaca:

Art. 1º. – O Ginásio e Escola Normal Santa Dorotéia, de Pouso Alegre, reconhecido pelo Governo Federal, tem por fim a educação e a instrução da mocidade feminina, dentro dos moldes da pedagogia cristã, seguindo as diretrizes da Escola Nova Moderada. (1949, p.5).

O curso normal oferecido pelo Instituto Santa Dorotéia compreendia três anos de estudos, cujas disciplinas eram *portuguez, arithmetica, desenho, musica francez, geometria, geographia, história, educação moral e cívica, phisica e chimica, história natural e hygiene, arithmetica commercial, escripturação mercantil, trabalhos de agulha e prática profissional*. Porém, com a Reforma de Francisco Campos, em 1926, o currículo do colégio sofreu mudanças, implantando-se o Curso Adaptação. Esta reforma resultará, em Minas, no *Regulamento do Ensino Normal* com o *Decreto-Lei nº. 5162*, de 20 de janeiro de 1928, como também no Programa do Ensino Normal através do *Decreto-Lei nº. 8225*, de 11 de fevereiro de 1928. Antonio Flavio B. Moreira ressalta:

A reforma de Minas Gerais redefiniu o papel da escola elementar, que embora vista como devendo refletir a sociedade, foi também considerada como instrumento de reconstrução social. Como consequência, cada escola foi solicitada a transformar-se em uma mini-sociedade. Ao mesmo tempo, a reforma enfatizou que crianças não eram adultos em miniatura; pelo contrário, tinham seus próprios interesses e necessidades, que precisavam ser respeitados e desenvolvidos. Os princípios do progressivismo evidenciavam-se ainda no realce a trabalhos de grupos nas salas de aula, ambientes instrucionais democráticos, progresso ativo de ensino e aprendizagem, cooperação entre professor e aluno, conexão entre o conteúdo do currículo e a vida real, etc.

Currículos e programas, segundo o texto da reforma, eram concebidos como instrumento para desenvolver na criança as habilidades de observar, pensar, julgar, criar, decidir e agir. O texto também sugeria que professores especialistas se preocupassem na construção de programas, não com a quantidade, mas sim com a qualidade do conhecimento a ser apreendido. A reforma também recomendava a utilização do método de “centro de interesses” de Decroly, particularmente em disciplinas como noção de coisas, higiene, instrução cívica e educação moral e

cívica. Realçava ainda a necessidade de atividades tais como visitas, excursões, organização de museus e clubes escolares, bibliotecas, etc. (MOREIRA, 1990, pp. 89-90).

A grade curricular do colégio distribuía as disciplinas do 1º. e 2º. de Adaptação da seguinte forma:

Adaptação

Portuguez

Arithmetica

Desenho

Trabalhos Manuais

Geographia

Sciencias Naturaes

Francez

Historia do Brasil

Educação Physica

Canto

<i>1º. ANNO NORMAL</i>	<i>2º. ANNO NORMAL</i>	<i>3º. ANNO NORMAL</i>
<i>Portuguez</i>	<i>Portuguez</i>	<i>Portuguez</i>
<i>Francez</i>	<i>Francez</i>	<i>Francez</i>
<i>Arthmetica</i>	<i>Arthmetica</i>	<i>Historia do Brasil</i>
<i>Geographia</i>	<i>Chorografia do Brasil</i>	<i>Psychologia</i>
<i>Desenho</i>	<i>Desenho</i>	<i>Methodologia</i>
<i>Trab.Manuaes e modelagem</i>	<i>Trabalhos Manuaes</i>	<i>Pratica Profissiona</i>
<i>Musica</i>	<i>Musica</i>	<i>Educação Physica</i>
<i>Canto Coral</i>	<i>Canto Coral</i>	<i>Canto Coral</i>
<i>Educação Physica</i>	<i>Geometria</i>	<i>Sciencias Naturaes</i>
	<i>Sciencias Naturaes</i>	
	<i>Educação Physica</i>	

Bibliotheca (a partir do ano de 1933).

(Fonte: Livro de notas mensais – 1925 a 1935. Arquivos da SRE - Pouso Alegre MG).

As aulas de língua portuguesa ficavam por conta das irmãs mais graduadas, aquelas que haviam recebido uma formação diferenciada na congregação. Geralmente a professora de português também trabalhava francês, conforme depoimento das ex-alunas Henriqueta Fagundes e Maria Adelaide de Moraes. As aulas eram exercitadas não apenas na produção de textos, mas também na declamação. O colégio caminhava bem, e a formação intelectual das alunas merecia aplausos, segundo registros do inspetor, em visita no Instituto.

O ensino do Francês passou a constituir um elemento de extrema importância na formação das moças em preparação para inserção na sociedade burguesa, em ascensão. Disciplina considerada indispensável no currículo de tendência enciclopedista, submetendo as alunas às avaliações sem nenhuma consulta aos dicionários. O ensino desta língua justificaria a grande preocupação das irmãs com a reprodução da cultura francesa. Descrevendo sobre o trabalho das irmãs, a ex-aluna Alvarina Amaral de Oliveira Toledo destaca:

Madre Santos Moreira, a mestra de francês, que também me ensinou etiqueta e oratória, fazendo-me absorver sua eloquência nos exercícios de entonação e ritmo de voz para os discursos e declamações. [...] Ao contrário, a Irmã Rigueira, que ensinava a tricotar a moda das damas da corte francesa, com a linha nos dedos". (TOLEDO, p.66).

O conhecimento da aritmética fazia parte da cultura letrada que desde o século XVI, já vinha sendo valorizada, ocupando uma carga horária maior em relação às outras, como também a geografia, conseqüência dos descobrimentos decorrentes das viagens marítimas.

As aulas de desenho foram oferecidas desde a fundação do colégio. O desenvolvimento da engenharia urbana no século XIX favoreceu a valorização desta disciplina. A sala de desenho era bem equipada. Nesta sala as irmãs exercitavam suas habilidades diante das alunas.

A preocupação com a beleza da caligrafia fazia parte do cotidiano das escolas femininas. Esta é uma das características mais marcantes dos Institutos dedicados à educação feminina. A preocupação era tanta que os cadernos de caligrafia eram expostos nas salas de trabalhos manuais em datas importantes. Muitos documentos do colégio como

atas de colação de grau, crônicas diárias da casa e relatórios da secretaria, redigidos a mão, sinalizam para o aprendizado nesta área.

A participação no coral do colégio era concorrida. Todas as comemorações importantes promovidas pelo Instituto contavam com a participação do coral, um instrumento usado pelas irmãs para divulgar hábitos educativos de caráter disciplinador e socializador.



Figura 8 – Ensaio do coral (Fonte: arquivo da SRE – Pouso Alegre - MG).

Nesta foto de 1943, produzida para ilustrar o relatório de Inspeção Prévia do ginásio apresentado à diretoria da divisão do ensino secundário, pelo Inspetor Federal do Ensino Secundário Dr. José Garcia Coutinho, em novembro de 1944, é retratado o ensaio

no pátio do colégio, no qual as moças preparavam-se para as apresentações diante da comunidade escolar.

As famílias se encantavam ao ver suas filhas entoarem as canções que ecoavam nos quarteirões do colégio. A ex-aluna, Maria Adelaide de Moraes afirma:

A madre Cavalcante era responsável pelo coral. Tínhamos ensaios na parte da tarde, para não atrapalhar as aulas. Nas festas e formaturas do colégio éramos obrigadas a apresentar. A maioria das músicas eram sacras, e poucas canções populares.

Os trabalhos manuais recebiam do colégio uma atenção especial. Desde a Reforma de Ensino de 1906 a disciplina “trabalhos manuais” aparece nos programas de ensino do Estado de Minas. A preocupação com a formação do caráter moral, como também o aprendizado técnico, justificava a presença desta dentre outras, conforme ressaltava o *decreto n.º 1.960*, de 16 de dezembro de 1906, ao regulamentar a instrução primária e normal para o Estado. “*Faça-se com que a menina, ao deixar a escola, possa se servir do vestuário e mais trabalhos comuns da vida doméstica para ser desde logo útil a si e a família*”. O mesmo decreto orientava que as alunas deveriam conservar em coleção todos os trabalhos para exposição como prova final. O uso da agulha, principalmente o bordado e crochê, faziam parte do currículo, objetivando desenvolver as habilidades manuais das alunas, o que colaboraria também com as atividades intelectuais. Muitas das alunas, ao deixarem a escola, serviam-se deste aprendizado para produzirem as próprias peças dos enxovais e dos trabalhos da vida doméstica no geral. O colégio tinha uma sala especial para essa disciplina, na qual os trabalhos ficavam expostos para apreciação das alunas, professoras e dos familiares, desde os seus primeiros anos de existência. Conforme registra em primeira página o jornal *Semana Religiosa*:

[...] tivemos o prazer de assistir a linda exposição deste importante estabelecimento, notando entre outros os seguintes bellísimos trabalhos: da senhorinha Haydée Vergueiro: 1 sombrinha, pintura à óleo sobre seda, 1 grande almofada, pintura à guache sobre seda e vários outros bellos trabalhos de outras alumnas, pinturas a oleo, a aquarella, pyrograma e trabalhos de agulha. (SEMANA RELIGIOSA, P. Alegre, 2 de dezembro de 1916. Anno I, n.º 9).



Figura 9 – Sala de trabalhos manuais (Fonte: arquivo da congregação - São Paulo).



Figura 10 – Exposição de trabalhos manuais (Fonte: arquivo da Congregação – SP).

Fotos tiradas pelas irmãs em 1943 para ilustrar o relatório de inspeção prévia do ginásio, elaborado em 1944, registram os trabalhos manuais que eram expostos para apreciação dos visitantes. Estes expressam a preocupação com o lar, destino da maioria das futuras formandas.

A preocupação com os exercícios físicos marcou presença nos programas desde o século XIX, porém com a reforma de 1906 fortaleceu-se a “gymnastica” como disciplina indispensável nos currículos para o desenvolvimento físico e aperfeiçoamento dos sentidos do ser humano, impulsionando a prática de esportes no estabelecimento, dirigida no sentido de uma cultura física adequada ao sexo feminino. Assim, os exercícios ginásticos, controlados tecnicamente, eram aplicados na correção corporal, quando necessários às características individuais e físicas das alunas, no sentido de desenvolver harmonicamente o corpo e o espírito, disciplinando os hábitos das meninas. Havia preocupação com a correção dos corpos, necessária para a adaptação da nova postura que se buscava, tendo em vista os imperativos da arrancada industrial no início de 1920. O voleibol, o basket e os jogos de corda, constituíam os esportes que se realizavam com frequência no colégio.



Figura 11 – Aula de gymnastica no pátio do colégio (Fonte: arquivo da congregação –SP).



Figura 12 – Aula de gymnastica no pátio do colégio (Fonte: arquivo da congregação – SP).

A foto, tirada em 1943, coloca em evidência a preocupação do colégio com esta disciplina, atendendo às exigências apontadas pelo inspetor. A própria irmã apitava os jogos entre as classes, movimentando todo o colégio, com professoras e alunas assistindo aos jogos, torcendo por suas representantes.

As irmãs reagiram às novas medidas do Estado Novo que tornavam obrigatório o ensino da educação física nos colégios, todavia o Instituto não poderia fugir desta responsabilidade. Desde o movimento de 1930, a educação física recebera uma reestruturação, principalmente após a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. As instruções vindas através das reformas evidenciaram uma grande preocupação com o patriotismo, que seria alcançado com a prática da educação física, entendida como instrumento eficaz no cultivo dos valores difundidos pelo Estado. Dessa forma, construiu-se o ideário de formação do homem, no Estado Novo. A Constituição de 1937 deu destaque a esta prática, inclusive através da Reforma de Capanema, ela recebendo a denominação de “disciplina”, que aliada ao esporte, ocupou um significativo espaço no Instituto, como colaboradora da disciplinarização do comportamento, e também pelo

desenvolvimento do nacionalismo comprometido com a formação da unidade nacional, nas jovens e futuras professoras. As alunas internas e externas freqüentavam as aulas obrigatoriamente. No regimento interno do colégio prescrevia-se:

A freqüência às aulas é obrigatória, na forma da lei em vigor. Só o médico do estabelecimento poderá conceder dispensa, em caráter provisório ou definitivo, às sessões de educação física. (Art. 23).

Todas as revistas, jornais e álbuns de fotografias registravam, desde a primeira década de existência do colégio, o gosto das alunas pela prática esportiva, principalmente o vôlei que gozava de uma especial preferência entre as meninas, além de animar o colégio, através das partidas do inter-classes, como também nas disputas entre os selecionados do externato e internato.



Figura 13 – Jogos do inter-classes (Fonte: arquivo da congregação – São Paulo).



Figura 14 – Jogo de vôlei na quadra do colégio (Fonte: arquivo da Congregação –SP).

As jogadoras aguardavam com expectativa o dia dos jogos, que movimentava todo o colégio. A crônica da aluna Jandira Mota – *O vôlei no cartaz* – explicita a preferência das alunas por este esporte:

O vôlei em nosso colégio goza de uma especial preferência e, por isso mesmo, possuímos jogadoras animadas e de primeira qualidade, que nos proporcionam espetaculares disputas. No ano passado, foi idealizado um torneio que colocaria em campo e movimentaria todas as classes do “ISD”. (MOTA, 1959, p.97).

Era inevitável a rivalidade entre internas e externas, conforme ressalta a ex-aluna, Jandira, em seu artigo:

Constou esta noitada do dia 13, de três renhidos “sets”. Na 1ª. Queda, as externas estiveram completamente fora da linha, na desvantagem; porém, ao iniciar a 2ª. Partida reajustou-se, vencendo as internas por 15 a 6. Na última, na queda decisiva, o internato mostrou sua classe, merecendo a vitória de 15 a 6. Apesar de ser solicitada uma revanche ao internato, não se pode, absolutamente, satisfazer o pedido das jogadoras derrotadas, pelo fato dos exames, que estavam às portas. (MOTA, 1959, p.98).

O colégio contava também com um selecionado que, impecavelmente uniformizado, representava o Instituto em torneios fora da cidade, conforme narra Jandira Mota:

No dia 1º. de maio, as jogadoras do selecionado ISD, acompanhadas da Madre Porto e da Madre Faria, tomaram um rumo diferente. Nosso destino foi à vizinha cidade de Santa Rita do Sapucaí, onde, numa sensacional partida encontramos com o time da ASA. O jogo foi muito concorrido. Apesar do esforço das alunas pouso alegrenses, não lhes foi possível trazer a vitória à Pouso Alegre. Naquele ambiente acolhedor, passamos horas e horas felizes e à tardinha lotaram, novamente, os ônibus para o regresso da caravana visitante. (MOTA, 1959, p.98).

As reformas das décadas seguintes evidenciaram a importância da educação física, forçando o colégio a se preocupar com a melhoria de seu espaço físico para oferecer melhores condições no cumprimento desta disciplina. O preparo físico era visto como condição para o bom desempenho das ações diárias.

Todavia, após a Revolução de 1930, uma nova dinâmica será dada ao ensino em nível nacional, buscando construir um sistema nacional de ensino que servisse como referência para os Estados. A criação do Ministério da Educação e Saúde no ano de 1931

estruturou o ensino médio do país, sobrepondo-se aos conflitos entre os defensores da Escola Nova e os representantes da Igreja Católica, preocupados com a liberdade de ensino. No Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, educadores assinam e defendem a educação como um dever do Estado, uma escola leiga e gratuita. Entre esses educadores merece destaque Francisco Campos, conforme Cynthia Greive Veiga ressalta:

Em Minas, destacou-se como reformador o jurista Francisco Campos. Em maio de 1927, como secretário dos Negócios do Interior do governo mineiro, ele organizou o I Congresso de Instrução Primária do Estado de Minas Gerais, que precedeu as reformas realizadas no biênio 1927-1928. [...] Em 14 de novembro de 1930, Francisco Campos foi nomeado por Getúlio Vargas para o recém-criado Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Já como ministro, criou o Departamento Nacional de Ensino, oficializado em 1º de dezembro de 1930. Em 1931, instituiu o Conselho Nacional de Educação e reorganizou ao mesmo tempo o ensino secundário, o comercial e o superior, criando o regime de universidade. (VEIGA, 2007, p. 328).

Assim sendo, a Constituição de 1934 registrou avanços importantes na área da educação, evidenciando o domínio do movimento renovador, apesar de em 1937, com a implantação do Estado Novo, um novo direcionamento tenha sido dado à educação nacional, abrindo espaços para a influência da Igreja Católica. Maria Luiza Marcílio, assim destaca:

Com o novo ministro da educação, Gustavo Capanema, retomava-se a fase das reformas parciais, com o nome de Leis Orgânicas, decretos-leis que surgiram entre 1942 e 1946. Reformavam-se alguns ramos do ensino abrangendo o ensino primário e secundário, este com a função de formar nos adolescentes uma sólida cultura geral, a consciência patriótica e a consciência humanística. A educação religiosa tornou-se facultativa; aconselhava-se para a educação secundária a separação por sexos. “É recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva freqüência feminina”, dizia a lei. O momento era de ditadura e forte influência fascista e autoritária, mas ao mesmo tempo fundada em princípios do populismo nacionalista. Estava presente com igual influência a Igreja Católica. (MARCÍLIO, 2005, p.147).

A partir de meados dos anos de 1940 o Instituto sofreu mudanças em seu currículo e novas disciplinas surgiram, atendendo ao *Decreto-Lei 8.530*, de 2 de janeiro de 1946, que estabelecia a Lei Orgânica do Ensino Normal. Esta lei reafirmava a necessidade de “*prover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias*”. Em 7 de agosto de 1944, a diocese, através do bispo D. Octávio Chagas de Miranda atesta – registrado em cartório – que a Madre Lucy de Moraes tem idoneidade para ser a diretora do *Gymnásio – Ginásio Sagrada Família – anexo ao Instituto Santa Dorotéia*. A Madre requereu junto ao Departamento Nacional de Educação no Rio de Janeiro, em 01 de setembro de 1944, a inspeção preliminar para o novo ginásio. O inspetor da divisão de ensino secundário, Dr. José Garcia Coutinho foi designado pelo Ministro da Educação e Saúde para proceder à verificação, para fins de reconhecimento sob regime de inspeção preliminar. A *Portaria de nº. 00524*, de 29 de outubro de 1945, do Ministério da Educação e Saúde, assinada por Gustavo Capanema, concede reconhecimento prévio ao ginásio, promovendo a mudança do nome do estabelecimento para *Ginásio e Escola Normal Santa Dorotéia*, através da *portaria de nº. 00262*, de 30 de maio de 1947, publicado no Diário Oficial em 7 de julho de 1947. E a *Portaria de nº. 899*, de 21 de outubro de 1954, reconhecia o 1º. Ciclo ministrado como curso ginasial. Novas disciplinas aparecerão, conforme o quadro abaixo demonstra:

GINÁSIO – 1º. CICLO

SÉRIE	DISCIPLINAS	ANO
1ª.	Português, latim, francês, matemática, história geral, geografia geral, trabalho manual, desenho, canto.	1949
2ª.	Português, latim, francês, matemática, história geral, geografia geral, trabalho manual, desenho, canto.	1951
3ª.	Português, latim, francês, inglês, matemática, ciências, história geral, geografia geral, desenho, canto.	1953
4ª.	Português, latim, francês, inglês, matemática, ciências, história geral, geografia brasileira, desenho, canto.	1954

Fonte: Livro - Atas de notas. Arquivo da SRE – Pouso Alegre - MG.

CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS.

SÉRIE	DISCIPLINAS	ANO
1 ^a .	Português e literatura, matemática, física e química, desenho e artes aplicadas, música e canto, educação física, recreação e jogos.	1955
2 ^a .	Português e literatura, biologia educacional, psicologia educacional, higiene sanitária educacional, metodologia do ensino, desenho e artes aplicadas, música e canto, educação física, recreação e jogos.	1956
3 ^a .	Português e literatura, psicologia educacional, metodologia do ensino, sociologia educacional, história e filosofia da educação, higiene e puericultura, desenho e artes aplicadas, música e canto, prática do ensino, educação física, recreação e jogos.	1957

Fonte: Livro – Atas de notas. Arquivo da SRE – Pouso Alegre - MG

Na década seguinte o Instituto sofreu novas mudanças para se adaptar às transformações propostas pela legislação vigente. Em 25 de julho de 1959, a escola requereu junto ao diretor do ensino secundário, no Rio de Janeiro, a autorização para funcionamento do 2º. Ciclo – curso clássico sem grego – o que foi concedido pela *Portaria de n.º. 267* de 25, de abril de 1960, passando o Instituto a oferecer:

- Jardim da infância com duração de um ano.
- Curso primário com duração de cinco anos.
- Admissão com duração de um ano.
- Ginásio com duração de quatro anos.
- Curso Normal (2º. Ciclo) com duração de três anos.
- Colegial (2º. Ciclo – clássico) com duração de três anos.

O curso *clássico sem grego* oferecia na 1ª. série as disciplinas: português, latim, francês, inglês, espanhol, matemática, história geral, geografia geral e educação física

Ainda em 1959, a escola solicitava a mudança do nome para *Colégio e Escola Normal Santa Dorotéia*, aproveitando-se do momento extremamente favorável para a Igreja, vista como corresponsável pela educação. A *Lei 4024*, de dezembro de 1961, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, atende às investidas da Igreja

Católica que estava em plena divulgação da Encíclica “*Divini Illius Magistri*”, escrita pelo Papa Pio XI. E no ano de 1974, nova mudança de nome para *Colégio Santa Dorotéia*, de acordo com publicação no jornal oficial *Minas Gerais*, de 19 de julho de 1974, fls.07, coluna 04, *Resolução nº. 859/74*. Esta mudança fez-se necessária para adequar o colégio à *Lei 5.692*, de 11 de agosto de 1971, que extinguiu o curso normal, e definiu novos conteúdos que seriam implantados em nível nacional, objetivando a educação integral do educando, conforme destaca Maria Luiza Marcílio (2005, p.154): “*foi nesse período ainda que se desestruturou irremediavelmente a formação dos professores, tanto para o ensino fundamental como para o médio, quando se liquidou com as Escolas Normais e se desmontou as Faculdades de Filosofia. O saldo foi assim mais negativo*”. O estabelecimento funcionou na Rua Francisco Salles, no centro da cidade, até dezembro de 1970, data em que se transferiu para o novo prédio construído ao lado da Rodovia Juscelino Kubitschek, no bairro de Fátima. Apesar dos questionamentos dos pais, receosos em deixar suas filhas estudarem longe do centro, as irmãs acreditavam que esta nova construção possibilitaria mais conforto às alunas e poderia atender com mais eficiência o novo curso, Técnico em Enfermagem, que seria autorizado pela *resolução nº. 812/74* e reconhecido pela *Portaria da SEE nº. 454/76*, MG de 13 de agosto de 1976.

Mas, a estrutura moderna não foi suficiente para manter o funcionamento do colégio. Em carta endereçada aos pais, professores e funcionários, a madre provincial da congregação comunicava, em 25 de novembro de 1976, a suspensão das atividades escolares, por espaço de dois anos. As irmãs concluíram a carta destacando que “são grandes as nossas esperanças, se assim Deus o permitir, de abrir novamente as portas deste educandário, para fazer jus a uma tradição, como continuadoras da missão da Paula Frassinetti”. Várias foram as razões que explicam o fechamento do colégio, conforme veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

A ESCOLA E A CIDADE NOS PERIÓDICOS DE POUSO ALEGRE



Figura 15 – Sala de aula – 1942 (Arquivo SRE – Pouso Alegre - MG).

SÍMBOLOS DE MODERNIDADE NO SUL DE MINAS

“O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo”.

Pierre Nora.

Busca-se compreender aqui, por meio dos periódicos locais, a relação entre escola e cidade, evidenciando a reciprocidade e a tessitura de relações de identidade dos sujeitos de ambos. A idéia de pesquisar alguns jornais parte da importância da imprensa para a cidade e de sua estreita relação com o Instituto, principalmente nas três primeiras décadas do século XX, período em que as elites locais procuravam conquistar espaços através da expansão da cultura, fazendo uso da imprensa e da escola. A relação entre instrução, desenvolvimento urbano e Igreja era muito próxima, tendo em vista que o desenvolvimento da sociedade local fazia parte de um movimento maior de consolidação do povo que buscava alcançar os mais altos níveis de civilidade que permeavam o ideal republicano. Novas formas de convivência social ligadas à instrução do povo passariam pela educação, ainda que o alcance fosse limitado a um grupo muito restrito de pessoas, porém o ideal começava a se popularizar. A educação, no início do período republicano, configurou-se como meio viabilizador das transformações pregadas como condição para a implantação de uma nova nação, progressista e reformada. Através da imprensa e da escola, divulgavam-se os princípios norteadores das relações sociais previstas para o período, revestindo as velhas estruturas e tornando a eminente classe burguesa mais eficaz. A imprensa pousoalegrense tradicionalmente vinha se constituindo num dos pilares da vida política, religiosa e educacional da sociedade local. Assim, como nos países desenvolvidos, no Brasil, a educação passa a ser vista como um instrumento de consolidação da sociedade moderna, uma bandeira expressiva para a entrada do país na modernidade.

Nesse sentido, atribuiu-se às escolas, com a parceria das congregações religiosas, funções objetivas que fossem capazes de consolidar os anseios da classe dominante preocupada em acompanhar os avanços da modernidade e manter seus privilégios.

No desenvolvimento da pesquisa, realizada fundamentalmente a partir dos jornais de circulação em Pouso Alegre, no período de 1900 a 1976, com ênfase nos jornais “*Semana Religiosa*”, “*O Linguarudo*”, “*Gazeta de Pouso Alegre*” e “*Correio Sul-Mineiro*”, depara-se com um conjunto de dados bastante significativos em relação ao tripé:

igreja-escola-cidade. Esse conjunto oferece dados importantes sobre o cotidiano de algumas instituições, em especial do Instituto, fornecendo informações sobre sua trajetória ao longo de sua existência. Ao longo deste processo, atentamos para as considerações de Antônio Nóvoa (1997, p.31), que destacam a utilização da imprensa enquanto fonte, ao dizer que *“a imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas desta área”*.

Este estudo adotou ainda uma perspectiva destacada por Marcia Hilsdorf Dias:

Nesse sentido, minha preocupação foi destacar o jornal enquanto um produto cultural, produzido por sujeitos históricos, determinados e inseridos em um contexto histórico também determinado. As informações veiculadas na imprensa permitiram uma melhor compreensão de qual concepção de escola a sociedade dessa época estabeleceu como norteadora de suas práticas, ou seja, de quais visões de homem, de mundo e de escola estavam por trás do pensamento desses sujeitos. (DIAS, 1999, p.22).

Portanto, foram analisados como portadores de características específicas, tendo em vista o contexto no qual foram produzidos. E ainda, identificamos as pessoas e os grupos responsáveis pela editoração, considerando suas intenções e suas relações com os poderes constituídos da cidade.

Estes jornais foram usados como instrumentos estratégicos para a construção dos princípios de propaganda política e religiosa e de padrões de comportamentos em Pouso Alegre. Idéias e concepções de homem foram expostas pela imprensa da cidade. A primeira década do século 20, período da fundação do Instituto Santa Dorotéia, a população, composta por fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais, religiosos, trabalhadores rurais, tradicionalmente, freqüentava a Igreja e via no Bispo a maior autoridade do município. Os grandes feitos da cidade eram veiculados pelos jornais, que destacavam de forma ufanista as realizações atribuídas aos grandes vultos da política e da Igreja. Igreja e poder político no Sul de Minas relacionavam-se bem. Esta relação sempre foi estreita, permitindo um amplo espaço para a educação feminina, sustentada pelo ensino católico, norteado pelos princípios cívicos e morais, aprovados pelos inspetores federais que fiscalizavam estas instituições em nome do Estado. Desde a primeira década de

existência do colégio, os relatórios de inspeção federal evidenciavam o papel do Instituto Santa Dorotéia voltado para a efetivação dos preceitos morais que muito contribuíram para consolidar o discurso político voltado para a organização das relações sociais. O regimento interno descrevendo sobre *os fins* do Instituto destaca (1944): “*educação cívica, despertando e desenvolvendo nas jovens o sã patriotismo, que se traduz no desejo de cooperar, dentro do ambiente de sua atividade, pelo bem da pátria*”. A igreja local acreditava que o progresso da cidade passaria pelas vias das práticas religiosas, conforme o artigo - *A religião em Pouso Alegre* - publicado no jornal *Semana Religiosa* destacava:

É innegavel que a religião, a religião prática vae progredindo em Pouso Alegre, acompanhando assim o progresso material da cidade. Prova disso tivemos há poucos dias, no grande numero de pessoas que freqüentaram a cathedral, por ocasião das pregações quaresmaes do revmo. Frei Ângelo de Bom Consuelo, e prova ainda mais eloqüente nas magníficas comunhões gerais que deram remate a essas pregações. (SEMANA RELIGIOSA, 24 de março de 1921, anno: V, Nº. 229, pág.3).

O jornal “*Semana Religiosa*” foi o de maior duração na cidade, jornal oficial do bispado, divulgador dos ideais católicos e das obras missionárias do bispo local. “*O Linguarudo*”, de formato 18 x 12, um dos de maior duração, tendo como redator Pedro Lúcio de Andrade, e como editor, João Ferreira de Paula. O “*Correio Sul-Mineiro*”, de formato 55 x 38, com seis páginas de seis colunas, de publicação semanal, aos sábados, tendo como redatores João Ribas D’Avila e Archímio de Barros, e o “*Gazeta de Pouso Alegre*”, semanário, fundado por Alípio Nogueira, tendo como redatores, Dr. João Beraldo, Dr. Cândido Alves Nilo, Dr. João José de Queiroz e Dr. José Garcia Coutinho, respectivamente. Ambos estavam voltados mais para as questões políticas, sendo utilizados para oportunizar uma maior compreensão do momento político-cultural da sociedade pousoalegrense e das concepções de educação e de sociedade. Foram localizados e consultados alguns exemplares desses periódicos, que estão relativamente bem conservados, encadernados e colocados em estantes. Todos traziam na primeira linha de seu cabeçalho, a data da publicação do exemplar, o ano e o número correspondente; a diagramação bem definida, facilitando sua consulta.

Estes jornais serviram como mensageiros da classe dominante, dos políticos e dos religiosos, com uma divulgação ideológica dos ideais republicanos, centrados nas questões

relacionadas à educação e a religiosidade da sociedade local. O jornal “Semana Religiosa” foi uma grande pilastra que sustentou a propagação de uma educação de caráter moral e religioso. Percebe-se que os redatores e articulistas sempre estiveram empenhados em influenciar a população, na conquista da ordem e das práticas religiosas. Uma de suas preocupações era destacar a contribuição do Instituto na divulgação de uma concepção de mundo e de educação essencialmente católica. Uma educação voltada para a formação das futuras mães, as quais garantiriam a influência da Igreja Católica na comunidade local e regional.



VISTA DO COLÉGIO SÃO JOSÉ

Colégio «São José»

Fundado no ano de 1899, por Monsenhor JOSÉ PAULINO. Funciona nos dois andares, dirigido pela Congregação dos Filhos de Maria Imaculada, sendo seu Diretor o Sr. CARLOS COLOMBO.

A matrícula do corrente ano letivo, é de 394 alunos, sendo 85 no Curso Científico e 281 no Curso Ginasial e 28 no Curso de Admissão.

Ginásio e Escola Normal «Santa Dorotéia»

O Ginásio e Escola Normal Santa Dorotéia, foi fundado nesta cidade a 11 de Fevereiro de 1911, há 46 anos.

No mesmo ano de sua fundação, foi a Escola Normal equiparada, e desde então, vem este Estabelecimento de Ensino disseminando e bem e o saber às gerações novas de nossa terra, de modo que se pode dizer que quasi não há família pousoalegrense que não esteja vinculada ao Colégio das Dorotéias.

Quando no Brasil, mudou o regime de instrução, abrindo-se Ginásios, aqui foi, também, equiparado o Ginásio, em 1945.

Conta o Ginásio e Escola Normal Santa Dorotéia, este ano, com 1.ª matrícula de 599 alunas desde o Jardim da Infância até o 5.º ano do Curso de Formação.

Grupo Escolar Mons. José Paulino

Foi o primeiro estabelecimento de ensino público fundado nesta cidade. Conta com 45 anos de existência, pois foi fundado em 6 de Agosto de 1912.

Grupo Escolar «Hermantina Beraldo»

Instalado em 28 de Maio de 1946. Diretora Técnica: Maria das Dores Lamounier de Vilhena; Auxiliar de Direção: Da Tarcília Paiva Carvalho; Orientadora Técnica: Maria Dalva de Moraes. — Estão matriculados 405 alunos. Corpo Docente: 20 professoras. Anexo ao Grupo Escolar funcionam 2 Escolas Noturnas, 1 Curso de Alfabetização de Adultos — Escola Profissional «Delfim Moreira».

Grupo Escolar «Prof. Joaquim Queiroz»

O Grupo Escolar «Prof. Joaquim Queiroz» foi instalado em 1.º de fevereiro de 1949, e conta com 400 alunos. E' Diretora Técnica Cecília de Souza. — Vice-Diretora: Evangelina M. Miranda. Corpo Docente: 14 professoras.

Grupo Escolar «Dom Otávio»

Criado por Decreto Estadual n. 4215 de 27 de abril de 1954. E' Diretora Técnica a srta. Clarisse Toledo e auxiliar de Direção d. Jandira Ribeiro Tosta. Conta com 10 professoras, 1 zeladora do prédio e uma servente.

Estabelecimentos de Ensino em Pouso Alegre

Grupo Escolar «Artur Bernardes»

Instalado em 2 de fevereiro de 1956. E' Diretora Técnica a srta. Clarisse Caldas e Vice-Diretora D. Lourdes Andery. Conta com 405 alunos. Corpo Docente: 11 professoras.

Escola Profissional «Delfim Moreira»

A Escola Profissional «Delfim Moreira» foi fundada pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano D. Otavio Chagas de Miranda, em 19 de Março de 1917, para ministrar educação e instrução literaria e profissional a menores orfãos e desvalidos.

A Escola Profissional é dirigida pela Congregação Religiosa dos Filhos de Maria Imaculada e abriga atualmente 45 menores, de 10 a 16 anos de idade, distribuído nos cursos profissionais de artes graficas, mercearia, alfabetia, sapataria e horticultura, frequentando todos, os 5 anos do curso primario, e alguns a Escola Técnica de Comercio.

Orfanato N. Senhora de Lourdes

Dentre todas instituições de caridade de Pouso Alegre uma desponta como das mais altas finalidades: O Orfanato N. Senhora de Lourdes.

Destinada a receber meninas reconhecidamente desvalidas, contando atualmente com 33 filhas que a fatalidade colheu tão cedo, há está, na rua Adolfo Olinto, em prédio proprio, sustentado pela Associação de Caridade de Pouso Alegre, o modelar estabelecimento.

Quem por ali passa, além das inspeções do Juiz de Orfãos e do Promotor de Justiça, representantes legais de menores, sente-se conforçado diante de tantas e tamanhas organizações filantrópicas.

Não podíamos, ao ensejo deste registro, deixar de relembrar o nome da figura que o tempo vai deixando no esquecimento, lá na curva do passado, e que se chamou em vida - *Irmã André*. Descontente de francês, falando com o sotaque da sua origem, durante muitos anos, diuturnamente, caminhava aquela creatura Humana por todo o território do município de Pouso Alegre, na sua ansia in-

domável de dotar esta terra de um orfanato, que pudesse, um dia, abrigar as meninas que aqui nascessem e fossem colhidas pela fatalidade de não terem o carinho sacrosanto de Mãe. Sentia Ela — a Irmã das meninas orfãs e desamparadas de Pouso Alegre, — e desejo conveniente de deixar neste mundo não o rastro de sua figura, mas o legado que a sua indole tocada ás ráias da Santidade, fazendo vibrar na sua alma aquele sonho que foi transformado em realidade, e que hojeja mercê da Indole caridosa do nosso Povo, está abrigando, dando formação moral extraordinaria e educando tantas moças, que dali saem, com lagrimas nos olhos de Saudades para construírem, religiosamente, tantos e tantos lares honrados.

João Basílio, o saudoso Pousoalegrense que doou o terreno para a antiga Santa Casa, onde hoje está situado o prédio do Orfanato, tem o seu nome lembrado aqui, com uma bellissima rua. E não sabemos porque os nossos poderes publicos ainda não cuidaram de dar o nome de *Rua Irmã André* á rua Dom Jesus, porque ali f'cava bem ligado ao seu nome a lembrança daquela que exerceu um Apostolado, como tantas outras, e a Historia, sempre mal contada, vai esquecendo tão adoradas creaturas, que abandonam o mundo das ilusões, para viverem, somente, no mundo da Piedade!

Que seja dado o nome do nosso padroeiro a outra rua, porque precisamos de cultura, sempre, a Religião Católica. Mas o bom senso recomenda e a prática indica, para aqueles que recebem a incumbência de zelar pela grandeza e pela Justiça de Pouso Alegre, que aquele a rua que criou com a João Basílio, precisa ter o nome de *Irmã André* porque através esses dois nomes, formando um angulo de duas almas caridosas, poderá surgir, ainda, pelo exemplo, tantas outras creaturas que poderão imitar aquelas que se foram, não de todos, porque ficaram perpetuamente presos nas nossas mais sensíveis Lembranças, nas nossas mais comoventes Homenagens.

Escola Doméstica «Santa Terezinha»

Finalidade — ministrar educação profissional, cultural, religiosa e doméstica. Numero de alunas - 60.

Diretoria — Diretora - Madre Ligia Bueno de Oliveira. Secretária - Irmã Ester Pereira, Tesoureira - Irmã Helena Ham.

Anexa á Escola, funciona um Pensionato para meninas e moças.

Funcionam as Federações Marianas Masculina e Feminina da Diocese de Pouso Alegre.

Pelas religiosas que a dirigem, é realizado um trabalho de Assistência social na cidade e bairros, através de visitas domiciliares, catequese, reajustamento, etc.

Escola Técnica de Comercio São José de Pouso Alegre

Fundada em Fevereiro de 1945, por Monsenhor Dr. Furtado de Mendonça. Diretoria atual — Diretor: Dr. Geraldo Clemente de Andrade! Vice-Diretor: Dr. Alberto Pires; Secretário: Contador Francisco Mariano Medeiros, Inspector da Diretoria do Ensino Comercial: Dr. Angelo Guersoni.

Corpo Docente: Professores: Geraldo Camargo, Joaquim Honório de Melo, Leocy Ferreira da Silva, João Alberto da Silva Castro, Balbino Faustino do Amaral, Inácio Loyola Engelman, Benedito Faria Machado, Dr. Wagner Brandão Bueno e Professoras Maria de Jesus Ribeiro e Geraldina Tosta.

Cursos em Funcionamento: Admissão, Comercial Básico e Técnico de Contabilidade.

Alunos Matriculados nos três cursos: 334.

GINASIO E ESCOLA NORMAL «SANTA DOROTÉIA»



Figura 16— Fonte: JORNAL “O LINGUARUDO”- Ano: XXVI, Nº. 467, de 1967.

MARCOS IDENTITÁRIOS DE POUSO ALEGRE: RELIGIÃO E IMPRENSA

Em fins do século XVI, as bacias do Alto Sapucaí e do Rio Verde, espaço que delimita São Gonçalo do Sapucaí e Campanha, recebem os primeiros colonizadores em busca de riquezas. Ainda em 1601, passa pela região do Sapucaí a expedição de Dom Francisco de Souza, acompanhado do naturalista alemão Glimmer, explorando nossas desconhecidas terras. Todavia, somente em meados do século XVIII, com a descoberta das minas de ouro em Santana do Sapucaí e Ouro Fino, é que os paulistas aumentaram sua presença na região sul-mineira.

Inicialmente os forasteiros, após descanso às margens do rio, deram nome ao lugar de “Pouso do Mandu”, impulsionando o governador da Capitania de Minas Gerais a criar, em 1755, um posto fiscal às margens do Mandu, destinado a evitar o desvio clandestino de ouro das minas próximas. Ao redor de um rancho que recebia os viajantes para travessia, surge o povoado, às margens do rio que hoje corta a cidade. O nome será usado até a construção da primeira capela, passando a ser conhecido também como “Capela do Mandu”. O historiador pousoalegrense, Octávio Miranda Gouvêa, em seu livro *A história de Pouso Alegre*, destaca:

Mas a origem do nome definitivo do arraial, que começava a surgir, tem outras versões, sendo folclóricas e outras mais realistas. Bernardo Saturnino da Veiga, no seu “Almanack Sul Mineiro”, assim a explica: Em 1797, o governador Dom Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas, que de São Paulo fora transferido para a Capitania de Minas Gerais, passou pelo nascente povoado, onde veio encontra-lo o Juiz de Fora de Campanha, Dr. José Joaquim Carneiro de Miranda. Encantados pelo suntuoso panorama que se descortinava aos seus olhos e pelos vastos e límpidos horizontes que os cercavam, conta-se que um daqueles personagens dissera: “Isto não devia chamar-se Mandu, mas, sim, Pouso Alegre”. E daí veio a denominação que o povo e a lei posteriormente sancionaram.

Essa versão é também contestada por Amadeu de Queiroz, que põe em dúvida, observando que em 1797 ainda não era juiz de fora de Campanha o Dr. José Joaquim Carneiro de Miranda, nomeado para esse cargo em 25 de abril de 1799; alega ainda que o governador português Bernardo José de Lorena, era um indivíduo grosseiro, incapaz de um arroubo lírico dessa natureza. Entretanto, admite que o Conde de Sarzedas, ou de sua comitiva, tenha partido a idéia de que melhor se

aplicaria ao Pouso do Mandu a denominação de Pouso Alegre, dada anteriormente à fazenda de Cláudio Furquim de Almeida, que era um pouso por onde haviam passado os viajantes, situado no lugar próximo a Camanducaia, hoje chamado de Itapeva. Supõe, ele que, de uma simples comparação como: Este lugar é que devia chamar-se Pouso Alegre, e não aquele pouso onde estivemos, tenha sido batizado, espontaneamente, o lugar {...}.

“O que se depreende destes argumentos, e do que consta em documentos históricos de várias naturezas, é que o nome Pouso Alegre foi adotado pelos moradores quando foi feita a representação pedindo a criação da freguesia”. “É mais aceitável admitir-se a transferência de nome, feita deliberadamente, que as exclamações teatrais do pesado Capitão-Mor, Bernardo José de Lorena, ou do anacrônico Juiz de Fora de Campanha”, conclui Amadeu de Queiroz . (GOUVÊA, 1984, pág.26).

A história da cidade está diretamente relacionada à religiosidade dos primeiros habitantes, pois o próprio crescimento do povoado deu-se a partir da inauguração da capela, quando em 6 de agosto de 1799 foi rezada a primeira missa, animando o povoado, que foi popularizando o nome Pouso Alegre, e exigindo do bispo de São Paulo a criação de uma nova paróquia. Assim, por meio do alvará régio de 6 de novembro de 1810, assinado por Dom João VI, Príncipe Regente de Portugal, Pouso Alegre foi elevada à categoria de Freguesia, e a capela elevada à categoria de paróquia, recebendo como vigário o jovem padre José Bento, que futuramente faria também destacável carreira política, como deputado e senador do Império.

Este padre realizou um grande empreendimento na época com a fundação de uma tipografia que passou a publicar o primeiro jornal da cidade “*Pregoeiro Constitucional*”. Existiam apenas quatro jornais em Minas Gerais, publicados em Ouro Preto, São João Del Rei, Diamantina e Mariana, sendo o jornal fundado pelo padre José Bento em 7 de setembro de 1830 o quinto a surgir na Província, impresso em oficina própria, às quartas e sábados. Outros jornais fizeram uso desta tipografia, o que expressa as dificuldades da época, contribuindo assim, para o amadurecimento da região nesta área, e também para as conquistas políticas do povoado como a elevação à categoria de vila em 13 de outubro de 1831, e de cidade pela *Lei Provincial* n°. 433, de 19 de outubro de 1848, assinada pelo então presidente da Província de Minas Gerais, Bernardino José de Queiróga.

O quadro abaixo expõe a relação dos jornais mais tradicionais da cidade nos meados do século XIX ao final do século XX.

RELAÇÃO DOS JORNAIS DE POUSO ALEGRE - MG

JORNAL	ANO	PERIODICIDADE	JORNAL	ANO	PERIODICIDADE
Pregoeiro Constitucional	1830-1831	2 vezes/semana	A Gazetinha	1907	Semanário
O Recopilador Mineiro	1833-1837	2 vezes/semana	O Mandu	1908	Semanário
O Mineiro	1873-1876	Semanário	O Pouso Alegre	1909-1921	Semanário
Progresso Mineiro	1878 - ?	Semanário	Folha Popular	1910-1912	Semanário
Eco Juvenil	1879	Quinzenal	A Semana	1910-1913	Semanário
Dez de Dezembro	1879-1880	Semanário	O Independente	1912	Semanário
O Pouso Alegrense	1880-1881	Semanário	TribunaS. Mineira	1913	Semanário
Livro do Povo	1881-1889	Semanário	O Industrial	1913	Semanário
Jornal de Pouso Alegre	1885- ?	Semanário	Gazeta	1913-1915	Semanário
Vale do Sapucaí	1885-1886	Semanário	O Sul Mineiro	1914-1916	Diário
O Sapucaí	1887-1888	Semanário	O Repórter	1914-1916	Quinzenal
O Pirilampo	1889-1890	Semanário	A luz	1916-1935	Mensal
O Noticiador	1892-	Semanário	A Reação	1916	Mensal
Pátria	1897	Semanário	A Contra Reação	1916	Mensal
Sul de Minas	1900	Semanário	O Trabalho	1917	Semanal
Semana Religiosa	1902-1986	Semanário	O Porvir	1917	Semanal
A Esperança	1902-1903	Semanário	O Acadêmico	1919-1930	Quinzenal
Jornal de Minas	1904	Semanário	O Imparcial	1921-1925	Semanário
Mensageiro Paroquial	1904	Quinzenal	O Pouso Alegre	1933	Semanário
O Estudo	1904	Mensal	A Cidade	1933	Semanário
A Verdade	1904	Semanário	O Linguarudo	1934-1978	Semanário
Correio Sul Mineiro	1904-1906	Semanário	O Cenáculo	1934	Mensal
O Estudante	1906	Quinzenal	A Cultura	1937-1944	Mensal
Mensageiro	1906	Mensal	Gazeta de P. Alegre	1953-1956	Mensal
Cidade de Pouso Alegre	1906-1910	Semanário	O Independente	1958-1962	Mensal
A Mocidade	1906-1907	Quinzenal	O J. de P. Alegre	1967-1982	Semanário
O Pouso Alegrense	1906-1908	Semanário	O Município	1938-2007	Mensal

Fonte: QUEIROZ, Amadeu. *História de P.A. e sua Imprensa*. Pouso Alegre, 1998, p.76-105

A cidade priorizou a construção da nova Igreja Matriz na praça central, ponto de encontro da classe proprietária que se revezava no comando da cidade. No final do século XIX e início do século XX, Pouso Alegre apareceria entre as principais cidades mineiras, devido às atividades comerciais e industriais iniciadas pelos imigrantes europeus.

O LUGAR DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL

No campo educacional, apesar dos poucos recursos, os moradores da cidade buscavam educação para seus filhos, o que teria motivado a criação da primeira escola por iniciativa particular, ainda na condição de arraial em 1818. O historiador Octavio Miranda Gouvêa ressalta:

Com o decorrer dos anos surgiram novas iniciativas no setor da instrução, como a fundação do Colégio São Sebastião para meninos, e o Colégio Nossa Senhora das Dores, para meninas em 1872. Outros colégios de duração efêmera se sucederam até que em 1880 surgiu o Colégio Mendonça, notável educandário dirigido pelo professor Antônio Francisco Furtado de Mendonça, que se tornaria o mais afamado colégio de seu tempo em todo o Sul de Minas. (GOUVÊA, 2004, p.67).

Mas, o impulso maior na instrução veio após a criação da diocese, em 4 de agosto de 1900 pelo decreto da congregação consistorial - *Régio Latissime Patens* – que recebeu como primeiro bispo Dom João Baptista Corrêa Nery, fundador do jornal “*Semana Religiosa*” em 1902, para divulgar as ações da diocese. Dentre tantas realizações a criação de uma escola de ensino primário para meninos pobres e um colégio para meninas, sob a direção das Irmãs da Visitação, que se tornou em 1911 o Instituto Santa Dorotéia, conforme destacava em primeira página o jornal *Correio Sul-Mineiro*:

O novo e elegante edifício em que já se acha funcionando o acreditado e importante collegio da Visitação, está situado num dos mais aprazíveis arrabaldes, da nossa cidade, a sudoeste, dominando esplendido panaroma {...}.

Damos parabéns igualmente ao distinto engenheiro e empreiteiro das obras, Sr. José Piffer e a Pouso Alegre, por mais esse melhoramento. (CORREIO SUL-MINEIRO, 31 de Dez. de 1904, anno I, nº. 11, pág.1).

O primeiro bispo da cidade foi responsável pela vinda das irmãs da Congregação da Visitação de Santa Maria, que assumiram o comando do colégio de meninas. Alvarina Amaral de Oliveira Toledo destaca (1997, p.58): “*No tocante à educação das jovens pouso-alegrense e outras vindas de São Paulo, Rio de Janeiro e cidades vizinhas, as irmãs formaram verdadeiras educadoras, mulheres notáveis que tão bem orientaram a sua descendência. A primeira turma do colégio se diplomou no ano de 1908*”. A última turma diplomou-se no dia 1 de dezembro de 1910, ano em que terminou a licença dada pela Madre Geral da Ordem, forçando as Irmãs Visitantinas a se transferirem para o convento de Vila Mariana em São Paulo.



Figura 17 – Diploma de 1910 (Arquivo SRE – Pouso Alegre - MG).

Todavia, uma nova escola para meninas seria criada no ano seguinte, agora sob o comando das Irmãs de Santa Dorotéia, objeto deste estudo. Falando sobre o colégio, Alvarina Amaral de Oliveira Toledo ressalta:

Era um grande educandário, onde estudei de 1919 até 1928 diferentes disciplinas, em vários graus: ciências, letras e artes. Inesquecíveis são para mim as aulas de canto, música, pintura, poesia e especialmente as aulas de trabalhos manuais de fino valor dadas por professoras portuguesas da Ilha da Madeira. As aulas de religião abrangiam conhecimentos do Antigo e do Novo Testamento. Lá estudei piano desde o primário até o curso normal. (TOLEDO, 1997, p.60).

O colégio de meninos também contribuirá para a formação cultural da elite pouso-alegrense, formando intelectuais, alguns conhecidos no cenário nacional como Menotti del

Picchia, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida, Mário Casassanta, Vinícius Meyer e outros. Vale destacar a atuação de Mário Casassanta que, após estudos em Pouso Alegre, projetou-se em Belo Horizonte como literato, professor universitário e grande divulgador dos ideais republicanos. No imaginário republicano, a escola seria o instrumento para efetuar o progresso, superando os entraves que impediam a consolidação dos princípios modernos, e a cidade o lugar onde estes ideais se consolidariam. Portanto, ao falar dos espaços como também dos lugares, fala-se do contexto urbano, no qual escola e imprensa difundiam concepções e padrões tidos como ideais à sociedade local. A imprensa pouso-alegrense abraçava esses ideais, conforme explicita o jornal *Gazeta de Pouso Alegre* na coluna *Escrevinhando*:

O Brazil está fadado a desempenhar no concerto mundial papel muito saliente, já por sua posição geográfica, já por suas riquezas naturaes {...}.

O Brazil também espera tudo de sua mocidade. É preciso que ella se una, que combata por todos os meios, sem tréguas nem quartel, as duras hydras que ameaçam nos tragar. É preciso que emprehenda uma cruzada santa em prol da instrução que a diffunda entre os 80 % de analphabetos que vegetam no nosso solo. Extinto o analphabetismo, está extincta a politicagem, pois que esta, como certos anaeróbios que só podem viver onde não podem viver onde não entra o oxygenio vivicador. Só pode medrar onde não penetra o sol sacrosanto da instrução.

(GAZETA DE POUSO ALEGRE, 27 de agosto de 1916, anno I, nº.13).

A produção intelectual do período deixava claro o papel da educação de “dar forma ao país amorfo, transformando o habitante em povo”, construindo a nação. Regenerar essa massa popular era a tarefa, um grande desafio, buscar a nova ordem que se implantaria. O intelectual pouso-alegrense, Oswaldo de Carvalho e Silva, em artigo intitulado- *A Instrução*- no jornal *Gazeta de Pouso Alegre*, escreve:

These difficil para se desenvolver. Licção sublime que encerra o progresso de um povo objecto de máxima importância a todos quanto sentem o desejo de se tornarem grandes, fortes, e que desejam partilhar das delícias postentosas da essencia da instrução. [...].

Tornar-nos-emos fortes por excellencia, modelo a todos os outros povos, que sem dúvida terão a certeza de que a nossa emancipação proveio exclusivamente da instrução.

(GAZETA DE POUSO ALEGRE, 01/04 de 1917, anno 1, n.º.44, pág. 2).

O Instituto, criado por iniciativa do bispo local, foi se configurando como a única escola para mulheres, responsável pela formação das professoras da cidade, ao longo dos seus 65 anos de existência, colaborando para que uma inserção cada vez mais significativa aconteça na sociedade a partir de um contexto urbano e burguês, das moças que ocupariam espaços nessa sociedade. As professoras do Instituto, ao lado dos profissionais liberais, como médicos, engenheiros, serão construtoras da nova ordem. Os dirigentes locais e as elites, conhecedores do potencial das irmãs, confiaram às religiosas suas filhas, a fim de que recebessem uma educação adequada para a consolidação dos anseios da classe urbana. Aproximar das ciências e das letras, sem se descuidar dos princípios religiosos, era o caminho mais curto para a ascensão social. Assim, o colégio foi se consolidando diante da população local, com respaldo decisivo da imprensa, como um ambiente enobecedor, um patrimônio da cidade. As demais escolas da cidade até a década de 1960, conforme quadro abaixo, eram restritas à formação de nível primário.

RELAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES DA CIDADE – 1899-1967

ANO	GRUPO / COLÉGIO	MANTENEDORA
1899	Colégio São José (meninos)	Diocese
1912	Grupo Escolar Mons. José Paulino	Estado
1917	Escola Prof. Delfim Moreira	Diocese
1946	Grupo Escolar Hermantina Beraldo	Estado
1949	Grupo Escolar Prof. Joaquim Queiroz	Estado
1955	Grupo Escolar Dom Otávio	Estado
1956	Grupo Escolar Presidente Bernardes	Estado
1961	Grupo Escolar Vinícius Meyer	Estado
1965	Escola Estadual Dr. José M.de Oliveira	Estado
1967	Grupo Escolar Prof. Ladislau	Estado

Fonte: *Semana Religiosa*, 13 de agosto de 1967, ano L, n.º.2998, pág.4.

Este estudo procura refazer os caminhos percorridos pelos primeiros habitantes na construção de espaços para exercício da cidadania e implantação de estabelecimentos para que a elite tivesse acesso ao saber. Assim sendo, a extensão da escolarização era uma necessidade para Pouso Alegre dar seus passos em busca da modernidade. As avenidas, igrejas, praças, estabelecimentos comerciais foram projetados, dando cara à cidade, na qual o Instituto ocupava seu espaço de destaque. O domínio da ciência se materializava nas novas construções – palácio episcopal, catedral metropolitana, teatro, cinema, estação ferroviária, e o imponente Instituto Santa Dorotéia, e acompanhando este avanço, a apropriação do saber por parte dos filhos dos proprietários. Conseqüentemente, as camadas populares ocuparam espaços na periferia, distante dos casarões elegantes dos comandantes políticos e religiosos, configurando um processo excludente em nome do progresso e da construção da civilidade, conforme explica Cynthia Greive Veiga (2002, p.28): “*A civilidade se torna o elemento central no entendimento da formação/educação dos indivíduos – a cidade nos seus traçados e edificações é portadora de uma monumentalidade que pretende se fazer produtora e transmissora de edificações. O sujeito maior – a própria cidade. A repressão policial, as posturas municipais e outras iniciativas disciplinares aparecem no sentido de concretizar o processo civilizatório*”.

A cidade é o espaço oportuno para formar e educar os sujeitos que consolidaram os princípios da modernidade, o que permitiu evidenciar a aproximação entre o Instituto Santa Dorotéia e a cidade. Logo, a função social do Instituto no momento de sua fundação vai além da influência do bispo na região, revela também a concentração de forças da classe dominante em função de uma escola voltada para a formação da elite urbana em fase de afirmação.

Ao analisar esta instituição escolar, conseqüentemente atenta-se para o ambiente no qual esta se inseria, evidenciando a memória institucional, como também a memória da cidade, entrelaçando memórias pessoais, coletivas e também institucionais. Considerar-se-á o processo que permitiu ao Instituto ocupar uma posição de destaque na área educacional em Pouso Alegre, compreendendo a identidade do Instituto, conseqüentemente, compreender-se-á melhor a identidade da cidade, na qual ele se insere. Analisando a reconstrução histórica das instituições escolares brasileiras, Dermeval Saviani ressalta (2007, p.25):

Assim, será necessário, na análise das instituições, correlacioná-las com as condições sociais nas quais emergiram segundo contextos histórico-geográficos determinados. Levando isso em conta, um eixo importante de articulação das análises será dado pelo público-alvo. Ou seja, trata-se de formular a questão: a quem se destina a instituição que estou me propondo a reconstruir e que resultados ela pretende atingir com a ação empreendida? A busca de informações sobre o alunado será, pois, um elemento importante na reconstrução histórica das instituições escolares, uma vez que, além de ajudar na definição do perfil institucional, trará, também, indicações importantes sobre sua relevância social. (SAVIANI, 2007, P.25).

A imprensa, como instituição cultural, teve função importante na cidade, inclusive como ferramenta educativa, justificando a crença no poder das palavras impressas para “aprimorar” o povo, influenciando os costumes locais, civilizando a população ainda essencialmente rural. Sua relevância estava em divulgar as idéias religiosas e políticas, formando a opinião pública por meio dos cerca de 70 jornais existentes ao longo do período estudado. Os ideais republicanos chegavam ao cidadão pela escola, imprensa, partidos políticos, profissionais liberais, enfim, a cidade era o lugar específico de concretização dos princípios da modernidade almejados pela sociedade. Todos os jornais consultados no acervo do *Museu Histórico Municipal Tuany Toledo de Pouso Alegre* e no *Arquivo da Cúria Metropolitana* da diocese local trazem informações e idéias ligadas à educação e aos anseios de compreensão das concepções de escola predominante no período e quais ideais esta sociedade adotava como norteadores de seus passos. Notas sociais, ações do bispado, encíclicas papais, propagandas de profissionais liberais e de escolas, avisos de casamentos de pessoas de destaque da sociedade, de festas sociais, de falecimentos, decretos do executivo, e outras, ocupavam as páginas dos jornais do município. A cidade crescia impulsionada pelos imigrantes vindos principalmente da Itália, e pelo aquecimento comercial proporcionado pela linha férrea que cruzava o Sul de Minas com destino às cidades maiores do Sudeste, firmando um contexto amplamente favorável à circulação de jornais e revistas, acrescentando à cidade características urbanas. Vale destacar neste momento a expansão da vida urbana na região, apesar da forte presença dos proprietários agropecuários no Sul de Minas. As oligarquias ainda continuavam a exercer o domínio político, porém começavam a se preocupar com a modernização da cidade, como também em aprimorar a educação de suas filhas. Novas alternativas econômicas

começavam a se expandir, proporcionando a inauguração nesta década do *Grupo Escolar Monsenhor José Paulino* (1912), *Cine-Íris* (1914), na Praça Senador José Bento, a fundação da *Escola de Farmácia e Odontologia* (1915), *Escola Profissional* para meninos pobres (1917), dentre outras, voltadas para difusão da cultura e formação do povo.

Em discurso numa solenidade na cidade vizinha de Borda da Mata, o Exmo. Sr. Senador Dr. João Beraldo, representante do Presidente do Estado, exaltava de maneira ufanista a preocupação do Estado com a instrução, conforme publicação no jornal *Gazeta de Pouso Alegre*:

A instrução primária em Minas, o glorioso Estado a que temos a ufania de pertencer, tem, nestes últimos quartéis de tempo, alcançado um sensível desenvolvimento, mercê dos grandes espíritos, a cuja sabia orientação tem sido confiada a administração do Estado.

E, não há dúvida, meus senhores, uma realidade incontestável, o grande avanço que a instrução popular conquistou entre nós nestes últimos tempos, contrastando, sensivelmente com o methodo rotineiro de antanho. (GAZETA DE POUSO ALEGRE, 22 de abril de 1917, anno: 1, nº. 47, pág.2 e 3).

Valendo-se do contexto da primeira década do século XX, o Instituto expandiu seu espaço físico e seu nome junto à comunidade, fazendo uso inclusive, da imprensa da época. A educação escolar recebeu uma maior atenção, projetando-se como um dos instrumentos fundamentais que poderia resolver muitos dos problemas sociais. O momento era de entusiasmo com a educação, justificando assim, o grande espaço que a imprensa local abria em seus periódicos aos intelectuais e às escolas da cidade e região, assim como destaca Marta Maria Chagas de Carvalho:

Nos anos 20, o que se afirma é que ele não pode ser ou subsistir como sociedade e nação sem a educação. Esta passa a ser o que agrega, condensa, unifica e constitui o corpo social da nação. É assim que, nos marcos do nacionalismo em que se sedimentam os projetos dos entusiastas da década de 20, instala-se a campanha cívica de regeneração nacional pela educação. A crença salvífica no seu poder unificador é o cerne da propaganda da “causa educacional” que a campanha promove. É no

âmbito desse entusiasmo que Fernando de Azevedo se constitui como reformador da educação; e é do grupo que se forma nesse movimento – os renovadores da educação – que ele se faz porta-voz, redigindo, em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. (1998, p.351).

O importante era divulgar a escola, que conseqüentemente viria colocar em prática, através de seu currículo, os ideais da classe proprietária local. As atividades do Instituto eram divulgadas por esta classe, proprietária da imprensa local, como acontecimentos marcantes da sociedade pousoalegrense, conforme matéria publicada na coluna – *Chronicando* - do jornal “*O Sul-mineiro*”:

O facto culminante da semana foram as festas realizadas para solenizar a collação de grão das novas normalistas, formadas este anno. Como era natural a alegria dessas moças, que viram enfim coroadas os seus esforços, foi francamente partilhada por todos aquelles que a ellas estavam ligadas pelos laços do sangue ou pelos vínculos da amizade. {...}.

Não se esqueçam nunca, porém, que a resignação e a coragem são os únicos guias seguros para nos conduzir por caminhos menos ínvios e mais suaves. (SUL-MINEIRO, 05 de dezembro de 1915, anno II, nº.100).

O jornal *Gazeta de Pouso Alegre* também deu amplo destaque às realizações do colégio, principalmente às ações em que as irmãs procuravam externar a preocupação do Instituto com a disciplina e com a formação moral. Nas solenidades de formatura, as alunas que se destacavam ao longo do ano recebiam, num clima solene, menção especial pelo bom comportamento e pela postura de destaque. O comportamento era avaliado diariamente, acumulando pontos que no final do mês eram convertidos em diplomas, medalhas, passeios e outras vantagens. Mas, o prêmio maior e mais desejado era a distinção conferida à aluna destaque da turma, registrada em ata de colação de grau, na presença dos familiares e das autoridades, conforme este jornal explicita:

Com enorme assistência realisou-se, no dia 30 do mez passado, em vastíssimo salão caprichosamente ornamentado, a solemnidade da entrega dos diplomas as alumnas, que concluíram o curso normal, no Instituto de Ensino, aqui dirigido pelas irmãs Dorotheás e equiparado às Escolas Normais do Estado. [...]. Debaixo

de prolongadas salvas de palmas foi feita a distribuição de prêmios conferidos a essas alumnas pelo collegio, que concedeu também um premio especial à alumna D.Maria Antonieta Perdigão, a qual, embora não fizesse o curso legal, distinguuiu-se principalmente pela aplicação as bellas artes, sobretudo à pintura a que especialmente se dedicou. Na véspera o collegio franqueou ao publico uma exposição de riquíssimos trabalhos de agulha, bordados, pirogravura, aquarella, pintura a crayon e a óleo, executados pelas alumnas e bellamente emoldurados.[...] Parabéns ao collegio, às graciosas diplomadas e a seus dignos progenitores. (GAZETA DE POUSO ALEGRE, 3 de dezembro de 1916, anno: I, nº. 27, pág.2).

Num curto período de existência o Instituto já era reconhecido pela imprensa local como um estabelecimento conceituado. Seus eventos chegavam à sociedade por meio da imprensa, que abria espaços para divulgá-los, como por exemplo, os retiros espirituais, uma tradição de todos os colégios da congregação, realizados anualmente, nos quais as alunas deveriam fazer uma “revisão de vida”, e rezar pelas famílias e por toda a sociedade. O colégio começava a estruturar e a difundir valores morais e católicos, socializando a implantação dos costumes religiosos, pois tanto as internas quanto as externas participavam do retiro, indiretamente envolvendo as famílias das moças que participavam da missa de encerramento. O Instituto fazia uso da dimensão educativa da imprensa enviando notícias de suas realizações, consideradas importantes para a sociedade local, conforme destaca o jornal *Gazeta de Pouso Alegre*:

Neste conceituado estabelecimento de ensino, realizar-se-á na próxima semana os santos exercícios spirituaes para todas as alumnas. O retiro começará no dia 19, quinta-feira, e finalizará no dia 23, domingo, pela manhã, com communhão geral e missa na capella do collegio. Dirigirá os exercícios como pregador, o Revmo. Sr. Padre Gianella, um dos ornamentos da Companhia de Jesus. A missa de encerramento do retiro será celebrada por D. Octavio Chagas de Miranda, bispo diocesano, acolytado por dous sacerdotes. (GAZETA DE POUSO ALEGRE, 16 de julho de 1916, ano I, nº. 7, pág. 2).

Merece destaque o artigo de três páginas publicado na Revista “*A Cultura*” – edição comemorativa do centenário da cidade – 1948, em que o redator ressaltou o

trabalho das irmãs, incluindo o Instituto como uma das grandes conquistas da cidade ao longo dos seus 100 anos de existência. Esta revista, editada por um importante político da cidade, reunia depoimentos, poemas e artigos retratando os avanços da cidade. O colégio mereceu espaço considerável por meio das três páginas, relatando a trajetória do Instituto na cidade, apontado como um dos símbolos do progresso, como também um dos responsáveis pela difusão da cultura e da moral dos pousoalegrenses, conforme ressalta a revista:

Com ufania, no ano do centenário de Pouso Alegre, a Escola Normal Santa Dorotéia pode apresentar ao público a bela cifra de 542 professoras, formadas em seu grêmio de elevação moral e intelectual. São elas, em maior número, as que hoje formam dignamente os lares da boa sociedade mineira – um número de escolares ingressou em várias comunidades religiosas, como elementos privilegiados da sociedade – e várias outras honram o Colégio e as famílias, adestrando-se ou no magistério ou como conscienciosas funcionárias. (A CULTURA em revista, 1948).

A preocupação com a moral, disciplina e hierarquia predominava nas relações sociais da região. Tradicionalmente todos os colégios da congregação incentivavam o culto à autoridade, que tinha caráter religioso como também educativo. Todos os anos, o Instituto celebrava o dia da diretora, chamada de Reverenda Madre Superiora, considerada, em termos religiosos como uma “representante de Deus”, logo, sua fala era revestida de inspiração divina, o que era usado para motivar a obediência às vezes cega por parte das internas. Por outro lado, o culto era um princípio educativo, do qual as demais autoridades locais tiravam proveito, pois, popularizava-se a idéia de que todos deveriam respeitar incondicionalmente às autoridades.

Muitas das autoridades regionais usavam o colégio para impor sua presença junto à população, através das constantes visitas e presença nos eventos, associando sua imagem à do colégio. A cronista da casa relata que, em 23 de fevereiro de 1912, o colégio recebeu a honrosa visita do Secretário do Interior do Estado, Sr. Dr. Delfim Moreira, acompanhado de outras pessoas importantes, e do ex-presidente Wenceslau Brás, em 1931. E ainda em março de 1927, após decreto de feriado tendo em vista a visita do Exmo. Sr. Dr. Antônio

Carlos Ribeiro de Andrada, presidente do Estado de Minas, a cronista da casa das irmãs relata:

No dia seguinte, às 11 horas, S. Excia., acompanhado pelo Exmo e Revmo. Sr. Bispo, pelas autoridades locais, e os membros de sua comitiva, se dignou fazer-nos uma visita. Foi recebido pelas alunas e pelas professoras no salão de festas, previamente preparado, e, ao entrar, foi S.Excia., saudado com vivas e palmas. Cantou o hino nacional, e a aluna Alvarina Oliveira pronunciou uma saudação em nome da escola [...]. (História da casa de Pouso Alegre, livro 2, p.43-44).

A revista comemorativa dos 100 anos da cidade – *A Cultura* – também comenta a presença das autoridades no colégio:

A escola teve momentos de júbilo patriótico, com a dignação das visitas de vários dos Exmos. Governadores do Estado de Minas, - constatando os egrégios visitantes a vida intensa intelectual do estabelecimento, deixando após si um rastro luminoso de novas energias. (A CULTURA, 1948, pág.2).

Estrategicamente as autoridades locais visitavam o colégio, fazendo uso das recepções preparadas pelas irmãs, através das quais se exercitava o respeito da população aos governantes, exaltando o Estado. E ainda, valendo-se da presença do bispo local e das religiosas, as autoridades encontravam um ambiente oportuno para externar uma “concepção sagrada” dos ocupantes do trono, a exemplo dos ocupantes do altar.

Os jornais ressaltam também a constante presença das autoridades civis, militares e religiosas em torno do colégio. O Instituto abria as portas às autoridades locais como forma simbólica de legitimação de suas ações, que também correspondia aos anseios das mesmas autoridades.



Figura 18 – Recepção às autoridades. (Arquivo das Dorotéias- Província Brasil-Sul -SP).

O bispo sempre contou com o apoio das religiosas que, por meio da educação das meninas, atingiam as famílias, e as irmãs, todavia, buscavam sua proteção para divulgação, proteção e consolidação de seus trabalhos. De forma calorosa estas autoridades eram recebidas no colégio e nas solenidades, onde se pregava e estimulava junto às alunas e demais convidados o respeito às autoridades, consequentemente o apreço à ordem vigente. No artigo *Ação de Graças*, o jornal “*Semana Religiosa*” destaca as ações do colégio, consideradas “*boas, úteis e patrióticas*”, o que fica evidente na proposta dos redatores do jornal ao apresentarem-se como verdadeiros defensores dos princípios religiosos da Igreja Católica, financiadora do jornal. E, explicita ainda a alegria das autoridades, que aproveitam a data, recorrentemente, para compartilhar das conquistas do colégio:

União comum – e, portanto, comunhão – de centenas de pais que se unem para, em coro, agradecer o que as Irmãs Dorotéias têm feito, e continuam a fazer em

benefício de suas filhas de ontem e suas netas de hoje. Comunhão de júbilo das autoridades civis, militares e religiosas, numa honrosa homenagem ao Colégio de Sta. Dorotéia. (SEMANA RELIGIOSA, 24 de setembro de 1961, ano XLV, nº. 2713).

As irmãs aproveitavam as festas promovidas pelo colégio para tornar visível as boas ações do cotidiano escolar. Eram oportunidades eficazes para expor aos pais e às autoridades locais suas habilidades como educadoras da mocidade. As solenidades promoviam o colégio, favorecendo o aumento de matrículas nos anos seguintes.

As comemorações do aniversário eram consideradas de muita relevância para o município. Toda a comunidade se mobilizava em torno do aniversário do Instituto, através dos anúncios de congratulações, votos de felicidades e compra de votos das candidatas à rainha do colégio. Os benefícios prestados pelo Instituto deveriam ser evidenciados, ressalta o jornal “*Semana Religiosa*”. Os órgãos da administração municipal também se associavam às solenidades, como demonstração de gratidão do povo que eles representavam. Inclusive o chefe do executivo municipal no uso de suas atribuições, determinou que toda a cidade parasse no dia do aniversário dos 50 anos do colégio, como se este acontecimento afetasse a vida cotidiana de todos os cidadãos:

DECRETA:

Art. Único – Fica considerado “FERIADO MUNICIPAL” e, como tal, observado rigorosamente pelo povo desta cidade, o dia 26 de setembro do corrente ano, como homenagem do município, pelo transcurso do “Jubileu Áureo”, do colégio e Escola Normal Santa. Dorotéia de Pouso Alegre. Registre-se. Publique-se e cumpra-se.

Dado na Prefeitura Municipal, POUSO ALEGRE, 19 de setembro de 1961.

Jorge Antônio André

Prefeito Municipal

(SEMANA RELIGIOSA, 24 de setembro de 1961, ano XLV, nº. 2713).

O prestígio do colégio chegava à capital do Estado através dos deputados da região que, na Assembléia Legislativa, proferiam palavras de reconhecimento pelo trabalho realizado ao longo dos seus cinquenta anos. O jornal publicou a solicitação do Deputado

José Fernandes Filho junto ao Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais:

Tem razão o povo pouso-alegrense ao festejar a efeméride, pois imensos são os benefícios que a Congregação Santa Dorotéia carreou, não apenas para aquela cidade, mas para a região, o Estado de Minas e outras unidades da federação.

Isso posto, Senhor Presidente, requeremos, ouvido o Plenário, seja transcrito nos anais desta Assembléia um voto de congratulações com a congregação Santa Dorotéia, pela passagem do cinqüentenário da instalação em Pouso Alegre, de uma de suas casas, o Colégio e Escola Normal “Santa Dorotéia”, estabelecimento de ensino que se alinha entre os mais perfeitos e eficientes órgãos de instrução do mundo.

Sala das reuniões, 22 de agosto de 1961”. Deputado José Fernandes Filho.

(SEMANA RELIGIOSA, 3 de setembro de 1961, pág.2).

SEMANA RELIGIOSA

12

ENTREVISTANDO

CONCLUSÃO

SUPLEMENTO

dedicado ao COLÉGIO E ESCOLA NORMAL "SANTA DOROTÉIA" por ocasião do seu Jubileu de Ouro.

leste Aida N. de Paiva — Neusa Reis — Maria José Simionato

6 — O Pízinho de Alecrim — Madre Benedita Dutra R. S. D. — Maria Eunice Santos Duarte

3.ª PARTE

A Schola Cantorum Sto. Antônio Maria Claret, sob a regência do Revmo. Pe. Francisco Maria Alvarez, apresenta:

- 1 — Ave Maria — Tomás L. de Vitória — 4 vozes.
- 2 — Mãezinha do Céu — Arranjo — 4 vozes.
- 3 — Noite Feliz — Arranjo — 4 vozes.
- 4 — Alvorada no Brasil — E. Nazareth.
- 5 — O Sol da Primavera — Montés.
- 6 — Minuetto (sem palavras) Luis Imarrizaga C.M.F. — 4 vozes.
- 7 — Canção do Marinheiro — S. Voltas Vinyes — 4 vozes.

Dia 6 de setembro —

- 7,30 hs. — Missa por intenção das alunas e seus Pais, na Catedral do Bom Jesus, celebrada pelo Revmo. Cônego Mauro Tommasini, chanceler do Bispado.
- 9,30 hs. — No Parque Infantil, duas últimas disputas de volei para conquista da "Taça Cinquentenário".
1.º jôgo — Quadro vencido no 1.º jôgo X Quadro vencido no 2.º jôgo.
2.º jôgo — Quadro vencedor no 1.º jôgo X Quadro vencedor no 2.º jôgo.
— Proclamação do campeão
— Entrega da Taça
— Condecoração das jogadoras.
- 12,30 hs. — Na Fazenda "Santa Teresa" do Sr. Benedito Magalhães, grande churrasco, oferecido pelo Colégio, às alunas do Normal, Clássico, Ginásio e às comitivas visitantes.
- 19,30 hs. — Sessão solene no Clube Literário e Recreativo.
1 — Saudação ao Colégio em nome dos Pais das alunas — Sr. Murilo de Carvalho Coutinho.
Saudação em nome das alunas — Cleonice Furtado de Mendonça, do 3.º ano Normal.
2 — Conferência — "Cinema, cultura e educação" — Revmo. Padre Edeimar Massot S. J.
3 — Proclamação e coroação da "Rainha do Cinquentenário" e suas Princesas.
4 — Parte artística
"Noite internacional do Instituto "Santa Dorotéia", pelas delegações dos Colégios estrangeiros, aqui representados.

PROGRAMA

- 1 — As italianas homenageiam o Colégio cinquentenário ao ritmo da Tarantela.
- 2 — Portugal, — Província — Mãe de Pouso Alegre — Visita a filha antiga de além-mar, trazendo-lhe as suas canções e o seu "vira".
- 3 — Angola, ligada a Portugal e ao Brasil, saúda sua Irmã pousoalegrense, em seu ritmo plangente.
- 4 — Os Estados Unidos — Província, também, cinquentenária, no ano de 1961, saúda Pouso Alegre ao compasso bem americano do "swing" despreocupado e feliz.
- 5 — A Espanha, com seus "pasodobles" arrebatadores e autênticos, traduz, na pessoa do toureiro, todo romance e fausto da arena espanhola, vivendo, hoje, em terras pousoalegrenses, para saudar o Colégio irmão.
- 6 — A Província do Norte do Brasil traz as suas típicas baianas para, com o samba brasileiro, homenagear o Colégio cinquentenário da Província do Sul do nosso Brasil.

Dia 7 de setembro ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES

- 8 hs. — Desfile escolar em homenagem ao "Dia da Pátria", com a participação de todos os Colégios visitantes. Abrihantará o desfile a "Bateria" do Colégio de Nova

último da educação, o seu sujeito, o seu principal autor e inspirador, que é Deus Nosso Senhor".

Não podemos admitir "atualização" com o laicismo, com o liberalismo, com o materialismo, com o indiferentismo, com o ateísmo, com o comodismo, com o sentimentalismo. Queremos, sim, moços e moças de nossos dias, conhecedores e cultores de todos os progressos trazidos pela ciência e pela técnica. Mas, acima de tudo, moços e moças RELIGIOSOS (que vivem o dogma que admitem), HONESTOS (que pratiquem a moral imposta pelo Evangelho) e OPEROSOS (Apóstolos da mensagem sempre viva e atualizada daquele que é a Verdade, o Caminho e a Vida).

4) Há, na Diocese, Colégios católicos? Pergunto eu. Gra-

ças a Deus. Nossos Colégios "atualizaram" e "atualizam" a formação integral de milhares de moços e moças. Não entro em detalhes. Uma referência apenas. Famílias católicas e escolas católicas são os mais sólidos fundamentos de uma sociedade fundada em quantas moças, formadas pelo Colégio das Dorotéias, foram e são mães católicas e professoras católicas! Esta a maior prova de que o Colégio ATUA, realmente, nas comunidades sociais, preparou, formou milhares de moças para a vida, orientou-as para a missão que cumpriram e cumprem na sociedade. Continuem as Irmãs Dorotéias sua missão extraordinária de preparar as Mães e as Mestras de amanhã, como tão bem souberam preparar as Mães e Mestras de ontem e de hoje.

Cón. Mauro Tommasini

Friburgo, apresentando, em frente ao Palanque das Autoridades, diversas evoluções.

- 12 hs. — Na Remonta, churrasco oferecido às comitivas visitantes, pelo Exmo. Sr. Comandante da AD/4.
- 16 hs. — Solene Te Deum de ação de graças oficiado pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano Dom José d'Angelo Neto. A parte coral a cargo das Alunas do Colégio, sob a regência dos Revmos. Pe. Doroteu Zugasti e Pe. José Xavier Oria.
- 19,30 hs. — Sessão solene de encerramento no Clube Literário e Recreativo.
1 — Conferência — "A Escolar Particular e o seu direito de sobrevivência" Dra. Nair Fortes Abu-Merby, Doutora em Filosofia. Vice-diretora do Ensino Superior do M. E. C. Membro do Conselho Nacional de Educação. Assistente de Ensino de Faculdade Nacional de Filosofia.
2 — Agradecimento do Colégio e Escola Normal "Santa Dorotéia" às homenagens que lhe foram tributadas.
3 — Oferecido às Autoridades religiosas, civis e militares, às antigas alunas, às alunas e seus Pais, aos amigos do Colégio — CONCERTO DE VIOLINO
Concertista: Madre Leonor Pais Barreto R. S. D.

PROGRAMA

1.ª PARTE

Concerto em lá menor (allegro, largo presto) — A. Vivaldi
Menuetto — Mozart
Anglaise — Willy Burmester

2.ª PARTE

Liebesleib — Fritz Kreisler
Kuyawiask — H. Wieniawski
Humoreske — Anton Dvorak
Chanson polonaise — H. Wieniawski
Valsa Triste — Jean Sibelius
Souvenir — Franz Drdla
Czardas — Monti

Ao piano Maestro Pedro Pellegrino.

Às 7 horas, na Capela do Colégio serão celebradas Missas, nas seguintes intenções:

- Dia 4 — pela alma do Exmo. Sr. Dom Antônio Augusto de Arsis, a quem se deve a vinda das Irmãs Dorotéias para Pouso Alegre.
- Dia 5 — pela alma da Revda. Madre Joana Bacelar, 1.ª Superiora do Colégio e pelas Madres e Irmãs falecidas que aqui, trabalharam.
- Dia 6 — pela alma do Exmo. Sr. Dom Otávio Chagas de Miranda por todos os benfeitores do Colégio, vivos e defuntos.
- Dia 7 — pelas antigas alunas falecidas.

Figura 20 – Programação do aniversário do ISD (Fonte: Museu Tuany Toledo).

O jornal “*Semana Religiosa*”, além de publicar toda a programação das festividades alusivas ao cinquentenário do Colégio e Escola Normal “Santa Dorotéia”, criou um suplemento especial dedicado ao colégio. Inicialmente o jornal destacou na primeira página as congratulações recebidas por ocasião do jubileu de ouro, como as do Papa João XXIII, da Nunciatura Apostólica, do bispo diocesano, superiores da congregação, dentre outras. O suplemento ressaltou a importância e contribuição do colégio na consolidação dos princípios morais e cristãos. Evidenciou que o progresso da cidade dependia da prática dos valores difundidos pela Igreja, através do Instituto, consolidando o progresso e a vivência religiosa, entre o povo da cidade:

[...] Se Pouso Alegre goza de um clima de paz e harmonia social. Se os nossos costumes ainda se revestem dos princípios morais e cristãos, é de justiça reconhecer o papel preponderante que as beneméritas mestras Dorotéias imprimiram na juventude feminina, que nestes dez lustros passaram por aquele educandário. O Instituto Santa Dorotéia foi e ainda é uma das pilastras do edifício moral da nossa querida cidade. (SEMANA RELIGIOSA, 03 de setembro de 1961, pág. 3)

O jornal “*O Linguarudo*”, em primeira página, congratulou com as irmãs pelo transcurso do cinquentenário de instalação na cidade, destacando os frutos colhidos pela sociedade pousoalegrense através do colégio, que além de um ensino específico de formação das futuras professoras, como também o empenho no ensino de valores e no engrandecimento da pátria:

Comemora-se este ano, com um magnífico programa de festas, o cincoentenário da instalação do Instituto Santa Dorotéia em nossa querida Pouso Alegre. Pequeno rebento de uma grande árvore, aqui vicejou, cresceu, e continua frutificando na seara do Senhor, desde 1911. Aquela época vieram de Portugal as saudosas e abnegadas irmãs para continuar a obra de Paula Frassinetti, orientando, iluminando os caminhos da mocidade para os elevados ideais da mocidade. Aqui pousaram com a leveza das sâmaras que o sopro divino impelie. Com o orvalho da fé e o calor dos corações, as sazoadas, em meio século de trabalho e abnegação. (O LINGUARUDO, 31 de agosto de 1961, ano XVII, nº. 408).

Todavia o maior parceiro do Instituto ao longo de sua existência foi o jornal *Semana Religiosa* que, logo na edição seguinte, destacou as festividades realizadas. Exaltou o colégio como um símbolo expressivo do saber, patrimônio da cidade e eficiente na sua “missão” formadora da juventude local:

Mais uma luzida turma de jovens normalistas que sae de nossa Escola Normal, devidamente preparada para os patrióticos embates do magistério. A escola Normal Santa Dorotéia que, pelo seu renome, constitue um dos alevantados patrimônios de Pouso Alegre, não se esmorece na faina de legar ao Estado professoras competentes e cultas, de caráter e coração tem formado no cadinho da disciplina e da virtude. (SEMANA RELIGIOSA, Pouso Alegre, 3 de dezembro de 1932. Anno: XVII, nº. 805).

O Colégio Santa Dorotéia tem superado todas as previsões – apesar do contratempo da data transferida – o brilhantismo das festividades promovidas para celebrar o cinquentenário do Colégio Santa Dorotéia, cujas benemerências estão à altura das homenagens. As festas têm constituído um conjunto mimoso e deslumbrante ao mesmo tempo de louvores às bondosas e dedicadas Irmãs Dorotéias, cujo apostolado tem sido dos mais eficientes neste rincão sulmineiro. Digam-nos os 50 anos de labores educacionais, as centenas – mais de 2.000 – de ex-alunas, as gerações que se formaram à luz e ao carinho das piedosas filhas de Madre Frassinetti. (SEMANA RELIGIOSA, 01 de outubro de 1961, ano: XLV, nº. 2714).

O mesmo jornal destacou as comemorações realizadas pelo colégio através do artigo *Um jubileu, uma apoteose*. A grandeza do Instituto se justificava pelo brilhante trabalho na formação intelectual da mocidade, e nos ensinamentos religiosos, contribuindo para a configuração do fenômeno religioso como um marco da identidade local. O mesmo jornal produziu um relato que consagrou a grandeza do Instituto:

Culminaram numa verdadeira apoteose de admiração, homenagens e gratidão, as festas promovidas para celebrar o Áureo Jubileu de fundação do colégio Santa Dorotéia. Nada faltou. Tudo decorreu maravilhosamente. A cidade viveu, intensamente, os grandes dias do jubileu. Do primeiro ao último dia, tudo esteve brilhante. A altura das homenagens que se prestavam ao colégio e às beneméritas irmãs Dorotéias.... Foram grandiosas as homenagens, pois o Colégio, através das Irmãs tem condicionado sua brilhante vida intelectual e espiritual a serviço da

igreja e à causa da Pátria Brasileira. (SEMANA RELIGIOSA, 8 de outubro de 1961, ano XLV, nº. 2715, pág.1).

SEMANA RELIGIOSA

SUPLEMENTO

dedicado ao COLÉGIO E ESCOLA NORMAL "SANTA DOROTEIA" por ocasião do seu Jubileu de Ouro.

Rondó do Tempo (para o Colégio Santa Doroteia no seu cinquentenário)

De súbito,
na tarde,
tenho, de novo, seis anos.
Tenho duas tranças compridas,
presas por borboletas de fitas.
Tenho também uma franjinha,
que nunca parece estar devidamente penteada,
aos olhos de mamãe.

onde está a Irmã?
que conosco brincava de ciranda?
E as pregas passadas
das saias azuis?

No pátio imenso
havia árvores altíssimas.
(Como eram pequenos meus sonhos
de menina!)

Onde estão meus sonhos
de menina?

O rosto da Irmã, diluiu-se,
aos poucos,
no de todas as Irmãs,
e, miraculosamente,
todas eram igualmente preciosas.
(porque brincavam de ciranda).
As pregas das saias,
de todas as saias,
que foram ficando compridas, compridas...
Nas pregas das saias
se perdem os anos,
e, todas as pregas
são pregas iguais.
As árvores dos pátios são sempre
tão altas
e todas as copas
frondosas,
iguais.
Nas folhas das árvores,
misturam-se os pátios.
E, descubro, de repente,
atônita,
que formam um todo,
são todos um só.

Onde estão meus sonhos
de menina?

Os pirolitos da Rita,
o sorvete de S. Domingos
e o doce de leite da Josefina,
no passar dos anos,
têm um gosto só.
(Gosto de merenda esperada,
surpresa contínua,
encanto escondido,
da hora do recreio).

Na capela, o incenso
e os anjos.
Em maio, sempre em maio,
os anjos.

Quando foi a minha primeira
coroação?

Todas se fundiram numa,
e, eu,
menina
sou anjo; e, já nem sei mais
quando não o sou.

Aonde o capeta,
de garfo e de chifres?

No pátio enorme,

de árvores altíssimas,
revistas queimadas.

E a dança de coelhos,
de orelha engomada,
que pulam, que pulam?
E a dança das flores,
de saia engomada,
que valsam, que valsam?
E a dos soldadinhos,
boné engomado,
que marcham, que marcham?

E todas as festas
se perdem em só uma,
e, só uma existe,
na roda do Tempo.
No quarto,
na tarde,
de repente,
não estou mais sozinha.

Não estou mais triste
porque já não tenho
seis anos.

(E, sei onde estão meus sonhos
de menina.)

Ah! meu colégio,
que se fundiu em todos os colégios,
e, fez de mim
aluna para sempre,
obrigada!

Maria Ebelina Rios Meyer

Figura 21 – Poema dedicado ao ISD (Fonte: Museu Tuany Toledo).

A aproximação entre o jornal e o colégio era tanta que três semanas após o aniversário, as comemorações ainda ocupavam uma página inteira do jornal, ao publicar

um artigo intitulado “*Uma festa que, passando ficou...*“, destacava a grandeza das atividades realizadas pelo colégio:

Excedendo a todas as expectativas, realizaram-se com excepcional brilhantismo, as grandes festividades programadas e amplamente divulgadas para a comemoração do cinquentenário da fundação do Colégio e Escola Normal “Santa Dorotéia”, em Pouso Alegre [...]. (SEMANA RELIGIOSA, 15 de outubro de 1961, pág.3).

As comemorações do cinquentenário foram um marco para o colégio e para a imprensa local que se fez presente em todos os eventos promovidos pelas irmãs, e abriu espaços em seus periódicos para divulgar o cotidiano do colégio. Porém, a partir da segunda metade dos anos sessenta, o colégio perderá espaços na imprensa pousoalegrense. Após a publicação da *Lei 5.692/71*, o Colégio Santa Dorotéia passou a funcionar com as quatro últimas séries do 1º. Grau (5ª. a 8ª.), e com o segundo grau, oferecendo duas opções de cursos profissionalizantes: magistério e o curso técnico em enfermagem. Este período, foi marcado pela ampliação da indústria cultural no país, principalmente com a invasão de produtos e da moda norte-americana, proporcionando diversão com as novas opções de lazer que chegavam ao interior através do rádio e do cinema. Os programas criaram ídolos e influenciaram a vida cultural das pessoas, gerando um estilo moderno de vida, invadindo as casas da classe média. Novidades, como enceradeiras, liquidificadores, panelas de pressão, vitrolas de alta fidelidade e televisores, provocaram mudanças de comportamentos na classe média. A presença da música e do cinema norte-americano influenciava nossa cultura, levando os jovens a copiarem os mecanismos próprios de juventude norte-americana, considerada transviada, como correr de lambretas, usarem jaquetas de couro e topetes caídos na testa. A religiosidade e a vivência católica enfraquecem em consequência de uma vida mais laica, na qual a Igreja terá pouca influência, favorecendo a perda de princípios da família. Portanto, o lugar do Instituto junto à sociedade já não era mais de destaque, ainda que as irmãs tentassem de todas as formas possíveis preservarem os valores tradicionais, aumentando a vigilância. A mulher da cidade tornou-se mais independente em relação aos princípios norteadores de sua época, principalmente aqueles ditados pelas autoridades eclesiais. Somou-se a estas transformações o aparecimento de escolas estaduais, gerando uma forte concorrência ao Instituto Santa Dorotéia. Os jornais destacavam a preocupação das irmãs com o prédio que se tornou inapto para

atender às novas exigências das leis de diretrizes e bases da educação, como também superar a concorrência das escolas estaduais, que inclusive passaram a oferecer o magistério em três anos.

Um novo prédio foi projetado para ser construído no bairro de Fátima, próximo à Rodovia Juscelino Kubitschek, com instalações modernas e espaço maior para receber alunas do novo curso de enfermagem, autorizado no ano de 1974, além dos já existentes. Sobre a construção do prédio, previam-se espaços maiores em função do conhecimento, com enfermaria, biblioteca, área verde, quadras poliesportivas, salas mais amplas e escadas modernas, oferecendo mais espaços para a movimentação das alunas. O *Jornal de Pouso Alegre* destaca:

Acompanhando o progresso pousoalegrense, o tradicional e educativo Colégio Santa Dorotéia estará, no ano vindouro, vestindo novas roupagens, pois trocará de local, passando a funcionar em suas modernas dependências, já no Bairro de Fátima, dentro de seu monumental prédio construído recentemente. Entretanto, além desta notícia, deve-se lembrar que este notável educandário pousoalegrense fará justiça ao seu passado glorioso, reestabelecendo o curso primário para meninas e meninos, no ano de 1971, ciclo educacional este que terá professoras especializadas.

Evidentemente, o Colégio Santa Dorotéia unirá os cursos primário e secundário em seu novo prédio, com o funcionamento também do Ginásio, assim como o Curso Colegial Normal e o Curso Científico.

Para maior engrandecimento desta esplendida casa educativa de nossa terra, planos inúmeros de desenvolvimento cultural foram organizados e postos em ação pelo Corpo responsável e Docente desta casa de ensino, sendo que uma delas foi a eleição de sua Associação de pais e Mestres que conduz o mesmo ideal e que tem em sua diretoria os seguintes membros: Presidente – José Hamilton de Magalhães; Vice Presidente – Rafael Abate; tesoureiro – Antônio Willy Andare; Secretário – Romeu Campos.

Nossos parabéns ao Colégio Normal Santa Dorotéia, por tamanha empreitada que só dignifica e engrandece a terra pousoalegrense. (O JORNAL DE POUSO ALEGRE, Nº. 38, DE 1970).

A cidade crescia, mas ainda conservava costumes provincianos, o que criou obstáculos às famílias das alunas, temerosas de que a localização do prédio, longe do centro da cidade, fosse perigosa. Muitos pais tiraram suas filhas do colégio, pois temiam que o transporte pudesse causar transtornos às filhas. Assim sendo, a inauguração do novo prédio, em 1971, trouxe mais desafios do que propriamente vantagens às irmãs. A redução do número de alunas, e as dívidas da construção ainda pendentes foram aumentando, tornando inevitável o fechamento do colégio, em dezembro de 1976. Apenas o jornal da diocese mencionou o fechamento do colégio, preocupado com a transferência das alunas para outros colégios da cidade, conforme artigo publicado na *Semana Religiosa*. A ausência do colégio nas páginas dos jornais locais, nos anos de 1970, pôde indicar que o Instituto já não correspondia às expectativas da classe burguesa pousoalegrense, e o conservadorismo da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia impedia que uma nova dinâmica fosse dada ao tradicional colégio. Deixou de ser uma instituição desejada pelas moças da cidade, acabou sendo preterido por outras instituições, cuja proposta de ensino oferecia às moças novas opções de trabalho. Este momento do magistério no país é destacado por Cristina Bruschini e Tina Amado em estudo publicado:

A partir da década de 70, alterações significativas no perfil da força de trabalho feminina afetam a situação do magistério. De um lado a mulher amplia sua presença nos níveis mais elevados de ensino, como produto de seu ingresso nas Universidades, embora persista a preponderância feminina maciça no nível elementar. De outra parte, acentua-se a presença feminina em outras ocupações da força de trabalho, diminuindo relativamente a importância do magistério, que passa a ser suplantado, como ocupação de nível médio, pelas atividades burocráticas. (1988, p.6).

Esta fase em Pouso Alegre, coincidiu com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Eugênio Pacelli”, com oferta de novos cursos, atendendo assim, aos novos anseios da elite sul-mineira. Inclusive, hoje, instalada no prédio que pertenceu ao Colégio Santa Dorotéia, inaugurado em 1971.

CAPÍTULO III

LEMBRANÇAS QUE DÃO SIGNIFICADO AO INSTITUTO



Figura 22 – Formandas de 1965 (Arquivo particular de Rachel Ribeiro Costa).

A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO: MEMÓRIAS DE ESCOLA

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Ecléa Bosì

O trabalho norteou-se, sobretudo, pela memória de alguns sujeitos entre muitos que passaram pelo Instituto Santa Dorotéia. Foram coletados depoimentos orais de trinta e cinco pessoas que passaram pelo Instituto em anos diferentes no período de 1935 a 1976. Neste capítulo são apresentadas as análises construídas em torno da pergunta inicial: que lugar a escola ocupa nas memórias das ex-alunas e ex-professoras?

Neste estudo sobre memória, trabalhou-se com as teorias de Maurice Halbwachs e Walter Benjamin. Halbwachs distingue a memória individual, que chama de interior ou interna, da memória coletiva, também denominada de exterior ou histórica. Entende que a memória coletiva associa-se à memória individual, porém sem se fundirem em uma só, possibilitando a memória se apresentar de formas diferentes. Destaca (2006, p.30): *“Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”*. No nosso ato de lembrar, apoiamo-nos por instantes nos outros e no grupo. Nosso espírito retém noções comuns, influenciando nossos pensamentos que partem de um contexto social específico, ou seja, nossas lembranças provêm da personalidade e também de nossa participação na comunidade. As identidades de grupo favorecem nossa memória, permitindo-nos fazer ligações entre aquilo que é particular do sujeito com aquilo que pertence ao contexto familiar, profissional e social.

As entrevistadas sempre se apoiaram no grupo para reativar suas memórias ao dividir conosco os tempos passados no colégio. Em momentos de esquecimento, o apoio vinha do cruzamento de uma série de pensamentos, frutos das vivências dentro do Instituto. É como se o grupo estivesse ao seu lado possibilitando as lembranças, que não são estáticas, mas sim, dinâmicas, susceptíveis às mudanças, rupturas, e abertas às experiências vivenciadas no processo de reconstrução por parte do sujeito. E assim, a sucessão de lembranças destas senhoras partia das relações, lá vivenciadas. Maurice Halbwachs ressalta:

A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto. (HALBWACHS, 2006, p.69).

Ainda que sós, lembramos com o apoio das lembranças de outros, emprestando ambientes que estão fora do nosso, fazendo com que nossa memória dialogue com o coletivo, pois a memória pessoal tem sempre algo em comum com a memória coletiva compartilhada por um determinado grupo, apesar de preservar sua individualidade. Neste processo, às vezes esquecemos algo, por falta de um suporte para nossa lembrança, ainda que este ato de lembrar não signifique reviver aquilo tal como aconteceu, mas sim, reconstruir o vivido com as idéias do presente. Caminho este, percorrido pelas ex-professoras e ex-alunas que colaboraram com este estudo, colocando em evidência parte de suas histórias, inseridas na história de seu tempo, de uma identidade construída no colégio e na cidade, tal qual é evidenciado por Ecléa Bosi em seu livro *–Memória e Sociedade- Lembrança de Velhos*:

O grupo é suporte da memória se nos identificamos com eles e fazemos nosso seu passado. Quando o grupo é efêmero e logo se dispersa, como uma classe para o professor, é difícil reter o caráter e a fisionomia de cada aluno. Para os alunos as lembranças são mais sólidas, pois tais fisionomias e caracteres são sua convivência de anos a fio. O grupo de colegas de uma faculdade é, em geral, duradouro, constitui, pouco a pouco, uma história e um passado comuns, não raro se definindo por alguma maneira de atuar na sociedade que caracteriza sua geração. (BOSI, 2004, p.414).

Trabalhar a memória individual, de certa forma, propicia o resgate da memória coletiva. É exatamente a partir destas memórias que fomos dando significado à memória do Instituto, reconhecendo que nossas lembranças recebem influências, inspira-se em outras pessoas, ou seja, apropriamo-nos de idéias que, ao longo do tempo, “passam a ter uma história dentro da gente”.

Este trabalho possibilita-nos uma rica experiência: ouvir histórias, muita esquecida nos tempos de exacerbação do “agora” que privilegia o presente em detrimento do passado. Nossa sociedade industrial convive com o fenômeno da efemeridade, na qual os indivíduos

são impelidos a não “parar no tempo”. Um consenso que não nos permite olhar para o passado, tal qual ressalta Maria Cecília Cortez Christiano de Souza que, ao fazer a leitura de Walter Benjamin, chama de “*o tempo da máquina, que norteia tanto na escola como no trabalho a relação entre experiência individual e ritmo da sociedade*”. Nosso olhar volta-se para o futuro e nunca para trás, pois parar e pensar o passado tornou-se inútil, o que realmente importa é o presente, “reduto do sucesso”. Todavia, nossa proposta consolida-se em oposição a esta tendência positivista, centrada numa concepção de tempo linear, um tempo que caminha para o progresso, tal como sublinhou Benjamin, “*transforma o passado numa trilha de ruínas, restos inúteis, desatinando a memória*”.

Acreditamos estar contribuindo para o campo da história da educação oportunizando a fala dos sujeitos no processo de resgate da memória do Instituto. Trabalhamos com a memória na perspectiva de valorização do seu caráter político, que dá voz “aos portadores de memória marginalizada”, reescrevendo o cotidiano do colégio a partir do ponto de vista destes sujeitos históricos, e não somente do ponto de vista dos seus administradores. Contribuir com a história da educação a partir do sentido que estes sujeitos a ela dão, alargando o conhecimento nesta área, evidenciando a memória. No dizer de Ecléa Bosi (2005, p.36): “*A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora*”.

No decorrer da pesquisa percorreu-se o caminho apontado pelos símbolos, gestos, imagens, palavras, coragem contida nas histórias de vida e pelos esquecimentos, tal qual ressalta Benjamin:

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim, o choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. (BENJAMIN, 2000, p.104).

Portanto, devemos compreender o lembrado e o esquecido, fazendo uso de uma rigorosa interpretação do tempo vivido pelo sujeito. Assim sendo, os depoimentos tornaram possível conhecer não só o que fizeram, conforme ressalta Alessandro Portelli (1995, p.12): “*Mas o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e o que agora pensam que fizeram*”. Esta análise da vivência das ex-alunas priorizou o resgate da reconstrução do

cotidiano do colégio, marcado por conformismos e também por formas variadas de resistências.

As ex-alunas, ex-professoras, ex-religiosas e uma religiosa ainda pertencente à congregação das irmãs de Santa Dorotéia, entrevistadas, nasceram entre 1925 e 1966. Muitas exerceram e outras ainda exercem a profissão de professora na cidade e região. Filhas de fazendeiros, de ricos comerciantes e de funcionários públicos eram matriculadas no Instituto.

O quadro abaixo permite conhecer a ocupação dos pais e o grau atingido por suas filhas:

OCUPAÇÃO DOS PAIS

Ocupação dos pais	Curso primário / filhas	Curso Normal / filhas
Fazendeiros		17
Prof. Liberal		11
Comerciantes		4
Func. Público	1	1
Outros		1

Entrevistas realizadas em 2006 e 2007.

No período de popularização do Instituto nas duas primeiras décadas do século XX, cerca de cento e trinta moças colaram grau no colégio, tendo como paraninfos autoridades locais e regionais (senador, deputados federais e estaduais, prefeito, juiz de direito, promotor, bispo, monsenhor e padre), justificando assim, os estreitos laços entre o colégio e as autoridades.

O quadro abaixo nos apresenta o número de normalistas formadas no Instituto Santa Dorotéia durante seus 65 anos de existência.

FORMANDAS DO CURSO NORMAL DE 1911 A 1976.

Ano	Formandas	Ano	Formandas
1912	7	1945	46
1913	14	1946	27
1914	12	1947	23
1915	16	1948	Sem registro
1916	10	1949	23
1917	11	1950	25
1918	15	1951	23
1919	7	1952	21
1920	14	1953	17
1921	6	1954	19
1922	4	1955	16
1923	7	1956	25
1924	3	1957	16
1925	11	1958	18
1926	4	1959	16
1927	7	1960	16
1928	15	1961	16
1929	4	1962	40
1930	15	1963	33
1931	20	1964	31
1932	17	1965	51
1933	28	1966	46
1934	16	1967	53
1935	31	1968	37
1936	16	1969	44
1937	16	1970	53
1938	9	1971	40
1939	20	1972	39
1940	26	1973	26
1941	17	1974	34
1942	29	1975	22
1943	28	1976	31
1944	27		

Fonte: Livro de Colação de Grau. Arquivo SRE - Pouso Alegre - MG.

Pessoas de prestígio, membros da classe dominante que faziam parte da mesa, símbolo do poder, testemunhavam a entrega dos certificados às formandas, representantes do saber e aspirantes do poder. A profissão era aceita pela classe proprietária, oferecendo *status* às moças, e possibilitava ainda, proteção paterna às filhas, pois as famílias não abriam mão de estar ao lado das filhas até o casamento. A fala das entrevistadas permitiu compreender as motivações que levaram as moças a matricularem-se no colégio. Nenhuma delas relatou necessidade de entrar no magistério para ajudar em casa ou o marido. Todavia, hoje já aposentadas, reconhecem a importância do salário que recebem para viverem. Estudar no Instituto Santa Dorotéia era importante. Muitos dos pais pagavam com sacrifício as mensalidades, mas não abriam mão da presença da filha no colégio, o que garantiria a ampliação do espaço social, tendo em vista o respeito por parte das pessoas da sociedade. A Sra. Marta Hermelinda Toledo, ex-aluna e ex-professora, ressalta em sua fala:

Meu pai era um homem tradicional e muito conservador, que sempre acreditava que a mulher deveria ficar em casa. A única profissão aceitável era o magistério. Ser professora na época era algo muito importante, razão esta da mamãe ter feito magistério e nos influenciar. (EX-ALUNA).

As cerimônias de formatura funcionavam como uma apresentação oficial das novas professoras aos comandantes da cidade, fortalecendo as relações com as lideranças políticas e religiosas locais, facilitando assim, o ingresso destas futuras professoras nos grupos escolares comandados ou influenciados na sua direção por estas autoridades. Portanto, o Instituto contribuiu para a consolidação da feminização do magistério na cidade e região, como também para a superação da imagem da mulher essencialmente atrelada ao lar, conforme explica Cláudia Vianna:

Assim, pouco a pouco, desde o século XIX, os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica se mantém ao longo do século XX e, como mencionado anteriormente, é acompanhada de intensas alterações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas que acabam por determinar a grande participação feminina no mercado de trabalho. (VIANNA, 2002, p.45).

Os valores inerentes à comandante do lar, próprios do período e pregados pela Igreja, foram estendidos às salas de aula, rompendo padrões machistas existentes nas tradicionais famílias patriarcais, abaladas pelas transformações sociais do período.

Todas as entrevistadas foram eloqüentes ao narrar suas trajetórias no Instituto, enfatizando marcas, pertencas, saudades, e socializando o significativo lugar da escola em suas vidas. O cotidiano do Instituto revelou a dinâmica vivida pelos sujeitos, dando-nos elementos para a compreensão e reconstrução da história do colégio. Revela-nos ainda, o que era ensinado, permitido e aquilo que era censurado. Vale destacar o controle por parte das irmãs e indiretamente por parte dos pais, a fim de que o que era tido como padrão fosse incorporado por todas as alunas.

A formação para a vida seguia um ritual apresentado ao longo do ano através do cumprimento do regimento interno, conciliando o individual ao coletivo, o que era materializado no currículo. As recordações são diversas, o que nos permite conhecer coisas novas, algumas surpreendentes, consequência da diversidade do conteúdo da memória das depoentes, conforme explica Ecléa Bosi:

Traços novos afloram, outros se apagam conforme as condições da vida presente, dos julgamentos que somos capazes de fazer sobre seu tempo. Nos velhos retratos, o impacto da figura viva vai-se apagando, ou vai sendo avivada, retocada. (BOSI, 2004, p.426).

Um aspecto na memória de todas as entrevistadas é a presença da família em relação às matrículas e permanências no colégio que, antes de agradar às moças, deveria corresponder às expectativas dos pais. A confiança dos pais no trabalho das irmãs era imprescindível para que as filhas pudessem estudar e serem professoras, e acima de tudo, fazerem parte de uma minoria privilegiada, o que proporcionava status às meninas em busca de ascensão social. Os relatos das ex-alunas e ex-professoras expressam a atuação decisiva dos pais em suas vidas escolares:

-Meus pais também sonhavam formar seus filhos. Minhas irmãs mais velhas não estudaram porque não quiseram. Muitas vezes deixei de arrumar namorado por medo de não poder estudar. Minha mãe dizia “arrumou namorado não estuda”. Às poucas vezes que namorei, foi escondido. Meu pai pagava nossos estudos com muito sacrifício. (Ex-aluna: Raquel Ribeiro Costa).

-Ser professora era importante nestas décadas de 50 e 60. E mais, agradava aos pais. (Ex-aluna: Déa Márcia Beraldo Simões).

-Meu pai insistia muito para que eu me formasse, mas gostava muito de ir às festas, principalmente aos bailes, que era a principal diversão da época. (Ex-aluna Anna de Oliveira).

As lembranças específicas da escola expressam o verdadeiro significado do Instituto para cada entrevistada, considerando seu tempo e espaços lá vivenciados, o que remete à explicação de Halbwachs sobre a ligação entre a memória individual com a memória do grupo de seu contexto, e que é peculiar a cada sujeito. O cotidiano do Instituto presente na memória das ex-alunas foi sendo construído a partir das datas, nomes, horários, regras, características do espaço físico, curiosidades e experiências vivenciadas com riqueza de detalhes. A grande maioria narrou e analisou ao mesmo tempo, mas sempre destacando aspectos da disciplina, como cumprimento das normas, bem como as formas encontradas para ignorar as regras, conforme ressaltam as ex-alunas:

-A escola adotou uma rígida disciplina, porém nada exagerado. Era o padrão da época. Não podíamos conversar nas filas e nem na sala de aula, apenas no intervalo. Na sala sentávamos separadas das internas, e nos intervalos, também ficávamos separadas. (Ex-aluna Martha Hermelinda Toledo).

-O colégio tinha um padrão de disciplina. Não estranhei, pois era o mesmo do papai e da mamãe. Assim que chegávamos, a madre Guerra tocava o sino e fechava o portão. Em fila fazíamos o oferecimento do dia. (Ex-aluna: Henriqueta Fagundes).

-A disciplina era rigorosa, porém sadia. Foi ótimo, gostaria que agora tivesse escolas como esta. Quando entrávamos uniformizadas não podíamos conversar com homens. Num determinado dia o cantor Nelson Gonçalves esteve aqui, Regina Rios, eu e mais duas colegas fomos próximo ao hotel para pegar autógrafos. Não chegamos a entrar no apartamento, ficamos do lado de fora, porém no dia seguinte fomos ao colégio com muito medo. Sempre existia alguém para contar às irmãs. (Ex-aluna: Rachel Ribeiro Costa).

-A disciplina atendia aos costumes da época, mas tinham coisas que poderiam ter sido diferentes. Usávamos uniforme azul com meias brancas e sapatos pretos, e era proibido usar esmalte. (Ex-aluna: Déa Márcia Beraldo Simões).

O ensino, reconhecido por todas as ex-alunas como de qualidade, era centrado em bases tradicionais. Todas as atuações das mestras e das professoras eram norteadas no sentido de manter a tradição herdada dos moldes europeus, preservando os costumes socialmente aceitos, principalmente a moral e as práticas religiosas. As práticas pedagógicas do Instituto pouco estimulavam a capacidade crítica das alunas, pelo contrário, a postura de submissão era fomentada, supervalorizando a memorização e deixando em segundo plano o exercício da capacidade crítica. Não existia incentivo por parte das irmãs para a formação da postura crítica, e tampouco havia espaços para debates no âmbito político. Todos os desafios e injustiças sociais passavam distantes do cotidiano escolar, pois a prática de um ensino conservador é característica marcante dos colégios da Congregação das Dorotéias. Relendo o regimento interno do colégio nos itens – *“Das provas parciais e finais”* – lê-se no art. 34: *“As alunas não poderão ter consigo, durante a realização das provas parciais, livros, cadernos, ou quaisquer subsídios, exceto os expressamente consentidos pelo professor, como sejam taboas de logaritmos ou dicionários”*. Este processo era enfrentado com temor pelas alunas, conforme depoimento da ex-aluna Rachel Ribeiro:

As avaliações eram escritas e orais, o que causava muito medo, principalmente as aplicadas pela Madre Porto. Eram feitas nas salas de aulas, onde a freira chamava uma a uma na frente. Para algumas avaliações existia um sorteio feito na hora, de temas marcados anteriormente. Esta situação forçava-nos a estudar tudo, pois não sabíamos o que seria sorteado. (Ex-aluna Rachel Ribeiro Costa).

O controle sobre os corpos levava ao controle dos sentimentos, incorporando as moças a um contexto de docilidade, visto como natural e necessário, sendo as mulheres vistas como futuras mães e responsáveis pelo comando da casa, conforme pregava a representação social da mulher. E ainda deveriam se constituir em um modelo para a sociedade, afinal o magistério era visto como uma extensão do lar, onde se consolidavam as virtudes necessárias para a boa conduta. Justificava-se assim, a investida das seguidoras de Paula Frassinetti numa educação centrada nos padrões morais, bons costumes e nas práticas da fé católica, que seriam reproduzidas na família e na sociedade. As narrativas das professoras Olga e Anna de Oliveira reforçam:

-O colégio realizava várias novenas ao longo do ano, mas o mês de maio, dedicado a Maria, era o que mais intensamente se comemorava. À tarde, as meninas iam, divididas em grupos, levar flores a Nossa Senhora. As freiras faziam uma prévia divisão das meninas, de maneira que todas passassem pela capela. Os retiros duravam três dias, período em que as aulas eram suspensas. Ficávamos lendo livros religiosos e participando das palestras e missas. Nem todas as alunas cumpriam esses rituais. (Ex-aluna: Olga Maria Lisboa Guerra).

-Antes das aulas, tínhamos que participar da santa missa na capela do colégio, a presença valia nota de religião. Ficávamos rezando o terço antes da chegada do padre. Na quinta-feira era dia de catecismo, dado por um padre muito sério e severo da paróquia do Santuário do Imaculado Coração de Maria. (Ex-aluna: Anna de Oliveira).

Todo o controle exercido pelas irmãs visava atingir o objetivo maior da educação das Dorotéias, que era a formação cristã das futuras mães. Mecanismos religiosos diversos foram usados para garantir uma vivência religiosa e perenizar a formação espiritual, conforme relatos anteriores. A ex-aluna Olga, falando sobre a formação religiosa dentro do Instituto ressalta ainda:

Para reforçar a prática religiosa, as irmãs criaram as cruzadinhas, que tinham estatuto próprio; participavam desta as meninas que se destacavam na vivência religiosa e na parte litúrgica. (Ex-aluna: Olga Maria Lisboa Guerra).

A organização de associações religiosas foi um instrumento adotado para fortalecer a formação religiosa. As moças pertencentes à cruzada eucarística eram adolescentes que buscavam sólida formação espiritual e apostólica, procurando cumprir os conselhos do Papa Pio XI que disse: “*As adolescentes da cruzada são soldados de elite que, para serem fortes, alimentam-se do Pão Eucarístico*”. A cruzada eucarística foi fundada no colégio em 4 de junho de 1937, composta por cerca de 60 meninas. A aluna da 3^a. série ginásial, Sônia Maria Vieira, em texto publicado na revista do colégio de 1959, assim concluiu seu artigo sobre as cruzadas:

Que esta Associação, tão bem organizada e dirigida, eleve o nível espiritual do nosso colégio e, depois, o do mundo, fazendo com que os homens deixem de olhar para si mesmos e olhem para o Alto, sedentos de uma doutrina sã, constituindo assim, eterna glória no céu. (pág. 74).



Figura 23 – Apresentação das cruzadinhas (Fonte: Arquivo da congregação – SP).

Assim, o Instituto implanta uma vigilância sobre suas alunas, de modo que seus comportamentos fossem coerentes com os ideais difundidos pela Igreja e pelo colégio. O currículo era revestido de uma intencionalidade capaz de assegurar um perfil específico ao Instituto, procurado por moças da região e de outros Estados, distinguindo-o das demais instituições educacionais da cidade. Portanto, o regimento interno contemplava esta exigência, ao ressaltar (1944):

As alunas que em público não honrarem o uniforme do estabelecimento, por sua conduta ou usarem-no fora dos atos supra indicados, estão sujeitas a penalidades

como: perda de qualquer distinção honorífica, diminuição da nota de bom procedimento e no caso de reincidência, suspensão por 3 e mais dias. Do mesmo modo as alunas que por sua conduta não honrarem o nome do estabelecimento, estarão sujeitas às mesmas penas e até expulsão. (Regimento Interno, 1944).

Os pais tinham conhecimento das regras impostas às suas filhas, pois no ato da matrícula assinavam o termo de concordância com o regimento interno, principalmente o uso do uniforme que era a marca do colégio, respeitado por toda a sociedade pousoalegrense, que nos dias de desfile aguardava com expectativa as moças subirem a avenida. Os desfiles eram momentos especiais, por meio dos quais as moças do colégio se distinguiam das demais. Todas as entrevistadas lembraram das filas diárias, do uniforme e da postura exigida na sala e no pátio. As ex-alunas e ex-professoras, Déa e Martha destacam:

-A disciplina atendia aos costumes da época, mas tinham coisas que poderiam ter sido diferentes. Usávamos uniforme azul com meias brancas e sapatos pretos. O uniforme de gala era cor creme, usado nos dias especiais. Esmalte era proibido. Entrávamos em fila e na sala recebíamos as professoras em pé. (Ex-aluna: Déa Márcia Beraldo Simões).

-Não podíamos conversar nas filas e nem na sala de aula, apenas no intervalo. Na sala sentávamos separadas das internas, e nos intervalos também ficávamos separadas. Nossa relação com as professoras era de muito respeito e admiração. O uso do uniforme era obrigatório: saia azul-marinho pregueada, blusa branca e sapatos pretos. (Ex-aluna: Martha Hermelinda Toledo).

Apesar de toda a disciplina imposta, os laços de amizade, respeito e admiração entre os mestres e alunas eram fortes. As irmãs faziam papel de mães, ensinando princípios básicos considerados necessários para o desenvolvimento físico, moral, e intelectual das meninas, a partir de uma concepção de cultura como distinção social, conforme Riolando Azzi registra:

Uma das características da educação ministrada pelas dorotéias era procurar fazer com que as educandas considerassem o colégio como um segundo lar, e que as religiosas passavam a constituir a sua nova família, na qual a superiora da

comunidade exercia o papel de mãe. Assim, sendo, as meninas não deviam ter medo ou temor das mestras e da diretora, mas, ao contrário, estimá-las com afeto e veneração. Por sua vez, as religiosas procuravam exercer sua função educativa como verdadeiras mães, dedicadas ao bem de suas filhas. Esse clima familiar fazia com que surgisse nas alunas uma grande estima pelo colégio e pelas religiosas que o dirigiam. (AZZI, 2000, p.231).

Nesse contexto, há que se mencionar a atuação da Associação das Ex-alunas, criada pelo colégio para manter o elo com as ex-normalistas, proporcionando encontros das ex-alunas com suas formadoras nas dependências do Instituto. Estes momentos eram bem explorados pelas irmãs no sentido de aproximar da elite local, divulgando as ações da instituição e mantendo o sentimento de pertença das ex-alunas e algumas na condição de mães de alunas. Muitas das entrevistadas expressaram sentimentos enraizados na autoridade, vivenciada no passado, no qual os pais haviam transferido ao Instituto. Fazendo o papel da família, o colégio impunha práticas repressoras como forma de manter o controle das alunas, portanto, durante a reunião da Associação, as irmãs sempre se desculpavam dos excessos cometidos, valendo-se dos momentos de reflexão e perdão existentes nos retiros das ex-alunas.

Convém ressaltar que, em vários momentos as entrevistadas expressaram espontaneamente a influência e a importância que o Instituto teve para elas. Certos episódios do cotidiano escolar estão presentes, pois foram lembrados com detalhes, sendo todos relacionados ao significado do colégio em suas vidas. De modo geral, as ex-alunas lembraram com carinho dos anos vividos no Instituto, e em especial de algumas formadoras, conforme relatos:

- Posso dizer com certeza que aprendi muito com as irmãs. (Ex-aluna: Martha H.Toledo).
- O colégio muito me influenciou na minha trajetória pessoal. A pessoa mais importante na minha passagem pelo colégio foi a Madre Porto. Professora de Português, literatura, filosofia e metodologia. Uma mulher bonita, inteligentíssima com postura destacável. A influência foi tanta que, após minha formatura em 1957, fui para o Rio de Janeiro cursar letras clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Úrsula da Pontifícia Universidade Católica. (Ex-aluna: Déa Márcia Beraldo Simões).

- O colégio, principalmente a Madre Oliveira, foi importante na minha vida, quando era criança e precisava de orientação. Também fui muito influenciada na área de esportes, sempre gostei de praticar voley. (Ex-aluna: Olga Maria Lisboa Guerra).

- Que tempo bom! Minha vontade era de colocar minhas filhas e netos para estudar no Instituto. Além da formação intelectual, elas também nos passaram muitas outras coisas importantes para o nosso viver. (Ex-aluna: Rachel Costa Ribeiro).

Neste processo em que damos visibilidade à memória das ex-alunas do Instituto Santa Dorotéia, a possibilidade de lembrar conferida a antigas alunas permitiu identificar as formas de resistência vivenciadas pelas moças dentro do colégio. Não pretendemos aqui realizar um estudo detalhado sobre as formas de oposição das ex-alunas em relação à proposta do colégio, mas queremos evidenciar as posturas de enfrentamentos apresentadas pelas alunas que colaboraram com o nosso estudo. Embora pontuais, as lembranças de algumas ex-alunas que participaram deste estudo indicam que as regras do colégio não eram sempre obedecidas; havia vários enfrentamentos. Grande parte dos documentos oficiais da Instituição, como também parte das entrevistadas, ignoram esses momentos vividos no interior do colégio, o que exige consequentemente um olhar atento às situações complexas enfrentadas pelos sujeitos. Os fragmentos do passado das ex-alunas permitem-nos explicitar as resistências, como também as formas punitivas adotadas pelas irmãs. A coragem foi marcante em algumas das moças que usaram de meios criativos para esquivar-se da vigilância das mestras, rompendo assim, com os padrões estabelecidos pelo Instituto. A ex-aluna Marli Figueiredo Simões destaca as formas punitivas mais comuns como:

Baixar a nota de comportamento, advertências por escrito, impedimento de ir ao recreio, e convocar os pais das meninas para que diante dos mesmos fossem advertidas e muitas vezes humilhadas pelas mestras. A saia deveria estar abaixo do joelho. As meninas que tinham encurtado a saia passavam pelo constrangimento de ter sua saia medida e após conferir a madre soltava as costuras da barra. Saíamos pela rua com a barra da saia descosturada.

A ex-aluna Clarice de Fátima Duarte confirma as formas de resistências, como também a disciplina imposta pelo colégio:

A disciplina era severa. Todas as alunas deveriam usar a saia do uniforme abaixo do joelho, porém assim que saíamos do colégio levantávamos a saia, tentando aproximar da moda.

O Instituto naturalmente tentava desviar as meninas do interesse para a moda, como também desviar atenção sobre a sexualidade, consolidando a atmosfera religiosa que envolvia o cotidiano escolar. A formação estava centrada na austeridade, renúncia e abnegação, preparando-as para a vivência no lar e exercício da profissão, que exigia muitas privações. As novas professoras deixavam o Instituto, cientes dos desafios do magistério, ainda visto não como uma profissão, mas como um sacerdócio, conforme ressalta a formanda do ano de 1959, oradora da turma, professora Justina Coutinho, fazendo uso do microfone da Rádio Club de Pouso Alegre que cobria a festa:

[...] há a aurora que anuncia o assumir de uma nova missão, sim a sagrada missão do magistério. É esta festa a sintetização de um cerimonial que nos unge, nos sagra sacerdotizas, uma vez que o magistério se resume num sacerdócio de amor, de abnegação e de apostolado. Campos imensos abrem-se para nós, repletos de almagazinhas em flor, as quais deveremos formar, conduzir e moldar, dentro dos ditamos da educação cristã....

É o nosso diploma, onde se acha ainda fresca a tinta de nossa assinatura um atestado vivo do nosso sacerdócio [...]. (Revista - Ginásio e Escola Normal “Santa Dorotéia”, Pouso Alegre, 1959, p.117).

De um modo geral, este é o perfil predominante das professoras recém-formadas no Instituto, muitas saíam reproduzindo na sociedade os valores morais e religiosos adquiridos no colégio, encarando o magistério como missão, sujeitando-se aos baixos salários e às péssimas condições de trabalho predominante na região. Porém, outras rompendo barreiras, não se sujeitando às imposições de seu tempo, contribuindo assim, para uma atuação mais autônoma da mulher na sociedade local.

Finalmente, pode-se concluir que estes fragmentos das lembranças de momentos vividos no Instituto, afloraram de forma não linear, porém foram imprescindíveis para a reconstrução das experiências de vida que possibilita uma compreensão do cotidiano do colégio. A postura adotada neste processo de reconstrução da experiência destes sujeitos, distancia do modelo vigente imposto pela modernidade, descomprometido com a

valorização da experiência, entendida na perspectiva destacada por Jorge Larrosa Bondía (2002): *“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”*. Estas lembranças de pessoas que passaram pelo Instituto não trouxeram o passado de volta, mas viabilizaram aos sujeitos retomar parte de sua história num entrelaçamento contínuo entre o passado e o presente, via memória, contribuindo para as representações acerca da história e memória do Instituto Santa Dorotéia. As lembranças, muitas detalhadas, do espaço físico do colégio, da capela, da quadra de esportes, dos casarões, bem como dos quarteirões próximos ao colégio que formam o centro da cidade, permitem-nos materializar a memória, e resignificar os lugares que preencheram os espaços destas ex-alunas. Nestes momentos de retorno ao passado foi possível perceber a importância do lugar no processo de construção da identidade das entrevistadas, conforme destaca Maria Ângela Borges Salvadori (2007): *“O lugar desempenha um papel fundamental na construção da identidade, sendo uma referência obrigatória para a constituição de uma visão de si mesmo, do outro e do mundo ao redor”*. Esta concepção reforça também a compreensão já destacada por Ecléa Bosi, que trabalhar com memória não significa “reviver”, mas sim, reconstruir o passado, gerando forças que movem a construção da própria identidade. Portanto, as recordações, dentre tantas possíveis, sinalizam para a contemporaneidade do trabalho com memória, reconstruídas na perspectiva da valorização da experiência que dá voz ao sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho inicialmente buscou reconstruir a trajetória do Instituto Santa Dorotéia de Pouso Alegre MG, desde sua fundação em 11 de fevereiro de 1911, destacando seu cotidiano centrado na disciplina e voltado para a instrução religiosa e educação para a vida urbana. Trabalhamos com memória na busca de conhecimento do passado, construído a partir dos fragmentos lembrados pelas ex-alunas e ex-professoras do Instituto. Fios ligando o passado ao presente foram revitalizados, via memória, proporcionando muitos significados às recordações dos sujeitos colaboradores voluntários deste projeto.

A imponente construção do Instituto, o primeiro edifício da cidade, expressa de forma simbólica o momento em que o município de Pouso Alegre caminhava de um contexto rural para o urbano. A expressão arquitetônica do colégio dava visibilidade à cidade que abria espaços à emergente classe proprietária ligada ao comércio e à incipiente indústria que se instalava. Uma nova cultura gerada pela classe dominante provocou um processo de escolarização que agrupou as filhas das elites dirigentes, buscando uma formação inspirada nos moldes europeus, como instrumento de ascensão social. O colégio dirigido pelas irmãs da Congregação de Santa Dorotéia exercerá forte influência na sociedade pousoalegrense, e por outro lado sofrerá influência da sociedade local, principalmente da hierarquia religiosa que, apesar da separação Igreja e Estado, iniciada no começo do período republicano, ainda exercia um forte controle sobre as consciências da população predominantemente católica. Portanto, a distribuição dos espaços, do tempo, preceitos e valores serão controlados de forma a assegurar a formação das moças, conferindo ao colégio uma posição de destaque na cidade e na região.

A tessitura do trabalho possibilitou compreender o significado de sua presença junto à sociedade, bem como as fortes ligações com o poder político e religioso local. O ideal de civilização imposto pela República encontrou espaço oportuno e eficaz junto ao Instituto, que por meio de seu currículo, soube conciliar os anseios dos pais, preocupados em oferecer às suas filhas uma cultura geral letrada, com a reprodução dos preceitos morais e religiosos que a tradição mineira exigia.

O capítulo I reconstrói o dia-a-dia do Instituto, a partir de documentos oficiais da própria instituição, confrontando com os relatos das entrevistadas, com enfoque especial no período de 1911 a 1944, época em que o Instituto ocupava um lugar de consagração na

difusão de comportamentos considerados imprescindíveis às moças da cidade e região. As mulheres, filhas de proprietários, de grandes comerciantes e de altos funcionários públicos, inseridas no contexto conservador da Primeira República, ingressaram nas Escolas Normais, buscando formação acadêmica, porém sem se descuidar da formação religiosa e moral, que segundo a mentalidade da época, a mulher em primeiro lugar deveria ser “mãe virtuosa”, por ser considerada a principal pilastra de sustentação do lar. O Instituto abraçará, portanto, estas concepções, adotando-as como princípios norteadores de seu currículo, coordenados pelas mestras, por meio de retiros espirituais, de associações religiosas e práticas pedagógicas lá vivenciadas.

O capítulo II analisa como a escola aparece em outros suportes de memória da cidade de Pouso Alegre, principalmente nos jornais e revistas da época. A relação entre escola e cidade foi destacada, valendo-se do momento em que a educação configurava-se como um instrumento viabilizador das transformações que colocariam o país entre as nações desenvolvidas. A cidade caminhava para uma significativa ampliação da industrialização e urbanização, e a elite pousoalegrense buscava uma educação que preparasse suas filhas para a emergente vida urbana, fortalecendo assim, a feminização do magistério, por meio do qual se dá a entrada da mulher na sala de aula, como aluna e como professora primária. O ideal de modernidade será propagado por um dos seus símbolos, a imprensa escrita, notadamente um dos pilares de vida política, religiosa e educacional da sociedade local. A imprensa, um dos marcos identitários da cidade, terá papel relevante, veiculando idéias voltadas para a modernidade que consolidou o domínio das elites sobre a população. Tanto os representantes do poder político como os do poder religioso fizeram uso do Instituto e da imprensa para ampliar e divulgar suas idéias e projetos, garantindo assim, o controle da sociedade local, e a permanência de seus privilégios.

O capítulo III expôs os fragmentos das memorizações das ex-alunas e buscou interpretar tais fragmentos. Estes possibilitaram uma análise na perspectiva histórica dos momentos vividos, os quais não foram encontrados nos documentos escritos, mas que muito contribuíram para a construção deste trabalho.

Sem pretender apresentar uma síntese exaustiva, é possível ressaltar que o Instituto Santa Dorotéia, ao longo dos seus 65 anos de existência, supriu as necessidades da elite sul-mineira, que buscava uma escola confessional para preparar suas filhas para ocupar um lugar de destaque no novo espaço social, que o discurso republicano estabelecia.

ARQUIVOS CONSULTADOS

MUSEU TUANY TOLEDO DE POUSO ALEGRE-MG

ARQUIVO DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE POUSO ALEGRE

ARQUIVO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTÉIA –
PROVÍNCIA BRASIL – SUL – SÃO PAULO - SP.

ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DA ARQUIDIOCESE DE POUSO
ALEGRE - MG

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO DE BELO HORIZONTE - MG

Documentos

Álbum de fotografias da Congregação – Província Brasil - Sul.

Atas de exames de admissão, anos 1915-1960.

Atas de notas, anos 1911-1976.

Atas de provas orais, anos 1915-1960.

Cartas anuais do Instituto Santa Dorotéia – Província Brasileira do Sul – Casa de Pousos
Alegre, de 1939-1956.

Certificado de conclusão do curso ginasial, 1954.

Convite de formatura do Colégio Normal Santa Dorotéia, ano 1966.

Diploma de catequista do Ginásio e Escola Normal “Santa Dorotéia”, ano 1957.

História da Casa de Pousos Alegre, livro 1.

História da Casa de Pousos Alegre, livro 2.

Livro de Colação de Grau, anos 1912-1976.

Livro de matrículas, anos 1911-1976.

Oração de despedida – coro falado, ano 1966.

Regimento Interno do Instituto Santa Dorotéia, ano 1944.

Relatório da Inspeção Prévia do Ginásio “Sagrada Família”, ano 1944.

Relatório de Inspeção Prévia do 2º. Ciclo para fins de funcionamento, 1959.

Relatório de revisão e ficha de classificação, ano 1949.

Resumo Histórico da dispersão das irmãs Dorotéias de Portugal.

Revista do Ginásio e Escola Normal “Santa Dorotéia”, ano 1959.

Revista da Casa Provincial do Sul do Brasil, Friburgo, 1957.

Jornais e Revistas

A CULTURA EM REVISTA, edição comemorativa do centenário. Pouso Alegre, 1948.

JORNAL A CULTURA, ANOS 1937-1944.

JORNAL CORREIO SUL MINEIRO, ANOS 1904-1906.

JORNAL GAZETA DE POUSO ALEGRE, ANOS 1953 -1956.

JORNAL O ACADÊMICO, ANOS 1919-1930.

JORNAL O CENÁCULO, ANO 1934.

JORNAL O INDEPENDENTE, ANO 1912.

JORNAL O LINGUARUDO, ANOS 1934-1977.

JORNAL O MUNICÍPIO, ANOS 1938-2007.

JORNAL O POUSO ALEGRE, ANOS 1909-1921.

JORNAL POUSO ALEGRE, ANO 1933.

JORNAL SEMANA RELIGIOSA, ANOS 1902-1986.

JORNAL SUL DE MINAS, ANO 1900.

JORNAL SUL MINEIRO, ANOS 1914-1916.

DISSERTAÇÕES E TESES

BARRA, Valdeniza Maria da. (2001). *Da pedra ao pó: o itinerário da lousa na escola paulista do século XIX*. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. (2003). *A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica*. Tese de doutorado apresentada à Universidade Estadual de Campinas.

CANTUÁRIA, Adriana Lech. (2000). *A escola pública e a competência escolar: o caso do Colégio Culto à Ciência de Campinas*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas.

PINHEIRO, Maria de Lourdes. (2003). *A escola normal de Campinas no período 1920-1936: práticas e representações*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas.

SOUZA, Vera Lúcia do Lago. (2006). *Athenas do Sul de Minas: memória e história da educação: práticas e representações das elites de Campanha – 1870 / 1930*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

APPLE, Michel W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. *Caderno de pesquisa*. São Paulo (60): 3-14, fev.1987.

AZANHA, José Mário Pires. Cultura escolar brasileira. *Revista USP*. São Paulo: dezembro-fevereiro, 1990-1991, p.65-69.

AZZI, Riolando. *Educando pela via do coração e do amor*. Rio de Janeiro: Congregação, 2002.

BASTOS, Maria José Silva. Mulheres na sala de aula. *Revista HISTEDBR on-line*, Campinas, nº. 21, p.15-25, março, 2006.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p.607-639.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.7-19.

_____. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

BEOZZO, J. O. (Org.). *Os religiosos no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Paulinas, 1986.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*. Jan/fev/mar/abr., 2002, nº. 19, pp.20-28.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1999, p.91-135.

BOURDIEU, Pierre. Espíritos de estado: Gênese e estrutura do campo burocrático. In: _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1997.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Caderno de pesquisa*, São Paulo (64): 4-13, fev.1988.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. *Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971*. São Carlos: EDUFSCAR, 2002.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. *Schola Mater: a antiga escola normal de São Carlos - 1911-1933*. São Carlos: EDUFSCAR, 2002.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. Formação do magistério em São Paulo: do Império a 1930. *Revista de estudos e pesquisa em educação*. Fundação Carlos Chagas, fevereiro, n°. 72, 1990, pp.5-16.

CAMPOS, Maria Chistina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. (Orgs.). *Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A escola e a república. In: *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

_____. A história da educação no Brasil: tradições historiográficas e reconfiguração de um campo de pesquisa. In: *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

_____. *Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da associação brasileira de educação (1924-1931)*. Bragança Paulista, EDUSF, 1998.

CHERVEL, André. (1990). História das disciplinas escolares: reflexão sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, v. 2, 1990, p.177-228.

CORREIA, C.H.P. *História oral: teoria e técnica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1978.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. São Paulo, Cortez e Moraes Ltda, 1978.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DE CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.81-110.

DIAS, Márcia Hilsdorf. O diário de São Paulo como fonte. In: VIDAL, Dianna Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez C. de. (Orgs.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). *Novos temas em História da educação brasileira*. Uberlândia, MG: UDUFU; Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.133-150.

FERNANDES, Rogério; MENEZES, Maria Cristina. A cada um o seu lugar ou as normas do ensino mútuo. In: FELGUEIRAS, M. L.; MENEZES, M.C. (Orgs.). *Questionar a sociedade, interrogar a história (re) pensar a educação*. Porto: Afrontamento, 2004, p.553-562.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOUVÊA, Octavio Miranda. *A história de Pouso Alegre*. Pouso Alegre, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KUHLMANN JR, Moysés. *As grandes festas didáticas: educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Ed. da Universidade São Francisco, 2001.

_____. Raízes da historiografia educacional brasileira. *Cadernos de pesquisa*, nº. 106, p.159-171, mar.1999.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. Ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p.443-481.

_____. Pedagogia da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp.7-34.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (Orgs.). *A Leitura de imagem na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 19-36

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. Editora Loyola, 1994.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

MOREIRA, Antônio Flavio B. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas: Papirus, 1990.

MOURÃO, P.K.C. (1959). *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte, Centro Regional de Pesquisa Educacionais de Minas Gerais.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. (Orgs.). *Instituições escolares no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, D. & BASTOS, M.H.C. (Orgs.). *Educação em revista: A imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, pp.11-32.

_____. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria & educação*, 4.1991, p.109-137.

NUNES, C. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. In: 500 anos de educação escolar. *Revista brasileira de educação*. Anped. Mai/jun/ago, n.14, 2000.

NUNES, Maria Jose Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 482-509.

OLIVEIRA, Eduardo Amaral de. *Pouso Alegre histórico*. Pouso Alegre, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, abr. 1997, p. 13-33.

QUEIROZ, Amadeu de. *Pouso Alegre: origem da cidade e a história de sua imprensa*. Pouso Alegre, 2001.

REGO, Teresa Cristina. *Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis: vozes, 2003.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. Inspirações da memória e identidade docente. *Proposições*, v.18, nº. 2(53) - maio/agosto, 2007, pp.167-181.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. *Escola e memória*. Bragança Paulista, SP: Edusf, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. Introdução: Costume e cultura. In. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, Alvarina Amaral de Oliveira. *Uma história que já vai longe*. Niterói: Gráfica Falcão, 1997.

VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. *História da educação*. São Paulo: Editora Ática Universitária, 2007, 328 p.

VEIGA, Cynthia Greive; FILHO, Luciano Mendes de Faria. A escrita da história da educação mineira – a produção de Paulo Kruger. In: GONDRA, José. (Org.). *Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o império e a república no século XIX*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001, p.37-58.

XAVIER, Libânia Nacif. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da educação nova (1932)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.